

e ninguém deixará de sentir, que as musas ouviram e satisfizeram os seus votos.

Sir William Jones, tão instruído em diversas linguas, como amante da literatura, explica-se assim: *Camoensium Lusitanum, cujus poesis adeò venusta est, adeò polita, ut nihil esse possit jucundius; interdum verò adeò elata, grandiloqua, ac sonora, ut nihil fingi possit magnificentius.*

Logo ao principio da leitura dos Lusíadas, experimenta-se uma commoção causada pelo fogo do patriotismo, que abrasa o poeta, anima todo o poema, e se communica ao leitor, ao mesmo tempo, que uma dicção correctá, fácil e elegante, o attrahe e prende pela sua harmonia. O ornato de figuras é admirável. As comparações, quando são feitas á imitação d'as de Homero, ou de Virgilio, egualam-nas, e não parecem copias; e quando são da propria invenção do poeta, são cheias da maior belleza e verdade. As descripções de sitios, de combates, e de scenas navaes são vivissimas, e tanto mais conformes ao natural, que elle as representa como quem as vira e presenceara. Nas pinturas, ou é grande, e vale-se dos fortes e sublimes pinceis de Miguel Anjo, e de Raphael; ou suave emprega as maneiras graciosas de Albano, e de Corregio: como aquelle, cujo coração reunia uma grande energia, e uma extrema sensibilidade. Podem citar-se muitos versos de poesia imitativa, que ferem pela sua propriedade. Elle possuia tambem a arte de ennobrecer pela linguagem poetica cousas usuaes e vulgares, de modo, que não apparecessem com desvantagem na epopea. São passados dous seculos e meio, e a pezar de ter sido Camões um dos primeiros, que formou a nossa lingua, não ha uma locução, quasi mesmo um vocabulo, que tenha envelhecido, ou seja escuro. Finalmente, de todas as maneiras, que se considere este poema; quer pelo que respeita ás regras da arte na composição e execução; quer pela sublimidade da invenção, e riqueza de erudição e sciencia; quer pelo que toca á moralidade dos sentimentos, e da lição, que dá aos homens; quer enfim pelo entretenimento, que a sua leitura fornece; todo o leitor imparcial e justo convirá, que não é inferior a nenhum dos melhores poemas epicos. Digo isto, dirigindome aos estrangeiros; porque estou persuadido, que os Portuguezes, assim como eu o sinto e penso, o devem julgar superior a todos, sem receio de que esta opinião se

attribua a uma insensata vaidade nacional, mas antes a um amor natural, e louvavel pelas nossas cousas, inspirado por uma razão bem justa de gratidão.

Os Lusíadas são um monumento da gloria nacional. Este poema deve ser para nós tão precioso, como a Iliada o foi para os Gregos. Se nesta foram cantados pelo primeiro Epico os tempos heroicos da Grecia, tambem nos Lusíadas são celebrados e cantados os insignes feitos, as victorias, e os trabalhos dos nossos antepassados. Assim cada Portuguez participa de uma tanto maior parte da gloria nacional em proporção da pequenez da nação, e ama tanto mais vivamente a sua patria, e o poeta, que conservou estas illustres memorias á posteridade. Cada familia nobre acha alli o seu nome, bem como as acções esclarecidas de seus avós, e não póde deixar de estimar em muito a honra de ver-se inscripta nestes archivos do heroismo. Cada cidade e villa é ali memorada. Os Portuguezes, como os Gregos e Romanos, tem portanto em Camões, o seu Homero, o seu Virgilio, ao qual devem a conservação e perpetuidade da sua illustre fama. Quem haverá pois entre nós de tão baixo coração, que não sinta um grato entusiasmo pelo nosso Poeta? Os inglezes o sentem por Shakespeare, a ponto de não soffrer, que se lhe descubra o menor defeito, cuja nota possa diminuir a admiração, que por elle teem. Johnson, Aristarco mais que severo, fallando do *Paraiso perdido* diz: « Qual será o inglez, que possa deleitar-se em notar os logares, que merecem censura, os quaes se diminuem a reputação de Milton, diminuem de certo modo a honra da nossa patria? » Se alguns pois entre nós ousaram fazel-o a respeito de Camões, elles se tornaram reos de uma culpa, que póde chamar-se anti-nacional.

Se não fosse obrigado a limitar-me nesta noticia do poema de Camões, eu fundamentaria com exemplos, assim como o fez Addison, as proposições, que adiantei; mas seja-me concedido apontar alguns dos logares e bellezas mais notaveis em cada um dos cantos; o que, se para os nacionaes é superfluo, póde ser util para os estrangeiros. A difficuldade é de escolher entre tantas bellezas.

Voltaire diz em alguma parte das suas obras, tractando do modo, por que Racine poderia ser commentado, que difficil seria não repetir a cada pagina as palávras, ad-

miravel, pathetico, sublime, em lugar de qualquer outro commento superfluo. Julgo, que o mesmo dicto se póde applicar a Camões; e assim espero me desculpem se repito muitas vezes estes e semelhantes applausos, nos logares, que vou apontar dos *Lusiadas*.

No canto I a introdução ou exposição é no verdadeiro estylo epico: nobre, e animada daquelle patriotismo, que vivifica todo o poema. A invocação ás musas do Tejo, e a oração dirigida ao Senhor D. Sebastião são uma expansão do mesmo sentimento, exprimido em bellos versos. Nesta se deve notar o tom elevado, e digno de um vassallo, que sente o seu valor, sem faltar ao respeito, mas que com nobreza diz ao soberano;

Vereis amor da patria não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno :

e fallando-lhe dos grandes reis seus predecessores, e dos grandes homens da nação com justo enthusiasmo, convida o moço rei a ser digno herdeiro das virtudes dos seus antepassados, e digno soberano de uma nação de heroes, cujo valor elle vai cantar nos seus versos.

É impossivel, que todo o homem instruido nos bons auctores antigos e modernos não reconheça a superioridade de sentimentos, e de tom do nosso Poeta, quando o comparar aos outros, e advertir no modo, com que Virgilio, e Lucano se dirigem aos Cesares, e Ariosto e o Tasso aos principes da casa d'Este.

O modo, por que Luiz de Camões entra na narração, é conforme ao dos antigos Epicos. Começa esta com a assemblêa dos deuses; e pela intervenção d'elles, attentos a occupar-se dos heroes do poema, e a os proteger, lhe dá uma maior importancia, e prepara o leitor a acções nobres e grandes.

Neste concelho, a magestade e superioridade de Jupiter Tonante são conservadas no tom e formas do seu discurso. A gelozia de Baccho, que anima o que elle pronuncia, é sustentado de um modo digno, e de maneira a fazer reccar os effeitos da sua opposição á empreza dos Lusitanos. Pelo contrario Venus conserva, nas poucas palavras, que diz, intercedendo por elles, um tom appropriado ao character conhecido d'esta deusa, que présa nos Portuguezes as qualidades, e a lingua semelhantes ás dos seus

Romanos. Marte, que sustenta esta protecção, e que estima o valor portuguez, se exprime com a vehemencia do deus da guerra, e mostra-se *iracundus, inexorabilis, acer*, e grande até no modo, com que se apresenta a Jupiter, d'entre os deuses, fazendo tremer o ceu. A linguagem poetica é aqui verdadeiramente a lingua dos deuses.

Este poema tem o raro merecimento de conservar fielmente, nos seus quadros, os costumes dos povos de Asia e de Africa, tambem como os dos cavalleiros aventureiros d'aquelle tempo na Europa. A primeira entrevista de Vasco da Gama com os Mouros de Moçambique é uma prova d'isto mesmo, não sendo possivel, que a poesia possa melhor, nem com mais verdade, representar a natureza nestes paineis.

A descrição de uma bella noite de luar, a da manhã seguinte são de uma elegancia engraçada: e o poeta imitando a Virgilio, como este a Homero, faz as descrições suas proprias. A comparação, que precede o combate, é nova, e de muita propriedade, e representada com as côres mais naturaes.

O combate, que se segue entre os Portuguezes e os Mouros é muito bem descrito, e de um modo rapido. Nelle não quero deixar de notar os dois bellos versos de poesia imitativa:

A plumbea pela mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assovia.

Logo no principio do canto II, ponderese, como Camões não perde uma só occasião de tocar tudo o, que honra a Nação: assim faz menção dos dois condemnados, que Vasco da Gama manda á terra. Os nossos grandes soberanos foram os primeiros, que commutaram a pena de morte deste modo, e com a transportação.

Para prevenir a cilada, que os Mouros ordiam em Mombaça aos navegantes, Venus desce ao mar, e convoca as Nereidas, e toda a mais cerulea companhia, para que juncto vão pôr o peito ás naus, e impedir-lhes a entrada no porto: invenção nova, e summamente bella, do nosso Poeta, que prova neste logar, assim como em outros, um ingenho inventor. As duas comparações das formigas, a das rãs são bem do estylo homerico.

Ainda não satisfeita Venus, sóbe ao sexto ceu para implorar Jupiter em favor da sua amada nação. Esta é uma das mais lindas

passagens d'este canto. A descripção da deusa, assim como a sua falla, são de um mimo poetico, e de um gosto puro em belleza de imagens, harmonia de versificação, e calor de estylo, que julgo, o mesmo Tasso (se ousou dizel-o) não igualou, imitando-a na sua muito bella, mas algum tanto estudada, descripção de Armida.

Ha no retrato, que faz da deusa, nos gestos, na linguagem, uma graça e suavidade, que mostram a excellencia do Poeta nas descripções, e nos sentimentos d'este genero.

A resposta do Padre Jupiter conserva a dignidade, que lhe é propria, quando lhe declara na mais alta poesia os decretos dos fados em favor dos Portuguezes, de modo a excitar a curiosidade e o desejo de conhecer os grandes feitos, que lhe são jvaticinados. Note-se a est. 53, em que elle imita a Virgilio, e o bom gosto, e concisão com que emula a este grande Poeta; e em todo o discurso a energia, e a auctoridade da linguagem.

A chegada da frota a Melinde, póde citar-se como modelo da arte oratoria o discurso do mensageiro de Gama. O do rei melindano é, qual convem a um principe, de quem Osorio diz: *In omni autem sermone princeps ille non hominis barbari specimen dabat, sed ingenium et prudentiam eo loco dignam prae se ferebat* (De reb. Emmanuelis).

Citei este historiador para melhor responder á critica injusta, que Voltaire fez de Camões, accusando-o, de que Vasco da Gama fallasse de Ulysses e Eneas a um barbaro africano, que não podia conhecer taes nomes. Deve causar surpeza, que a um homem tão erudito não lembrasse, que este rei era um arabe, em cuja lingua existiam então muitas traducções dos antigos, e muitos livros de sciencia, e historia; e olvidasse, que o poderiam com mais justiça culpar de pôr na boca de Mahomet fallando a Zopiro:

En Egypte Osiris, Zoroastre en Asie,
Chez les Crétois Minos, Numa dans l'Italie,
A des peuples sans mœurs, et sans culte, et sans rois,
Donnèrent aisément d'insuffisantes lois.

Na descripção da entrevista do Rei com Vasco da Gama se reconhece o talento do Poeta em relevar pelo estylo cousas usuaes e vulgares: ao mesmo tempo que todo este painel é tão animado e natural, que parece ver-se.

Se a exemplo da preferencia, que geralmente se dá aos IV e VI livros da Eneida, eu ousasse estabelecer uma primazia nos cantos dos Lusíadas, citaria os cantos III e IV, que contêm a historia da monarchia portugueza. É nesta narração, que o Poeta se mostra animado do patriotismo o mais ardente, que dá vida a tudo, e eleva egual aos primeiros poetas epicos. Vejo-me embarçado para citar com preferencia esta ou aquella passagem, porque tudo é admiravel. Alguns logares são eminentes pela sua perfeição classica; outros são de um gosto *rompntico* o mais selecto e original.

A descripção da Europa, pela qual elle começa, e que alguns criticos estrangeiros reprovam como um logar secco, póde servir de exemplo para dar uma idéa do talento poetico de Camões. As feições dos diversos climas, as allusões historicas fazem esta descripção pitoresca e agradavel. Se estas descripções se estimam em Homero, porque não as devemos avaliar no nosso Poeta? Os quatro versos, com que elle conclue a est. 21, não sei como se possam ler com seccos olhos:

Esta é a ditosa patria minha amada,
Á qual se o ceu me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo!

Por certo Camões nestes divinos versos exhalava pela boca de Gama o sentimento, que elle experimentava na India, quando continuava o poema, destinado á gloria dos seus compatriotas.

Prosequirei indicando os logares preeminentes: entre estes o modo, porque prepara a narração da batalha de Ourique (memoravel por si, e por datar d'este glorioso dia a fundação e independencia da monarchia portugueza), é grande como o sujeito. A apparição do filho de Maria ao senhor D. Affonso, a inflamação, que causa nelle e nos seus soldados, a confiança e valor, que inspira a este punhado de gente para levantarem Affonso sobre o pavez, como já certos do successo, caracterisam um ingenho epico.

Segue-se a narração da batalha, ou antes a viva pintura d'ella; e alli, como nas outras, que elle descreve, é que póde mostrar-se a differença entre o poeta soldado, que representa o que viu, e aquelle, que no seu gabinete imita ou copeia os historiadores e romancistas. Os rasgos são vivos, rapidos, naturaes, e proprios d'estas scenas horrorosas, como elle as tinha visto, militando.

Obrigado de passar rapidamente por muitas bellezas, estou certo, que as estancias 83 e 84, sobre a morte do nosso primeiro e grande rei, captaram a attenção de todos, pelo seu gosto apurado, e pelo pathetico da ultima.

A oração da rainha D. Maria é de uma grande perfeição oratoria; e supposto a situação seja muito semelhante á de Venus no canto II, deve reparar-se na differença dos pensamentos e affectos proprios para mover.

No verso

Que a vivos medo, e a mortos faz espanto,

esta ultima figura é de um bello atrevimento.

Depois de descrever com o mesmo calor e naturalidade a batalha de Tarifa, é muito ingenhoso o modo, por que introduz a historia tragica de Ignez de Castro. Neste lugar excellente basta citar o, que diz um homem tão eminente pelos seus talentos e puro gosto, como Voltaire, o qual assegura, que não ha em Virgilio (no auctor o mais judicioso e sensível de toda a antiguidade) uma passagem mais pathetica, mais propria a mover o coração, e mais perfeitamente escripta.

Em nenhum poema se encontram tantos elogios do sexo feminino, e dos seus attractivos poderosos. O coração sensível de Camões deleita-se em pintar a variedade da sua belleza, e dos seus encantos, as vicissitudes dos prazeres e penas do amor, com a effusão de quem o sabia sentir tão vivamente.

Mas não obstante esta ternura, que o poderia fazer desculpar a terrível vingança, que exercitou D. Pedro nos matadores da sua amada, Camões sempre philosopho reprehende severamente o pacto duro e injusto, que fizeram os dous Pedros, inimigos das humanas vidas.

Do episodio tão sensível como pathetico de D. Ignez passa o Poeta no principio do canto IV, a fazer o quadro horrissimo da guerra civil, originada entre a rainha D. Leonor, ajudada de poucos Portuguezes, e assistida dos Castelhanos, e o Senhor D. João o I, em que o Poeta se mostra verdadeiro Portuguez, e dicta aquelles sentimentos e principios, que devem animar todo o homem amante da sua patria, para sustentar a sua independencia, e resistir a toda e qualquer força estrangeira, que attenta violal-a. Tão bellas e dignas de geral applauso são

estas lições politicas (que a minha nação acaba tão gloriosamente de seguir nesta epoca, asselando a antiga virtude portugueza), quanto merece severa censura o commentador Faria nas suas notas sobre esta passagem; notas indignas de um bom Portuguez, e que verificam em demasia o dicto de Voltaire: *que os commentadores são sempre um pouco inimigos da sua patria.*

Não é pois de admirar, que o discurso do condestavel lhe não fizesse aquella impressão, que deve fazer em todo o coração portuguez. Na verdade é um modelo superior de eloquencia militar, cavalleira, e de patriotismo.

Os preparos para a guerra, assim como tudo o, que precede a memoravel jornada de Aljubarrota, que como a de Ourique tornou a consolidar a nossa independencia, são descriptos com rasgos admiraveis: mas tudo cede á descripção da batalha. Propriedade natural de imagens, harmonia, e poesia imitativa dos versos, representação grande e verdadeira d'esta scena sanguinolenta, fogo, que anima o todo do quadro; nada falta para fazer este painel completo e perfeito.

São trez as batalhas, que elle descreve; cada uma tem seu merito particular; e em todas é inimitavel pela verdade da pintura.

Seja-me licito fazer aqui pausa, para apontar como Camões seguiu uma das principaes regras da epopea, qual a de pintar e conservar fielmente os costumes da epoca em que pôz a acção do seu poema. Em todo elle se vê aquelle valor cavalleiro, aquelle espirito militar e romanesco, aquelle enthusiasmo, e amor da gloria, que animava a nação, e que fazia de cada Portuguez um heroe. Só assim é que pôde comprehender-se como depois da sua gloriosa historia das guerras com os Mouros e com os seus vizinhos, passaram audazmente a attentar e executar tão grandes acções, e tão vastas conquistas.

Neste lugar principia o que pertence mais particularmente ao sujeito e acção dos Lusíadas, que vem a ser as primeiras expedições nauticas, que prepararam o descobrimento da India.

(Continua).

INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Selectasinha Classica para uso das escolas do districto de Angra.

Distinguem-se entre todas as nossas escolas primarias as das Ilhas adjacentes pela

melhores habilitações dos seus professores, regular frequência dos alumnos, capacidade, situação e mobilia das casas, no que muito se deve ao zelo e esforços das camaras municipaes respectivas; e, o que a tudo sob'eleva, a sustentação das escholae é a menos gravosa ao thesouro; porque o patriotismo, amor das letras, e espirito geral de beneficencia dos habitantes insulares tem applicado ao ensino popular os sobejos dos rendimentos das irmandades, confrarias, junctas de parochia, e municipios, afóra avultados legados, e subscrições espontaneas, que a virtude de nacionaes, e estrangeiros está diáriamente promovendo. Oxalá tão bons exemplos fossem imitados no continente!

Os bons livros elementares são ainda hoje uma das primeiras necessidades para o nosso ensino primario apezar da collecção valiosa, que já possuímos, devida ao patriotico empenho de alguns bons escriptores. Sentindo essa necessidade o sr. Moniz Barreto Corte Real, commissario dos estudos na Ilha Terceira commettera a elevada, bem que ingrata, empreza de colligir, e coordenar excerptos escolhidos nos livros dos mais distinctos escriptores portuguezes, principalmente nas obras do nosso doutissimo Vieira, formando dest'arte collecção rica em volume pequeno, accommodado ás forças, gosto, e poucos haveres da maior parte, dos alumnos d'aquelle ramo d'instrucção.

As excellentes maximas moraes, bons exemplos, os dictos sentenciosos, e espirituosós acham-se reunidos, e dispostos methodicamente naquelle livrinho, constituindo assim um codigo de moral da infancia. Nem tem menos valor as encyclicas dirigidas aos chefes de familia a bem da frequência das escholae, e as allocuções feitas pelo mesmo commissario aos seus discipulos, que, impressas no principio da obra, lhe servem de valiosa introducção.

Quizeramos para dar alguma idea do manual transcrever d'elle alguns trechos. Não soubemos achar a preferencia. Fôra mister copial-o. Só não resistiremos á tentação de repetir uma sentença, que parece talhada de molde para o estado actual das transformações sociaes.

« Façam o que quizerem: em quanto se não cuidar effectivamente na educação da plebe, assim politica como religiosa, verão sempre perpetuada a cadeia das desordens, que desafiam a nossa magoa: porque em fim é grande loucura esperar, que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecermos outros recursos, que não teve a nossa. » (D. FR. CAET. BRANDÃO.)

Cremos, que muito aproveitou ao auctor da Selectasinha a excellenté producção do sr.

Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, vogal do Conselho superior d'instrucção pública, publicada sob o titulo de — *Logares Selectos* — e hoje adoptada em todas as escholae do continente: mas na boa escolha de alguns fragmentos, que lhe addicionou, deu prova incontestavel de intelligencia distincta, e de apurado gosto. Se já possuíamos a *Selecta Classica* do sr. Cardoso, nem por isso se haverá por superflua ou inutil a do sr. commissario dos estudos de Angra.

Obras d'estas não se avaliam pelo vulto, que apparece: antes o contrario se requer para a facil propagação do ensino popular. Os livrinhos de pouco preço, e facil conducção, se elles encerram as boas doutrinas, e são preceitos em phrase pura, clara e concisa, são verdadeiros thesouros de meninos, e titulos de gloria para seus auctores.

Assim conceituamos o livrinho, que prendeu a nossa attenção; assim queremos render culto sincero á virtude, que muito desejamos ver imitada pelos funcionarios da administração litteraria. Modesto e sem pretensões, o sr. *Moniz Barreto* tem merecido mais que outros apregoando por toda a parte as suas obras, levados talvez de ambição ou avareza.

E porque sejamos em tudo francos e sinceros não occultaremos o desejo, que sentimos de ver a 2.^a edição da obrinha tirada em typographia mais aperfeiçoada; e supprimido o exemplo da *ingratidão dos portuguezes*, por não expôr á luz meridiana o que devêra não sahir das trevas. M.

O artigo que acima publicamos extrahido do *Instituto* de Coimbra, honra sobremaneira o individuo, que o escreveu, porque é um tributo devido a um cidadão benemerito e porque faz acreditar aos que descriam do futuro de Portugal, que ainda ha homens sinceramente votados á illustração do povo, obreiros da civilisação, que apparecem como sentinellas avancadas ás portas d'este seculo, para que outros as venham depois abrir radiantes de fé e gloriosos de conquistas.

O auctor do artigo, a que alludimos veio, sem duvida pagar uma divida de reconhecimento, que as letras e a patria contrahiram para com os nobres serviços prestados pelo nosso conterraneo e amigo o Commissario dos estudos na ilha Terceira, o auctor das *Bellezas de Coimbra*, o Sr. *Antonio Moniz Barreto Corte Real*; mas, se não fosse elle, essa divida estaria ainda por pagar, esses serviços seriam ainda ignorados, essa gloria, que

irradia hoje sobre a frente d'este homem de letras, não seria também uma das glorias do paiz, que o viu nascer. E assim nós, que também somos filhos da mesma patria, e que por isso tomamos uma parte, ainda que pequena, nos louvores, que o illustre auctor do artigo lhe dirige, transcrevendo-o na *Revista Academica* também lhe pagamos uma divida d'amizade e reconhecimento; e aqui lhe pedimos, que prosiga nos seus generosos esforços pelo derramamento da instrucção, principalmente pelas classes desherdadas do pão e do trabalho.

Sem lisonja o dizemos, mas parece-nos, que o illustre auctor do artigo não foi exagerado quando disse, que os methodos d'ensino adoptados nas ilhas adjacentes eram até superiores aos usados no continente.

Antigo berço das letras nos Açores, a ilha Terceira andou sempre na vanguarda de todas as outras ilhas no que pertence a cultura intellectual. Ou fosse por que seus habitantes são naturalmente dados ás letras e avidos de instrucção, ou porque as circumstancias especiaes, em que esta ilha se achou collocada em relação ás outras ilhas durante muitos annos, em que foi capital do archipelago, é incontestavel, que n'este ponto lhes ganhou sempre vantagem. Esta superioridade deveu-a a alguns de seus filhos, que constantemente lhe consagraram todó o seu cabedal de forças e intelligencia. Entre esses merece particular menção o Sr. *Antonio Moniz Barreto*. O mancebo estudioso, que ha mais de vinte annos em Coimbra principiava a celebrar o seu nome n'uma carta sentimental e poetica dirigida a uma mulher espirituosa e bella, não desmentiu as esperanças, que d'elle haviam formado seus mestres e amigos. Em lugar de se perder no vertiginoso chaos das paixões politicas, vestiu primeiro a toga, e correu a exercer a nobre profissão d'advogado; depois, escolhendo uma outra mais sublime ainda, votou-se ao ensino publico, e á mais sancta das causas, á emancipação do povo pela instrucção.

Sua vida tem sido depois illustrada por muitos trabalhos litterarios, todos em beneficio da instrucção publica.

O Sr. *Moniz*, torna-se assim digno da estima e reconhecimento do paiz. Folgamos de lhe podermos prestar nas nossas columnas este testemunho de respeito e veneração.

Quando porém damos á ilha Terceira a superioridade sobre as outras ilhas, no que

pertence á cultura intellectual, fallamos imparcialmente e sem offensa dos novos progressos feitos ha annos a esta parte nas ilhas de S. Miguel e Fayal. Este nosso juizo foi-nos confirmado ainda não ha muitos dias por um dos dignos membros do Conselho Superior d'Instrucção Publica, que é talvez a pessoa mais competente no nosso paiz para julgar do atraso ou progresso da nossa instrucção, quer primaria, quer secundaria.

Precisavamos de fazer esta declaração, para que nos não accusassem de sacrificar a verdade ao amor da terra natal.

Os progressos, que a instrucção tem feito na fermosa ilha de S. Miguel, graças aos esforços do nosso generoso amigo o Dr. José Pereira Botelho, e ao apoio sempre constante de um jornal desde muitos annos sabiamente redigido, o *Correio Michaelense*, hão de elevar um dia aquella ilha ao mais subido grau de prosperidade e attrahir sobre ella as vistas do mundo civilisado: E como diziamos no n.º 7. da *Revista*, a prosperidade d'essa ilha ha de reflectir necessariamente sobre as outras ilhas, por tal arte, que o Archipelago Açoriano a 300 leguas do continente de Portugal, poderá tornar-se o emporio de um grande commercio, e um paiz rico e abençoado.

São estes os nossos votos, são os de todos aquelles, que não são levados de um premio vil, mas do amor da patria; e se conseguirmos o fim para que trabalhamos, diremos como o nosso illustre Ferreira;

Que eu desta gloria só fico contente
Que a minha terra ame e a minha gente.

Alexandre Meyrelles.

DEZOITO ANNOS.

I.

Maria, foi d'esta idade
Que no mundo te encontrei;
Captivo de teus olhares
Foi desd' então que te amei,
Linda rosa dos meus sonhos,
D'esses sonhos qu'eu sonhei.

E vi-te — vendo-te, o mundo
Abriu-me as portas; entrei;
Coração virgem, qu'eu tinha

Crenças... alma... amor... que sei?
Tudo, Maria, trovas, sonhos...
Vida... tudo te entreguei.

Vi-te; bemdisse o astro
Que no meu ceu vi brilhar,
Julguei-te o guia da vida,
Brilhante 'strella do mar,
A verdade d'esse sonho,
Em qu'eu andava a 'scismar.

Faz hoje annos—*sexta feira!*
Certo te não lembras—não—
Lembro-me eu, anjo perdido,
Anjo do meu coração,
E já sete annos, Maria,
Sete annos já lá vão!

Em balde tento 'squecerte,
D'o passado este viver
Tem fel acerbo, que amarga;
E talvez te custe a crer,
Que há ventura nesta vida
Que há rosas neste soffrer.

Pois há, Maria, accredita,
Nas saudades—ouve bem—
Na tristeza que ellas trazem
Vem com a tristeza tambem
Sumidos traços de gozo,
Luz do ceu, que á terra vem.

São frouxa luz, que sem força
Se vê nas trevas luzir,
Que na noite da desgraça
É qual sol a refulgir;
São lampejos de luz bassa
Nas trevas do existir.

Saudades, folhas do livro,
Do livro do meu viver,
Mulher, não posso arrancal'as
Não posso—não póde ser;
A mão do tempo arreigou-as
Eu não te posso 'squecer!

Teem n'alma fundas raizes,
Ninguem as tente arrancar;
Quem sabe? talvez a morte
Proceloso irado mar,
Esta só talvez comsigo
Possa as saudades levar.

Maria, tudo me lembra
Nada 'squeço, linda flor,
Lembra mais do que se pensa

Lembrança de casto amor,
O primeiro, e tão vestido
D'innocencia e alva côr.

Aquellas noites nos bailes.
Em que tu eras alli,
Da festa alguns lá gozando,
E eu só vivendo de ti,
Lembram-me, porque me lembram
Os tempos, em que eu vivi.

II.

Mas hoje és mãe—vive agora,
Vive ahi no teu rosal,
Que não te açoite imprudente
Desabrido vendaval.
Esquece amor, que pagaste,
Que tão mal tu compensaste
Com dores; anjo do ceu,
Mas que não possa o tormento,
O remorso—um só momento,
Ir pousar no seio teu.

III.

Maria, é bom, quando a noite escura
Saudades pede ao coração, gemer
Chorar sozinho, pensativo, errante
Carpir saudades, suspirar morrer.

É bello então, quando as dobras negras
Do seu manto descem sobre a terra e mar
No silencio triste ver a terra involta
Tristeza á tristeza ir então junctar.

IV.

Saudade, pobre amiga não me fujas,
Não fujas, saudade, não;
Painel, que me retractas o passado
Co' as côres, com que a sorte o ha pintado
Não fujas, saudade, não.

Da guerra és tu, só tu triste despojo,
Que da lucta me ficou,
Essas c'roas, os tropheus tão disputados
Ficaram sob as pedras sepultados
D'imperio, que desabou.

Não me fujas, saudade, em pé tu fica
Nas ruinas do meu ser
Fica aqui nos destroços d'este imperio,
Nem fujas, quando a cruz do cemiterio
Me velar quando eu morrer.

V.
Alli fica, pobre flor,
Podes ficar escondida
Na mudança d'esta vida
Tu, meu legado de amor,
Ficas alli só comigo
Em peito, peito d'amigo
Ou sobre a campa « a dizer »
— Aqui jaz quem vive agora,
Um cadaver, que não chora,
Que achou na morte o viver —.

Nicolau Xavier de Brito.

Sexta feira de Passos de 1855.

TRISTE.

NO ALBUM

DA EX.^{ma} SR. D. RACHEL NAZARETH.

Na mão donzella descansando tímida
Palida fronte, pensativa, e triste,
Porque desejas n'um sorriso languido
Matar lembranças d'o, que já sentiste?
Morrem sorrisos como sombras tenues,
Ressalta á face o, que no peito existe.

Anjo sê triste, que no mundo o riso
É falso avizo de ventura q'rida
Nem tem um riso, que te valha um pranto
Balsamo sancto nos parceis da vida.

À frente, um anjo te cazou, mimosa
Triste, saudosa, pensativa, linda,
De roxas flores immortal diadema
Sentido emblema de tristeza infinda.

Guarda-o, é symbolo de feral bonança
Lucto da esperança, que a sonhar nutriste,
Regeita os risos, que te mentem festas,
Prendas funestas!... ai mulher! sê triste!

Quando alta noite tu olhar's carpindo
O espaço infindo, que te argenta a lua,
Saúda os fogos da mansão d'archanjos
Que o solio d'anjos, é a patria tua;

E diz ao mundo que te foi desterro
Avido cêrro onde a flor definha —
« Lego-te o pranto, que me innunda os olhos
Patria d'abrolhos, que não és a minha. »

Anjo sê triste — no mundo
Só tem magia o soffrer,
Nelle, o riso mais jucundo
Insulta, ou mente mulher,
Deixa o riso calculado,
Reprime-o, quando forçado,
Rejeita-o, quando mentir
A narração de tristezas,
De triste diz taes lindezas
Que encantam; — queres ouvir?... —

Era uma noite formosa:
Por solitario mosteiro
Passei unico romeiro,
Eu... e o silencio! a sós. —
Dentro da Igreja vetusta
Carpia sollemne e augusta
Do orgão a triste voz
Em carmes irmãos do choro
Das virgens cantava o côro
Por si rogando, — e por nós,
Que entre esses sentidos cantos
Dos olhos caíam prantos,
Adevinhei, se não vi;
Se não vi faces mirradas
Senti vozes alquebradas,
Que as portas eram fechadas
Mas eu escutei, e ouvi. —
Através de fenda escassa
Altars do templo vi,
Luz amortecida e baça,
Incerta ondulava alli —
Dava dentro, ao sanctuario,
Esse clarão mortuario
Só um cirio sobre o altar
Cá fóra, em manto alvacento
Caía sobre o convento
A triste luz do luar —
Era a festa da tristeza —
Que celebrava o mosteiro!
E n'esse instante sollemne
Onde estava o mundo inteiro?...
— Dormia ou folgava em ocio,
Cumpria o seu sacerdocio,
E eu era o triste romeiro.

Se viras anjo, esse quadro
De mysteriosa linguagem,
Viras a attrahente imagem
Do teu sentido viver;
E eu quiz ver-te alli, mulher!
Por ver-te dos negros olhos
Suave pranto correr;
Vêr a lua docemente
Banhar-te a palida tez,
Que os raios do sol ardente
São insulto á palidez
Vai demandar o mosteiro
À tenue luz do luar,
Dirás depois o, que ouviste,
Verás mulher como é triste,
Tão triste, que faz chorar.

O canto, que tu me ouviste,
Se não te agradar por triste,
Perdôa, inspiraste-o assim;
Triste sou eu de saudade
D'esta risonha cidade
Que vou perdel-a por fim.
Porém, de ti longe ou perto,
Na cidade ou no deserto,
Nas selvas ou no jardim,
Hei de em perpetua miragem
Ver-te a seductora imagem
Triste a scismar juncto a mim.

T. A. Ribeiro.

Coimbra, Maio de 1855.

NECROLOGIO.

OFFERECIDO

**Aos meus patricios e cordeaes amigos
Gaspar Pereira de Lacerda, Alexan-
dre P. de Lacerda, e Manoel Ignacio
Brum de Lacerda, em testemunho
d'amizade e gratidão.**

Quoi! vous pleurez, amis!

Sans la mort, mes amis, que serait la vertu?
C'est le prix du combat, la céleste couronne
Qu'aux bornes de la course un saint juge nous donne.

LAMARTINE, *Meditações.*

Da lista dos bons cidadãos mais um nome apagou o bafo luctifico da morte; do gremio da sua familia mais um pae-typo, demandando o monte de Sião, a cidade do Deus vivo, a Jerusalem celeste, desapareceu!

Chorado por seus extremosos filhos, e não menos pelos seus amigos e conhecidos, ás regiões sombrias, aos jazigos subterraneos desceu o cadaver do Ex.^{mo} Sr. Alexandre Pereira de Lacerda, para alli, como diz Job, dormir no pó com os grandes da terra.

Os factos, que caracterizam a sua vida, ennobrecem de tal sorte este cavalheiro, que nos poupam os elogios, de que o julgamos digno.

No quadro da sua vida publica vê-se o bem claro zelo e interesse pelo bem de seus concidadãos, aponta-se a prudencia e sensatez, com que eram concebidos e realizados seus designios, bem diz-se a affabilidade e lhaneza para com todos.

Em sua vida privada admira-se o amor extremo por sua familia, a educação exemplar, que deu a seus filhos, mimosa, é verdade, porque assim o exigiam o amor de pae e o genio docil dos filhos.

Foi este cavalheiro finalmente amado e admirado de todos, porque em tudo se lhe traduzia, e a todos sorria a innocencia de suas acções, a pureza de suas intenções, uma humildade sem affectação, o amor da virtude, pela mesma virtude, e não por merecer a approvação dos homens, e em fim uma caridade e generosidade evangelica.

Ceda, pois, meus cordeaes amigos, o coração á conformidade christã, que a justiça de Deus nos annuncia ser a morte a aurora d'uma outra vida, cheia de gozo puro e

sancto, que se troca por esta, onde só supportamos attribuições e amarguras.

Suspendei vosso pranto; que aquelle, que agora encetou a era da eternidade, abri-vos-ha um dia os braços paternaes.

José Joaquim d'Azevedo.

A carta que abaixo publicamos foi-nos dirigida pelo Sr. Manoel Ferreira de Seabra, Desembargador na Relação do Porto, auctor da poesia intitulada — *a fonte do Castanheiro* — cujo nome tão favorecido das musas, é tambem conhecido e illustre no fóro portuguez, já por si, como por seu irmão o Sr. Antonio Luiz de Seabra, o cidadão independente, que ainda não ha muitos annos se assentava nos bancos dos ministros, e cuja retirada do gabinete foi uma verdadeira calamidade para o paiz.

Quando transcreviamos aquella poesia ignoravamos que S. Ex.^a, com quem haviamos conversado o anno passado uma vez no theatro de S. João no Porto, fossé o auctor de tão bella producção, que continuaremos a appellar assim, em que peze á excessiva modestia de seu illustre auctor. Não sabiamos egualmente, que a poesia a que alludimos tivesse sido publicada no *Investigador Portuguez* em Londres; mas ainda assim parece-nos, que ella não perde do seu subido quilate com ter sido novamente publicada.

Possuimos alguns volumes d'esse jornal, mas infelizmente em nenhum d'elles vem a poesia transcripta; o que muito sentimos, porque assim teriamos evitado algumas incorrecções de que se queixa o auctor, e que são por via de regra inseparaveis de todo e qualquer manuscripto.

Folgamos muito, que S. Ex.^a cujas qualidades, sabemos são geralmente apreciadas, continue a viver outros tantos annos, e se as nossas expressões de bem merecido louvor lhe foram gratas, creia que ellas foram tanto mais sinceras, quanto é certo que ignoravamos, que existia ainda, e que era tambem ao irmão de um dos homens mais eminentes do paiz, e de cuja amizade muito nos honramos, que offertavamos nosso humilde tributo d'admiração.

Alexandre Meyrelles.

— Sr. Alexandre Meyrelles.

Esse homem, que V., em o n.º 7 da *Revista Academica*, a paginas 131, diz: que vivia ainda em 1808, esse homem ainda agora vive; e ficou maravilhado, vendo que se dava algum apreço a uma pobre lucubração de seus verdes annos. Esse homem sou eu.

Em mais de quarenta annos de vicissitudes politicas, e de serviço publico, perdi todos os pequenos trabalhos litterarios da minha mocidade: e é por isso, que conhecendo, que na *Fonte do Castanheiro* se commetteram muitos e notaveis erros de impressão os não poderia agora facilmente emendar. Tambem... não vale a pena, porque esta humilde composição, além de revellar a ausencia de vèa poetica, resente-se do estilo e gosto d'aquelles tempos, e que hoje já não militam.

Se me dirijo a V. é tão sómente para o certificar de que a *Fonte do Castanheiro* foi impressa, se a memoria me não engana, em um dos n.º do *Investigador Portuguez* em Inglaterra, periodico mensal, que se publicava em Londres pelos ultimos annos, que precederam á Revolução de 1820; já que a Redacção do *Jornal de Coimbra*, publicação tambem mensal d'aquelles tempos, a não quiz admitir (não sei porque) nas suas columnas, ao mesmo passo, que não havia rejeitado, antes acolhido benignamente, uma outra composição minha do mesmo genero — *O Penedo da Saudade*.

Póde por tanto V., querendo, afirmar aos seus leitores, que a *Fonte do Castanheiro* já fôra publicada no *Investigador Portuguez*.

Peço a V. desculpa de interromper os seus trabalhos litterarios com uma tão pouco importante observação, e peço igualmente, que se persuada da muita consideração e respeito com que sou

De V.

Venerador m.º att.º e respeitoso

Manoel Ferreira do Seabra da Motta e Silva.

Porto, 23 d'Abril de 1855.

DISSERTAÇÃO PHYSIOLOGICA.

Continuado de pag. 135.

Todavia são numerosas as objecções, que se levantam contra tal hypothese; 1.º é falso, que a circulação se interrompa, logo que pára a respiração; ainda continúa ella por algum tempo, o que poderemos observar mui bem abrindo um vaso qualquer no animal vivo, mas asphyxiado; e mesmo na experiencia de Vesale continúa ella nos primeiros tempos; além d'isso nas largas feridas, que penetram o thorax, o pulmão é abatido pelo pèzo do ar exterior, e a circulação continúa ainda por algum tempo; o mesmo acontece no hydro-thorax; e no cadaver ha por ventura necessidade de distender precedentemente o pulmão para fazer passar uma injeccção da arteria pulmonar para as veias do mesmo nome? O facto principal da hypothese é pois falso; a circulação continúa, e se ella pára depois d'algum tempo, é porque o seu orgão central se entorpece como todas as outras partes do corpo pela chegada de um sangue, que não é proprio para entreter a vida; 2.º faz suppôr a hypothese, que o pulmão se enche, e evacua completamente em cada inspiração, e expiração, e tal cousa não tem lugar; nem a distensão, que os vasos podem soffrer na inspiração, seria sufficiente para o effeito, que se lhe attribue; porque não entrando no pulmão por inspiração mais do que 14 polegadas cubicas d'ar segundo *Goodwin* e outros, não poderiam ellas determinar sua completa dilatação, a fóra as vezes, em que as inspirações são tão fracas, que os vasos ficam pouco mais, ou menos no mesmo estado, que na expiração; 3.º segundo a hypothese todo o gaz deveria de ser respiravel, e para acudir a uma asphyxia bastava distender o pulmão por um gaz qualquer; 4.º para que serviria o pulmão, para que teria a natureza creado nelle um obstaculo á circulação? E nos animaes de uma só auricula e ventriculo porque haveria um pulmão, ou um orgão respiratorio qualquer? Finalmente neste modo dever não se admitte o facto principal da respiração, a conversão dos trez fluidos das absorções em sangue arterial.

Temos pois a sanguificar um fluido, que é a mistura de lymphá, chylo e sangue venoso, se tem havido digestão, aliás sómente

de lymphá e sangue venoso; das veias subcláveas é elle lançado nas cavidades direitas do coração, cujo ventriculo o projecta pela arteria pulmonar e suas ramificações para o parenchyma do pulmão; nesta mistura predomina evidentemente o sangue venoso; porque o chylo e lymphá sómente se lhe addiciona gotta e gotta, e nas cavidades direitas do coração é que se acabará de completar a mistura: temos pois no parenchyma pulmonar em presença um do outro os dous elementos da hematose, isto é o fluido, que deve sanguificar-se, e o ar atmosphérico; agora pergunta-se, no trajecto, que tem percorrido um e outro, terão elles soffrido alguma elaboração ao menos preparatoria d'aquella mais importante, por que elles vão passar no parenchyma pulmonar?

Pelo que respeita ao ar nada prova, que elle passe por alguma elaboração antes de chegar á capillaridade pulmonar; porque da abertura da bocca, ou das fôssas nazaes até este ponto não faz mais do que aquecer-se um pouco, e carregar-se do humor seroso e mucoso, que póde offerecer-lhe a superficie interna das vias respiratorias: *Chaussier* tinha conjecturado, que este atravessando as cavidades anfractuosas, e respiraveis do nariz e da bocca, era agitado com o moco bronchico nas ramificações dos bronchios pela successão das inspirações e expirações, e soffria uma elaboração similhante á do alimento na passagem da bocca ao estomago; mas isto é inadmissivel, por quanto o ar na respiração não serve senão principalmente pelo oxygeno, e não se póde conceber, que qualidade de mudança lhe possa advir neste trajecto; além disso nada colhe a analogia do alimento na digestão, porque elle não exprimenta no seu trajecto até ao estomago, senão mudanças mechanicas, mudanças em sua fórma sómente; e que mudanças deste genero póde exprimentar o ar de natureza gazoza?

Se o ar porém não soffre alguma alteração antes de obrar sobre o outro agente da hematose, este fica tambem tal, qual era na sua reunião no coração direito, onde se faz sómente uma mistura intima dos tres humores; não é assim todavia, que pensa *M. Legallois* por isso que admite, que começa o trabalho da hematose desd' o lugar, onde se acham reunidos o chylo, a lymphá, e o sangue venoso, que por tal fórma os julga elle calculados uns sobre outros já relativamente a suas qualidades, e qualidades respectivas;

já á velocidade, com que affluem um no outro, que o novo producto déve de fazer-se quasi instantaneamente só pelo facto de sua reunião, e por consequencia a séde principal da hematose seriam, sêgundo este Physiologista, as veias subcláveas, e acharia ella seu complemento dentro do pulmão; invoca elle como argumentos, 1.º que achando-se feito o sangue arterial ao sair do pulmão, o que os fluidos de absorpção tem adquirido, ou perdido, em quanto o percorrem, é bem pouca coisa, para que nos habilite a concluir, que uma tão grande mudança se não faça, se não no seu interior, e não comece antes; 2.º que lançando-se os tres fluidos em continente na aurícula direita, nella são agitados convenientemente, e por consequencia melhor dispostos para se mudarem em sangue arterial; que é para favorecer estas oscillações, que tem mais capacidade a aurícula direita, e mais columnas carnudas no seu interior, e que não tem valvulas as cavas; 3.º em fim invoca como facto analogo a mistura de sangue venoso e arterial, que tem lugar no coração unico dos animaes de circulação simples.

Todavia *Legallois* não apoia sua oppinião sobre factos probativos e directos, que demonstrassem nas cavidades direitas a existencia de uma só gotta de sangue arterial; a inspecção pelo contrario parece provar, que o fluido não é ainda alli se não o mesmo, que se acha nas subcláveas; e como não funda seu modo de ver, senão em raciocinios, é pelos mesmos ainda mais fortes, que sua doutrina se contraria: 1.º em parte alguma da economia se vêem formar fluidos sómente pelo facto da reunião de seus principios immediatos e componentes; ora se o chylo, o chylo, a lymphá, ou qualquer producto de secreções se não forma sem a intervenção de um orgão elaborador, que obre mediante processos, que não são mechanicos nem chymicos, como poderão as cousas passar-se por outra fórma na reconstrucção de um fluido tão importante com o sangue arterial? 2.º o concurso dos tres fluidos nas cavidades direitas do coração póde produzir uma mistura, mas não uma mudança de natureza, uma combinação; porque no coração unico dos reptis o sangue arterial, que nelle afflue com o venoso, não se muda neste ultimo; mas ambos se misturam, e a porção do arterial é sufficiente para vivificar o venoso; além disso as oscillações dos frez fluidos não são absolutamente ne-

cessarios para produzir a mistura, que já vem feita pela precaução, que tomou a natureza de lançar gotta e gotta o chylo, e lymphá no sangue venoso. 3.º a arteria pulmonar não é evidentemente senão um vaso de transporte; porque o fluido, que a percorre, nenhuma modificação experimenta no seu interior aonde não recebe principio algum novo, não perde algum d'os, que contém, não atravessa ganglio, ou qualquer outro órgão elaborador, conserva a mesma temperatura em toda ella, e na mesma circula com velocidade identica; e tanto menos *Legallois* pôde impugnar estas asserções, quanto elle sustenta, que nenhuma modificação experimenta o sangue arterial em todo o trajecto da aorta; por consequencia não fica para séde da elaboração preparatoria mais do que o espaço entre as subclaveas e a arteria pulmonar; ora, que causas poderemos nós encontrar em todo este trajecto, que possam considerar-se factores da mudança em questão? Em todo elle o fluido nada perde, e nada ganha, não atravessa systema algum capillar, ganglio, ou órgão qualquer elaborador, e temos sómente as cavidades directas do coração, que poderão, quando muito, influir na mais intima mistura dos tres fluidos, que o formam. 4.º na hypothese de *Legallois* não se vê para que possa servir o pulmão, nem esse deveria apparecer no homem tão volumoso, nem ser elle tão constante, ou seus analogos em a serie animal. 5.º a rapidez, com que o sangue venoso se transforma em arterial ao atravessar o parenchyma pulmonar, leva-nos a concluir, que é instantaneo o acto da hematose, e esta conclusão acha-se em manifesta contradicção com a idéa de uma elaboração precedente. 6.º finalmente por mui pequenas, que sejam as perdas, e acquisições, que faz o fluido, quando atravessa os pulmões, é certo todavia, que é durante este acto, e consecutivamente a estas acquisições ou perdas, que se forma o sangue arterial, o que até se acha demonstrado pelas experiencias de *Goodwin*, e *Bichat*, segundo as quaes se observa, que, se se não faz a respiração, o fluido se mostra além do pulmão tal, qual se achava antes: refutada pois a opinião de *Legallois* podemos concluir, que assim como o ar chega ao fundo do pulmão pouco mais ou menos tal, qual entrará pela bocca, assim tambem o fluido formado pela mistura do chylo, lymphá, e sangue venoso não soffre elaboração alguma, que o

transforme em sangue arterial em seu trajecto, e chega á capillaridade pulmonar tão longe de ser arterial, como elle se acha nas veias subclaveas.

Em quanto porém *Legallois* sustentava, que a obra da hematose começava antes do pulmão, queriam outros, que ella se fizesse depois d'esta viscera, invocando, não experiencias directas, mas sim raciocinios, fundados nos argumentos seguintes: 1.º tem-se manifestado nos fluidos segregados, e na substancia dos órgãos o cheiro, a côr e outras qualidades de alimentos, logo o chylo, que as possuia, penetrou até ás extremidades da circulação arterial, e por consequencia não se mudara elle todo em sangue no atravessar o parenchyma pulmonar. 2.º a materia da perspiração cutanea contém como a do pulmão acido carbonico; ora se o despêgo deste acido no pulmão é um effeito da respiração, havendo o mesmo na pelle não se continuará a hematose neste órgão, e nas extremidades do systema capillar arterial? 3.º o leite participa com promptidão, e facilidade de todas as qualidades dos alimentos; sua secreção augmenta depois das comidas, e sua côr é do chylo; não se poderá concluir, que elle provenha desta substancia, e por consequencia, que elle exista no sangue além do pulmão? 4.º enfim examinando o sangue algumas horas depois do jantar ver-se-hão distinctamente moleculas de chylo ainda por sanguificar nadando no sangue; e este facto prova não só, que a hematose fica por acabar na primeira passagem através do pulmão; mas que elle tem atravessado já talvez o pulmão, o systema arterial, e os capillares do corpo, quem sabe quantas vezes.

Todavia refuta-se o primeiro argumento observando, que o terem sido achadas particulas de alimentos nos fluidos das secreções e na substancia dos órgãos, não se segue d'ahi, que tenham sido levadas a estas partes pelo mesmo chylo; porque podem ter passado com o sangue no momento, em que elle tem sido formado do mesmo modo, que já tinham passado com o chylo no tempo de sua formação; além d'isso uma vez que estas materias estranhas tenham passado com este fluido sem fazer parte delle, ellas seguirão o trajecto dos fluidos, que successivamente derivam delle, mas conservando sempre sua natureza estranha; por consequencia a presença d'essas moleculas estranhas em as nossas partes mais profun-

das não só não prova, que o chylo não penetrou nellas; mas cumpre reconhecer pelo contrario, que se ellas alli se encontram, é porque não fazem parte do chylo, aliás teriam experimentado todas as elaborações, e as transformações todas, por que elle passa; e assim tendo ellas transposto a primeira fieira a da chylicação, atravessarão do mesmo modo todas as que se lhe seguem, isto é, as da hematose, nutrições, e secreções, conservando sempre sua propria natureza.

Ainda é menos plausivel o segundo argumento; porque sendo certo, que o sangue venoso em contacto com outros gases, por exemplo com o azoto, e hydrogeneo, perde acido carbonico, e não a qualidade de sangue venoso, como se poderá dizer, que a producção deste acido provenha da hematose? Além d'isso segundo as experiencias do Doutor *Magnus*, obtem-se acido carbonico do sangue arterial, e o mesmo se exhala no vâcuo da machina pneumatica; logo como é, que o seu despêgo não caracterizando a obra da hematose, se invoca elle como argumento, levantando-se da materia da respiração pulmonar?

A idéa de fazer derivar o leite immediatamente do chylo é do mesmo modo insustentavel; porque a unica cousa d'analogia, que ha entre o chylo, e o leite, é a côr, e esta não passa a penas de ser analoga, e não identica, e por ventura o leite, que é o producto de uma secreção, acharia no chylo, que tão distante se acha ainda de ser do liquido universal, e reparador de todos os órgãos, os principios immediatos, que o constituem, e que só lhe podem ser ministrados pelo sangue arterial? E suppondo mesmo, que o chylo existe além do pulmão, e tem resistido á sua acção, elle se disseminaria em todas as arterias, e poderia sómente chegar ás mamarias uma pequenissima quantidade, proporcional á pequena capacidade destes vasos em relação a todo o systema arterial; e poderia tão pequena quantidade de chylo fornecer os materiaes para a copiosa secreção do leite? Ora não custa muito a conceber como o leite manifesta tão prompta, e facilmente as qualidades dos alimentos penetrando materias estranhas até á profundidade dos órgãos; não apparecem nas excreções, não sahem pelos emunetorios naturaes substancias, que tem sido ingeridas pelo estomago, pelas mesmas vias por onde entraram os alimentos? o trajecto de umas não tem sido diferente

do trajecto d'outras, e a explicação, que se der para umas, abrangerá as outras.

Em quanto ao chylo, que tem sido observado além do pulmão, é possivel, que estes factos não gozem de toda a certeza; pelo menos muitos observadores temos nós, que nunca poderam achar o chylo no sangue, como *Cullen*, *Munter*, *Mascagny*, *Deyeux*; e parece, que menos duvida deveria de haver sobre estes factos, e que mais vezes teriam sido verificados, se fosse verdade, que a hematose se acaba além do pulmão; mas admitindo mesmo, que alguns globulos de chylo escapem á acção do pulmão, e se não sanguifiquem em sua capillaridade, ainda assim este argumento não prova, que a obra da hematose se faça além deste organo; fôra mister, que experiencias directas demonstrassem, que esses globulos de chylo se transformavam em sangue, antes de passarem uma segunda vez pelo pulmão; fôra mister, que esse chylo acompanhando o sangue sem receber qualidade alguma de elaboração de hematose, fosse convertido em sangue arterial, ao passar uma segunda vez pela capillaridade pulmonar.

Não se fazendo pois a obra da hematose antes, nem depois da capillaridade pulmonar, como acabamos de ver, e tendo por consequencia logar nesta mesma capillaridade, ficamos conhecendo o aparelho, e o ponto d'elle, onde ella tem logar; em quanto porém aos agentes, que provocam seu fazimento não pôdem ser outros senão por um lado o chylo, a lympha, e o sangue venoso, porque nenhuma outra cousa conduz áquelle ponto a arteria pulmonar; e por outro é o ar atmosferico, que é composto em rigor de uma mistura de 0,21 de oxigeneo, e 0,79 de azote, que formam a massa principal da atmosphaera, que além disso contém acido carbonico em proporções variadas, e desde 0,01 até 0,005, agua em vapor desde 0,0166 até 0,0033 do seu volume, contendo termo medio 0,0142 do seu pêzo; e deve de necessariamente ter em si uma certa quantidade de todos os corpos, que pôdem reduzir-se a vapor, e levantar-se da superficie da terra; isto posto, vejamos se pela physica, ou chimica se poderá explicar o mechanismo, por que tem logar a obra da hematose.

Theoria mechanica, e dynamica.

Os iatro-mathematicos não admittiam se-

não uma mudança mechanica do ar e do sangue, e com alguns outros physiologistas negavam mesmo qualquer differença essencial entre o sangue venoso, e arterial: o volume menos consideravel do ar expirado parecia-lhe dever ser attribuido á diminuição de sua elasticidade, que tinha por effeito condensar o sangue segundo *Helvetius*, e de o attenuar segundo *Baglivi*: por os calculos de *Hales* suppunham, que este liquido circulava com cinco vezes mais rapidez nos pulmões do que nas outras partes, e que este augmento de velocidade operava uma mistura mais homogenea de seus principios constituintes: acreditava-se tambem, que seu movimento provinha da elasticidade do ar misturado com elle; e com quanto desde longo tempo se objectasse, que o ar não se acha livre no sangue, mas sim dissolvido, nem por isso deixou esta hypothese de ser reproduzida por *Lau* nos tempos modernos, que sustenta, que a contracção, que os pulmões experimentam durante a expiração, impelle e força o ar para dentro dos orificios abertos dos vasos, e com o sangue se mistura; então attenuado assim o ar torna sua côr mais clara, e lhe dá pela sua elasticidade a expansão, que entretem o movimento do coração, e em geral a vida.

Outros physiologistas invocaram uma theoria dynamica: *Walter*, por exemplo (*Physiolog. des Menschen. t. 2. p. 139 — 151*), pertendia, que, achando-se fechados por todos os lados os vasos sanguineos, e canaes aereos, não podia haver nelles passagem de materias para o sangue; mas sómente mudança de proporções interiores, seguindo-se em resultado, que o sangue se torna oxigenado, decompondo os pulmões o ar atmospherico, em virtude de uma força, que lhe é inherente: *Wilbrand* exprimiu ainda mais formalmente uma opinião analogo, e *Brandis*, secundando suas idéas, sustentou, que o ar e o sangue mudam suas polaridades, o que lhe determina uma mudança de composição, sem que recebam nada um do outro, e sem que alguma cousa ponderavel se comuniquem reciprocamente; *Wilbrand* declarou finalmente (*Die Natur. des Athmungsprocesses p. 11, 12*), que não ha aqui oxigeno, nem carbonico por isso que se não podem ver, pois que a natureza luminosa dos elementos é um facto, pois que se vê a combustão, e que a respiração consiste, em que a natureza luminosa é inherente aos elementos, e por consequencia a vivifica-

ção interior são communicados ao organismo.

Todavia nenhuma destas theorias soffre por um instante o rigor da analyse; porque, em primeiro lugar, se a obra da hematose se fizesse por um modo mechanico, e proviesse ella da mistura da lympha, do chylo, e do sangue venoso durante a respiração em consequencia dos attritos, e das alterações comminutivas, que soffrem estes liquidos atravessando a capillaridade pulmonar, ella teria logar, qualquer que fosse o estado, e vitalidade do pulmão, e não poderia deixar de fazer-se no cadaver, se por um meio qualquer se fizesse passar o sangue das arterias pulmonares através do pulmão; nem as lesões profundas deste organo entrariam por alguma cousa na sua confecção; tambem deveria de ter logar dentro da machina pneumatica, ou na presença do gaz-azote, gaz-acido carbonico, ou qualquer outro gaz, que não fosse oxigeno puro, ou como se acha na atmosphera; não haveria razão para que fosse uma condição tão essencial, e *sine qua non* para a confecção da obra da hematose a presença do oxigeno, ou do ar atmospherico; em fim se ella se fizesse mechanica, ou dynamicamente seguir-se-hia sem duvida alguma, que os trez fluidos, que se acham misturados antes da respiração, não appareceriam transformados num unico de natureza inteiramente differente; fôra mistér, que tal transformação não passasse da fórma, e nunca abrangesse a natureza intima e chymica do fluido transformado; cumpria finalmente, que no acto da hematose o sangue venoso e o ar atmospherico não perdessem materiaes, e adquirissem outros: ora nem uma só de tantas circumstancias e condições, que reclamavam taes theorias, se tivessem base, tem logar: pelo contrario dão-se, e verificam-se as condições oppostas; logo insustentaveis se tornam ellas; e mais inconcussa se tornará sua refutação, se provarmos, que no acto da hematose ha permutação de materiaes nos agentes, que a provocam, o que dá logar a um liquido dotado de propriedades physicas, e chymicas inteiramente diversas d'aquelle donde elle proveio.

Gower foi o primeiro, que reconheceu, que o sangue se torna mais vermelho pela acção do ar atmospherico, e *Priestley* verificou, que este ultimo perde então oxigeno, como na respiração, descoberta, que alcançou o assentimento geral: pertendia-se, que a acquisição feita pelo sangue de uma côr mais

clara em sua superficie provinha unicamente do pèzo especifico de suas partes coradas; *Hewson* porém combatteu similhante asserção por uma experiencia, que consistia em ligar a veia jugular d'um animal, e fazer chegar ao sangue, que se achava na porção situada acima da ligadura, ar atmosferico; então via elle, que o liquido se tornava vermelho, em quanto, que conservava sua côr negra, o da porção situada abaixo da ligadura; e com quanto *Davy* mui recentemente pertendesse referir a côr do sangue a circumstancias mechanicas, todavia *Christison* se convenceu de que o sangue venoso se arterialisava quando se agitava com o ar atmosferico, em quanto que conservava sua côr negra com o hydrogeneo; e que quando se agitava com o ar atmosferico dez polegadas cubicas de sangue desfibrinado, o ar perdia 0,32 a 1,42 de polegada cubica do seu oxygeneo: quando *Hoffmann* avermelhou o sangue venoso por este processo, elle o via tornar a passar á côr negra em alguns segundos, por uma corrente de gaz-acido carbonico, e depois avermelhal-o de novo pela influencia do ar atmosferico: o gaz oxygeneo puro, em que *Christison* introduziu dez polegadas cubicas de sangue, perdeu 0,57 a 1,4 de polegada cubica: effeitos similhantes têm logar nos pulmões; a respiração artificial faz passar o sangue negro dos animaes mortos ao vermelho escarlate e diminue a proporção do oxygeneo atmosferico; impellindo *Brodie* este gaz através dos pulmões de coêlhos observou, que elle diminuia, em 30 a 35 minutos, 25 a 29 polegadas cubicas.

Immensas experiencias em animaes vivos têm demonstrado, que a côr vermelha do sangue arterial provém da renovação constante do ar nos pulmões: por exemplo quando *Emmert* abria o peito a coêlhos vivos por forma que os pulmões se abatessem sobre si mesmos, o sangue ficava negro mesmo nas arterias; se d'elles expellia o ar mediante uma compressão exercida sobre o peito, o sangue da carotida parecia um pouco mais carregado ao cabo de 32 segundos, e elle o ficava inteiramente outro tanto tempo depois; se ligava a trachea depois de ter enchido os pulmões mediante um fole, o sangue da carotida tinha uma côr um pouco carregada ao cabo de 15 segundos, e quasi negra no fim de 45; mas se se impellia então novo ar para os pulmões, 23 segundos bastavam para avermelhar a côr do liquido, e 45

para lhe restituir sua côr natural: *Bichat* cortou em cães a trachea, e uma arteria, e lhe adaptou torneiras; se fechava a da trachea logo depois de uma inspiração, o sangue arterial começava a fazer-se negro ao cabo de 30 segundos, e de 60 a 90 tinha já todos os caracteres de venoso; e este effeito tinha logar mais cedo, se a trachea era fechada depois de uma expiração; se se tirava o ar dos pulmões mediante uma seringa, então bastavam 20 minutos para o sangue se fazer negro subitamente; e se ao contrario se tinha introduzido nos pulmões mais ar do que uma inspiração ordinaria, o sangue arterial não começava a tornar-se negro senão no fim de um minuto, e levava muito mais tempo a tornar-se inteiramente venoso: se se abria a trachea no fim de alguns minutos, via-se uma onda de sangue vermelho succeder quasi immediatamente a uma outra de venoso, e ao cabo de 30 minutos tinha o sangue alcançado sua côr natural; se o ar não entrava senão por uma pequena fenda, o avermelhamento tinha logar com a mesma promptidão, mas não com intensidade equal: *Brachet* viu igualmente o sangue da carotida de um gato fazer-se negro 2 minutos depois da secção do pneumogastico, tornar-se vermelho depois da tracheotomia, e passar assim alternativamente de uma a outra côr, segundo que se abria, ou fechava a trachea: adaptai uma torneira á trachea de um animal, diz *Bichat*, abri o abdomen, e fechai a torneira, ao cabo de 2, ou 3 minutos, a côr arroxada, que anima o fundo branco do peritoneo, se mudará em escuro fusco, que se fará desaparecer, e reaparecer á vontade abrindo, ou fechando a torneira; o mesmo resultado alcançou elle no tecido dos rins, dos musculos, dos nervos, e sobre os botões carnudos das feridas: nos asphyxiados a face, a lingua, e os labios são ordinariamente lividos, e a face interna do estomago, e intestinos mais carregada do que de ordinario, e os pulmões de um azul carregado; e em fim accrescenta *Bichat*, que o sangue, que corre numa operação cirurgica toma uma côr mais carregada, quando é perturbada a respiração.

A differença de côr do systema aortico, e no da veia cava é tanto menos sensivel, quanto a massa inteira do sangue não entra livremente em contacto com a atmosphera nos órgãos respiratorios; isto é tanto assim, que apenas se percebe ella no embrião; é muito menos pronunciada nos reptis, e peixes do que nos animaes de sangue quente,

e menos nos cetaceos, e passaros mergulhadores, do que nos mamíferos, e passaros terrestres: no homem a cyanose ou molestia azul, diz *Bourdach*, é determinada por todo e qualquer obstaculo, que empeça, que o sangue, e o ar entrem em conflicto, e pelos vícios de conformação primitiva principalmente, que obstam a que o sangue chegue aos pulmões, como a estreiteza, ou oclusão da arteria pulmonar, ou a persistencia do buraco de *Botal*, que mistura o sangue venoso com o arterial, etc.: ora como o sangue venoso adquire a côr do sangue arterial expondo-o fóra do corpo ao contacto do ar, de quem elle diminue a proporção do oxygeno; como a mesma córação tem lugar durante a respiração, determinada tambem pela presença do oxygeno, cuja proporção diminue do mesmo modo no ar inspirado; como o sangue em fim absorve os gazes em geral, não póde ensaiar-se alguma especie de dúvida de que este liquido absorva o oxygeno, e que seja, elle quem o arterialise; ora se ás cousas se passam por esta forma; se é indispensavel, que o oxygeno intervenha na obra da hematose, como provém ella dos attritos ou de qualquer acção mechanica ou dynamica?

Além disso *Home* (*Lectures or comparative anatomy t. 5. p. 124*) obteve de 4 onças de sangue venoso 150 graus d'ar com 12 gr. e meio d'acido carbonico; e de 4 onças de sangue arterial 250 gr. d'ar com 10 gr. e meio de acido carbonico; *Enchust* não achou oxygeno no gaz despegado do sangue; mas 40 polegadas cubicas de sangue venoso lhe forneceram uma polegada, e meia de gaz acido carbonico, e 40 de sangue arterial deram-lhe sómente 0,7 do mesmo acido; *Biscoff* obteve gaz-acido carbonico do sangue venoso collocado debaixo do recipiente da machina pneumática, e nada do mesmo acido do sangue arterial; *Reid-Clani* obteve 0,1152 de gaz-acido carbonico do sangue venoso, e 0,0025 sómente do sangue arterial; segundo *Mitscherlich* continha o primeiro 0,0012, e sómente 0,0008 o segundo: *Hoffmann* agitando sangue venoso com gaz hydrogeno obtinha gaz-acido carbonico, em quanto que tractado o arterial pela mesma maneira despegava gaz oxygeno; *Biscoff* chegou aos mesmos resultados, fazendo passar hydrogeno através de um e outro sangue, e *Enchut* tirou do venoso mediante o gaz hydrogeno, e azote uma quantidade d'acido carbonico maior, que o

duplo d'a, que provém do arterial: ora á vista de todas estas experiencias o acto da hematose intende com a natureza intima do sangue venoso; porque a proporção do gaz acido carbonico, que elle continha, apparece diminuida no sangue arterial, em o qual se acha augmentada a do oxygeno; e poderão acções mechanicas ou dynamicas explicar algum destes phenomenos?

(Continúa).

Manoel Maria Barbas.

BIBLIOGRAPHIA.

PRIMEIRAS LINHAS

D'HERMENEUTICA JURIDICA E DIPLOMATICA

POR

Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.

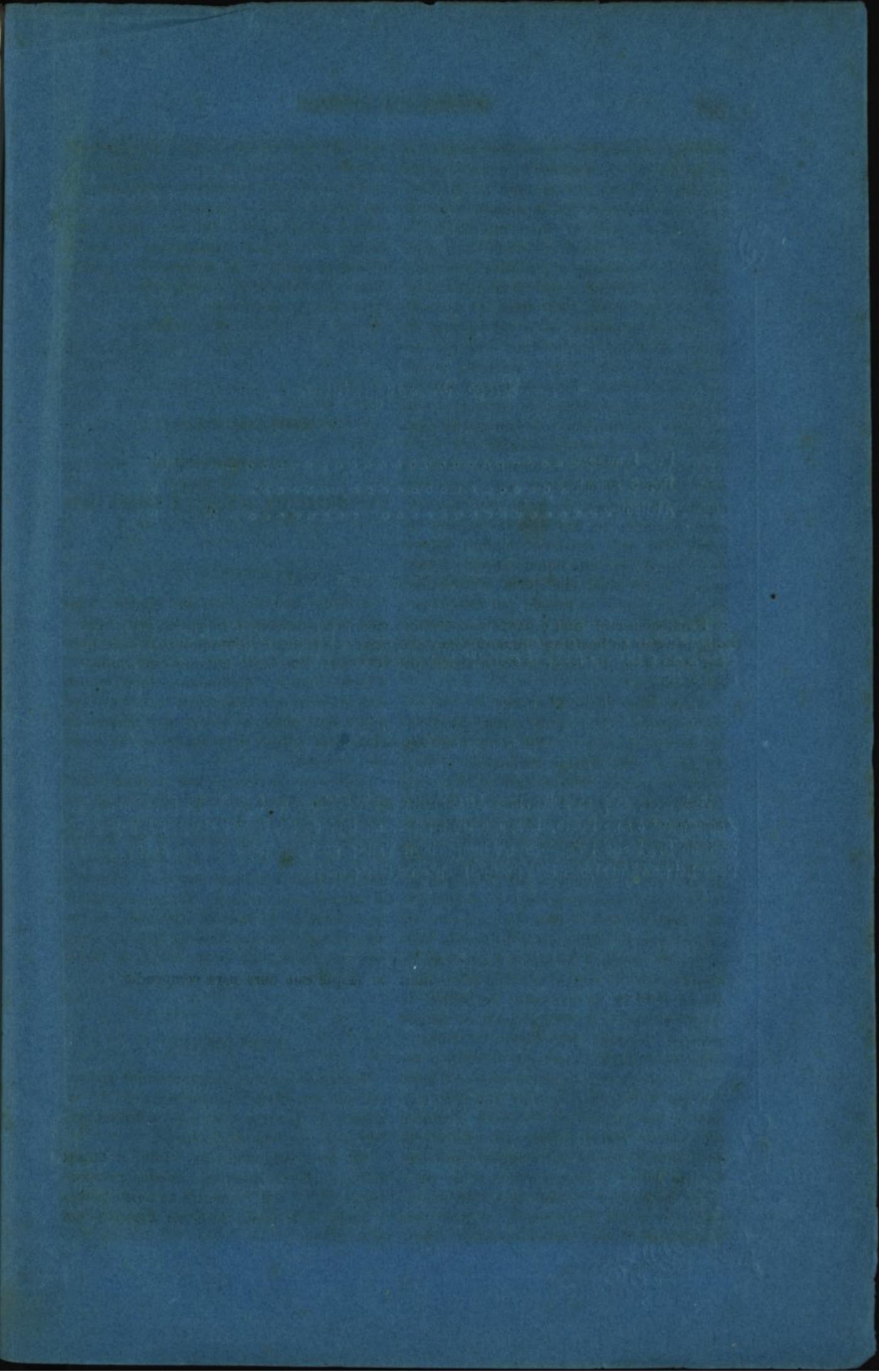
O titulo modesto, com que apparece á luz esta obra, suppõe á primeira vista, que o digno professor d'*Hermeneutica Juridica* não teve por fim fazer um tractado completo d'hermeneutica e diplomatica; lendo porém com attenção este importante trabalho vê-se, que o seu auctor foi muito mais adiante do alvo, que parece deprehender-se do titulo que adoptou.

Todos os que frequentam o quinto anno de Direito, sabem por experiencia os inconvenientes da falta d'um livro elementar de hermeneutica e diplomatica. O Sr. Bernardino Carneiro, veiu encher essa lacuna, e dotar o ensino público com mais uma obra de reconhecida utilidade. D'hoje em diante os estudantes de Direito não terão de lamentar uma falta tão notavel; pois é d'esperar, que o Conselho da Faculdade de Direito adopte esta obra para compendio.

EXPEDIENTE.

Rogamos aos srs. assignantes das provincias nos remetam a importancia do 2.º semestre da Revista, para não soffrerem interrupção na remessa do Jornal.

Os Srs. assignantes de Vizeu, e outras terras da Beira, queiram remetter a importancia do 1.º e 2.º semestre ao nosso collega e amigo o Sr. João da Costa Brandão, em Oliveirinha.



Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.

REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 10—SEPTEMBRO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.	Pag.
	Vida de Luiz de Camões..... 181
	O album, o coração, e a rosa..... 190
F. S. Franco Junior . . .	Um instante de capricho..... <i>ib.</i>
Alexandre Meyrelles . . .	Paginas de vida intima..... 192
M. A. Guerra	Collegios de educação..... 193
	Manuscripto..... 194
Manoel Maria Barbas . .	Dissertação physiologica..... 197

Coimbra

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 14

64



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL

7.º 10 SETEMBRO DE 1851

INDICE DOS ARTIGOS

181	182	183	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244	245	246	247	248	249	250	251	252	253	254	255	256	257	258	259	260	261	262	263	264	265	266	267	268	269	270	271	272	273	274	275	276	277	278	279	280	281	282	283	284	285	286	287	288	289	290	291	292	293	294	295	296	297	298	299	300	301	302	303	304	305	306	307	308	309	310	311	312	313	314	315	316	317	318	319	320	321	322	323	324	325	326	327	328	329	330	331	332	333	334	335	336	337	338	339	340	341	342	343	344	345	346	347	348	349	350	351	352	353	354	355	356	357	358	359	360	361	362	363	364	365	366	367	368	369	370	371	372	373	374	375	376	377	378	379	380	381	382	383	384	385	386	387	388	389	390	391	392	393	394	395	396	397	398	399	400	401	402	403	404	405	406	407	408	409	410	411	412	413	414	415	416	417	418	419	420	421	422	423	424	425	426	427	428	429	430	431	432	433	434	435	436	437	438	439	440	441	442	443	444	445	446	447	448	449	450	451	452	453	454	455	456	457	458	459	460	461	462	463	464	465	466	467	468	469	470	471	472	473	474	475	476	477	478	479	480	481	482	483	484	485	486	487	488	489	490	491	492	493	494	495	496	497	498	499	500	501	502	503	504	505	506	507	508	509	510	511	512	513	514	515	516	517	518	519	520	521	522	523	524	525	526	527	528	529	530	531	532	533	534	535	536	537	538	539	540	541	542	543	544	545	546	547	548	549	550	551	552	553	554	555	556	557	558	559	560	561	562	563	564	565	566	567	568	569	570	571	572	573	574	575	576	577	578	579	580	581	582	583	584	585	586	587	588	589	590	591	592	593	594	595	596	597	598	599	600	601	602	603	604	605	606	607	608	609	610	611	612	613	614	615	616	617	618	619	620	621	622	623	624	625	626	627	628	629	630	631	632	633	634	635	636	637	638	639	640	641	642	643	644	645	646	647	648	649	650	651	652	653	654	655	656	657	658	659	660	661	662	663	664	665	666	667	668	669	670	671	672	673	674	675	676	677	678	679	680	681	682	683	684	685	686	687	688	689	690	691	692	693	694	695	696	697	698	699	700	701	702	703	704	705	706	707	708	709	710	711	712	713	714	715	716	717	718	719	720	721	722	723	724	725	726	727	728	729	730	731	732	733	734	735	736	737	738	739	740	741	742	743	744	745	746	747	748	749	750	751	752	753	754	755	756	757	758	759	760	761	762	763	764	765	766	767	768	769	770	771	772	773	774	775	776	777	778	779	780	781	782	783	784	785	786	787	788	789	790	791	792	793	794	795	796	797	798	799	800	801	802	803	804	805	806	807	808	809	810	811	812	813	814	815	816	817	818	819	820	821	822	823	824	825	826	827	828	829	830	831	832	833	834	835	836	837	838	839	840	841	842	843	844	845	846	847	848	849	850	851	852	853	854	855	856	857	858	859	860	861	862	863	864	865	866	867	868	869	870	871	872	873	874	875	876	877	878	879	880	881	882	883	884	885	886	887	888	889	890	891	892	893	894	895	896	897	898	899	900	901	902	903	904	905	906	907	908	909	910	911	912	913	914	915	916	917	918	919	920	921	922	923	924	925	926	927	928	929	930	931	932	933	934	935	936	937	938	939	940	941	942	943	944	945	946	947	948	949	950	951	952	953	954	955	956	957	958	959	960	961	962	963	964	965	966	967	968	969	970	971	972	973	974	975	976	977	978	979	980	981	982	983	984	985	986	987	988	989	990	991	992	993	994	995	996	997	998	999	1000
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	------



Companhia
 Impressora da Universidade
 1851

VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

Continuado de pag. 168.

Deixando por brevidade muitos logares de merecimento, indicarei como bella e verdadeiramente epica a invenção do sonho de elRei D. Manoel, a resolução da expedição, e a sahida d'ella do porto.

Transcreverei aqui, porque julgo impossivel dizer melhor, a nota de Mr. Mickle, em que mostra a engenhosa arte, com que o poeta conduz a viagem atrevida de Vasco da Gama. « Todas as circumstancias são representadas com dignidade e magnificencia. O Senhor D. João II. concebe aquelle grande projecto politico, que nenhum principe imaginára até o seu tempo, e envia mensageiros por terra a fim de explorarem o estado e commercio da India: a viagem d'estes é descripta á maneira de Homero. A providencia reserva ao seu successor a fortuna e honra d'este descobrimento, fingindo o poeta com equal espirito ao primeiro dos Epicos, que os rios Ganges e Indo lhe apparecem durante um sonho, avisando-o de emprender a conquista da India. A escolha de Gama, e o entusiasmo do Rei á vista do nobre aspecto d'este heróe, são rasgos de um grande poeta. A solemnidade dos preparos espirituaes dos cavalleiros aventureiros, a sua nobre e firme resolução, quando vão a embarcar-se, o quadro, em que representa as mães, as esposas, e amigos correndo magoados a ver o embarque d'estes, que julgavam victimas do heroismo, e do amor da patria, e a vel-os pela ultima vez, as exclamações philosophicas do velho venerando contra a expedição, em fim toda esta representação da partida, tem uma dignidade e pathos, que nenhum dos classicos excede, e cuja invenção é propria de Camões. Nem na Eneida, nem na Odyssea, ha logar algum semelhante a este. »

Prosegue o poeta nos dous cantos seguintes a narrativa da viagem: e nestes as bellezas, que se encontram são de diverso genero e de grande variedade. Offerece logo o canto V: um logar preeminente e universalmente celebrado: mas principiarei por não deixar em esquecimento a est. segunda, porque mostra uma difficuldade vencida engenhosamente. A terceira é muito pathetica e de grande belleza. A descripção da costa Africana, ao longo da qual navegava a esquadra, a dos phenomenos maritimos, que lhe

appareceram, a do primeiro encontro com os negros, tudo é tractado tão poeticamente, e com tanta propriedade, que parece ao leitor achar-se a bordo de uma das naus da expedição. É digno de observar-se, como todas as descripções de scenas nauticas, e as da physionomia das terras Africanas, e Asianas, que os portuguezes descobriram, são feitas, não só com aquelle grande engenho, de que o nosso Poeta era dotado, mas com uma naturalidade e verdade, como quem tinha feito longas viagens de mar, e visitado aquelles remotos paizes. Se ainda hoje, que a navegação se tem adiantado tanto, e que estas regiões são tão conhecidas pelas relações dos viajantes, esta relação poetica é do maior interesse, póde julgar-se da impressão, que faria, quando não eram passados oitenta annos, que a primeira expedição de Gama tinha sido emprehendida.

A aventura de Velloso é contada com muita graça; o dicto jocoso, com que é motejado pelos seus companheiros, e a sua resposta, são proprios do character militar, e muito admissiveis em um poema epico; e se esta jocosidade desagradar a alguns criticos, rogo-lhes de lembrar-se que os grandes mestres se serviram de eguaes meios para com esta variedade descançar o leitor.

Devo não passar em silencio outra difficuldade vencida, qual é a de descrever poeticamente (sem com tudo offender a delicadeza, mas antes mover a sensibilidade) a molestia nojosa propria das grandes navegações.

As estancias 92 até a 100 d'este canto são bellissimas, e de grande moralidade; e o poeta falla alli como o côro nas antigas tragedias. Devemos sentir muito, que Luiz de Camões tivesse tão justos motivos de queixa contra os descendentes de Gama, e contra os seus contemporaneos, que merecessem estes a sua severa reprehensão.

Mas neste canto é que se acha a invenção e ficção do genio do cabo tormentorio, a qual é sua propria, universalmente admirada, e que me atrevo a dizer, tem uma sublimidade de grandeza, que não admite superioridade em nenhuma das invenções, que possam allegar-se de qualquer outra composição humana. Voltaire confessa, que deve fazer a admiração de todas as nações, e em todos os tempos. O estylo da poesia é equal á grandeza do sujeito. Tudo quanto eu podesse dizer seria sempre inferior ao que cada um, que tiver gosto, deve sentir lendo-o, e relendo-o.



No sexto canto a descripção do palacio de Neptuno é nova, muito agradável, e de um grande merecimento. Os ornatos e esculpturas do palacio são desenhados com bellissima poesia; e a falla de Baccho para persuadir as divindades do mar a excitarem uma tormenta, que destrua a pequena esquadra portugueza, não é menos eloquente que as outras, de que já fizemos menção; antes no artificio oratorio, com que move aquelles deuses, póde citar-se como um modelo classico. Camões nesta pintura imitou o lugar de Virgilio, em que este descreve Juno implorando os ventos.

Quanto é natural e bem pintada aquella scena de mar nas est. 38 e 39, que serve de occasião e prelude á historia do combate dos doze de Inglaterra, que o poeta faz narrar a Velloso! Este episodio, no gosto *romantico* o mais bello, é introduzido no poema com grande propriedade, porque sendo um feito d'armas notavel dos portuguezes, serve ao objecto, que o poeta não perde de vista, qual é o de cantar a heroicidade da sua nação.

Apenas acabada esta narração de Velloso, logo o poeta passa a descrever a tormenta que Neptuno excita. A descripção d'esta (torno a repetir) é feita sómente com aquelle talento e gosto de Camões, mas pintada com aquellas côres verdadeiras da natureza, que só póde empregar quem presenciou estas scenas horrendas. O modo por que Venus acalma os ventos é na maneira dos antigos.

Sendo os navegantes já chegados á India, termo da sua empreza, Camões levanta a voz em cinco estancias, que julgo incomparaveis pela valentia, e nobreza de sentimentos, assim como pela sua sublime poesia. Estas estancias, dignas de serem conservadas na memória, serão além disso caracteristicas da grande alma, e do nobre modo de pensar do nosso Poeta.

A apostrophe, que principia o canto VII, dirigida contra as potencias da Europa, que se destruíam, e laceravam o proprio seio, com guerras de religião, é um artificio ingenhoso do seu patriotismo para sobreelevar a sua nação, e para fazer melhor sobresahir a grande empreza, que ella no mesmo tempo commettia. A poesia é inspirada por aquelle nobre sentimento. Esta especie de digressão não é nem impropria, nem ociosa, quando se considera o mundo repartido em dous imperios, occidental e oriental: aquelle

catholico, mas desunido; o segundo Musulmano, mas unido e attento a destruir o primeiro. Se, recordando a historia, vemos que a passagem do cabo de Boa-Esperança salvou a Europa, e as suas liberdades do jugo dos Musulmanos (como é facil de demonstrar) não póde haver dúvida em approvar esta digressão no momento, em que os Portuguezes descobrem a India. Assim, a escolha, que o ceu fez da pequena nação lusitana, para enfraquecer o poder Musulmano, para salvar a Europa, e para abrir o commercio da Asia, que procurou as maiores e mais beneficás consequencias aos Europeus (o que o poeta faz conhecer, demorando-se nesta ponderação, quando os nossos são chegados á India), é muito judiciosamente alli memorada, e dá um grande relêvo á acção do poema.

Abordando Vasco da Gama a Calecut, encontra um Mouro nascido na costa fronteira á Hespanha, o qual conhecia a nação e lingua portuguezas, e podia assim servir-lhe de interprete. Este lhe descreve a peninsula Indiana, os seus costumes, leis, e religião; descripção excellente no sentido poetico, pelas vivas côres, com que a poesia anima e orna a verdade.

A descripção do palacio do Samorim é uma bellissima imitação de Virgilio: a audiencia, que lhe dá aquelle principe, é uma exacta representação dos costumes orientaes: a falla de Vasco da Gama apropriada a mostrar os grandes projectos do Senhor D. Manoel, é urdida com um artificio diplomatico que mostra ser Camões versado até nestes conhecimentos.

No canto VIII. Paulo da Gama recebe no seu navio a visita do Catual. Este, vendo as tapeçarias, que representavam os feitos mais notaveis dos grandes homens, que Portugal tinha produzido, lhe pede a explicação d'estas representações; o que dá naturalmente ao Poeta a oportunidade de louvar os heroes da nação, em versos nobres, proprios para inspirar desejos de imitar as suas acções. Toda esta galeria de pinturas é feita com aquella arte, e seja-me licito dizer, com aquella maneira larga dos grandes pintores. Entre estes quadros são mais notaveis os que retratam o feito generoso de Egas Moniz, e uma acção digna dos tempos da cavalleria, que fez o grande condestavel.

Por esta occasião, e por aquelle mau conselho dado ao Samorim pelos seus privados, Camões faz algumas breves reflexões moraes,

dignas de serem esculpidas em letras d'oiro nos gabinetes dos Soberanos. A comparação do espelho não é inferior á de Virgilio que elle imita: e assim em tudo o mais que ha neste canto semelhante ao do mesmo poeta, elle o faz como grande mestre, e não como servil imitador.

O restante do canto não é alheio do que exige o poema epico. Acham-se alli a lucta de Vasco da Gama, e a dos nossos aventureiros com os Mouros, que, senhores do commercio d'aquelles paizes, e gozando da maior influencia nos governos mesmo em que não dominavam, pretendiam oppôr-se ás vistas e complemento da viagem de Gama, procurando destruil-o. A consultação dos haruspices, os artificios de Baccho, são ficções, com que Camões, servindo-se do maravilhoso *per ambages deorum*, entretem com arte o interesse.

Ao mesmo tempo a pintura das intrigas das Côrtes, a prudencia, com que o principal heroe do poema vence todas as difficuldades, o seu discurso ao Samorim, e as judiciosas reflexões, que contém, são logares dignos da meditação de todo o homem de Estado. Alli se vê bem exposta, e com justa vehemencia, a conducta, ou o manejo de um mau primeiro Ministro na do Catual; assim como reprehendidas severamente a ambição, a sêde d'oiro e o vil interesse dos cortesãos. Conclue com esta moral o canto.

Ajunctarei aqui uma muito judiciosa reflexão de M. Mickle sobre o canto VII., de que infelizmente elle se não lembrou, quando ousou mudar o canto VIII., na sua traducção. « Aquella imitação de Virgilio, que se pôde achar no canto VII., é feita como o deve fazer um mestre da arte. Se Homero tivesse escripto a Eneida, havia de fazel-o como o poeta Romano, e apresentar uma narração socegada no VII. livro, sem o tumulto, e ruido dos continuos combates. Assim Camões conservou aquelle socêgo proprio e digno da sua narração no VII. canto, e não ficou sendo inferior áquelle grande poeta. » Atéqui Mickle: mas eu direi tambem que o canto VIII. tal qual se acha nos Lusíadas, mostra quanto Camões foi sempre judicioso na conducta do seu poema, como se pôde ver, não só conforme estas observações precedentes, mas pela meditação, que qualquer homem instruido fizer, lendo-o com attenção.

Estes dous cantos, e sobre tudo o ultimo é um excellente manual de instrucção po-

litica. Desata-se o nó da intriga e da acção no canto IX., dissipando-se o receio natural da chegada das naus de Meca, que podiam frustrar a expedição de Gama. Este é posto em liberdade, e parte finalmente de Calecut. O modo, por que Camões conduz o seu poema neste canto, é muito melhor do que a invenção de M. Mickle, que na sua traducção, attentou mudal-o, imaginando, que durante a prisão de Gama a frota bombardeava Calecut, e atterrava os Mouros a ponto de o soltarem e deixarem partir. Camões evitou justamente este modo de desatar o nó do poema, assim como o de servir-se das cansadas descripções de combates, tão usadas nos outros poemas. Sobre a sahida da esquadra do porto de Calecut, Camões tem outra estancia (a 17), com que toca e move os affectos, no gosto que sentiriam os navegantes voltando para a patria.

Segue-se a bellissima ficção da ilha, que Venus conduz e dispõe a receber os seus protegidos descobridores da India, para alli descanzarem, e dar-lhe o premio de terem finalisado a sua gloriosa empreza; o que prova (se tal questão pôde ter importancia) ser esta ilha imaginada, não nos mares da India, mas proxima ao termo da viagem de Gama. Esta atrevida invenção é ornada e tractada com todas as graças da poesia. Em nenhum logar o Poeta deixou correr a sua phantasia com mais calor e mimo voluptuoso. A descripção do paiz e jardins, as circumstancias do encontro dos portuguezes com as nymphas, e todos os preparos d'este festim de deleites, offerecem as pinturas mais graciosas, que a rica e amorosa imaginação de Camões podia inventar, e que o mesmo Tasso pôde sim imitar, mas não vencer. É para admirar, que na pintura d'estas delicias o Poeta não offende nenhum sentimento nobre, nem a delicadeza, antes excita e anima a generosos sentimentos, pela explicação que dá d'esta encantadora allegoria. Aquelles que o criticaram, não o compararam por certo com os outros poetas, pois veriam, que nenhum pôde ornar estas pinturas como elle, de cores as mais vivas e abrasadoras, sem offensa do gosto. O caracter de Camões, que unia a um coração terno uma grande fortaleza d'alma, o que o distinguirá sempre dos outros poetas, faz-se aqui conspicuo pelo modo, com que introduz esta ficção no poema, e o bom e puro gosto, com que a tracta.

Tudo quanto se segue pois para completar esta grande composição tem com ella to-

da a connexão. Mas com satisfação torno a transcrever aqui a opinião de um estrangeiro, tão bom critico pela sua instrucção, e pelo seu juizo e talento poetico, como M. Mickle, para assim apoiar melhor o meu parecer: « O maior louvor de Camões, e que faz mais honra ao seu ingenho inventivo, consiste na introdução de uma tão bella ficção como parte essencial da conducta e do genero de maravilhoso, que adoptára no seu poema, porque não sómente deu assim mais dignidade á sua composição, mas a completou, e concluiu perfeitamente. A sua imitação de Homero e Virgilio, nesta conducta, é tal, que merece dizer-se, que os igualou. Por uma allegoria tão bella os heroes dos *Lusíadas* recebem a justa recompensa, que mereceram. Gama e os heroes seus companheiros ouvem da bocca de Tethys no seu divino palacio, os triumphos dos seus compatriotas na conquista da India: Tethys, mesma conduz Gama, e lhe faz ver todo o mundo oriental; descreve com a mais bella poesia cada região e paiz, e conclue com a est. 142, canto X., aonde lhe indica, que todas aquellas terras descobertas pelo valor portuguez serão d'alli em diante dadas ao Occidente. É impossivel finalizar um poema com mais sublimidade. »

Julgo que dá com effeito um grande lustre ao poema esta prophécia, que Tethys faz ao Gama em recompensa da sua ardua navegação, e em que lhe faz ver como esta abriu o caminho á fundação do grande Imperio portuguez na Asia. Por tanto é natural e consequente, que ella lhe faça a descripção geographica das terras descobertas e subjuggadas depois pelos portuguezes naquella parte do mundo, assim como a pintura dos heroes, que hão de illustrar a nação no glorioso tempo do seu dominio no Oriente. Mas para notar mais particularmente as bellezas d'este canto apontarei no principio d'elle a passagem aonde o poeta reflecte sobre si, e excita tanto a nossa sympathia, como a nossa admiração, vendo como entre os maiores infortunios, que o levam á morte, elle só pede ás Musas que lhe dêem alento para cumprir com o que quer á sua nação:

Os trabalhos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno:
Mas tu me dá que cumpra, ó grã Rainha
Das Musas, co' o que quero á nação minha!

Como é bem desenhado o grande character de Duarte Pacheco! Quão justa é a censura,

com que argue o Rei, que, ingrato, deixou morrer este héroe em um hospital! Possam os Soberanos, para seu bem, recordar e ter presente a instructiva estancia 24. A morte de D. Lourenço d'Almeida é sublime de poesia e de nobreza cavalleira, e sobre tudo os dous versos, que terminam a oitava 31. Com que grandeza igual ao sujeito conta os gloriosos feitos do grande Affonso d'Albuquerque, verdadeiro fundador do Imperio portuguez na Asia; cujo nome e memoria ainda hoje, os Indios conservam! Como caracteriza os outros governadores, e excita o interesse nesta breve historia das nossas conquistas! O merecimento poetico de todos estes painéis é muito grande, e digno do maior louvor, não só pela sua variedade, mas pela justiça, e exempção de toda a lisonja.

Bem sei que é censurada a erudição do Poeta, assim como os seus conhecimentos physicos; mas elles não devem ser julgados pelas descobertas e conhecimentos dos sabios mais modernos, e por tanto fazem honra á instrucção de Camões, e ao seu talento na poesia didactica. Isto mesmo não está alli com impropriedade.

Não dissimulo tambem, que teem sido reprovadas por alguns as reflexões moraes, com que conclue os seus cantos, ou que entresachou nelles; mas Marmontel as justifica, com a reflexão seguinte muito appropriada: (*Le chœur, diz elle, fait partie des moeurs de la tragédie ancienne; les réflexions et les sentiments du poëte font partie des moeurs de l'épopée*). E quem lendo-a desejaria ser privado de moralidades dignas de tanta acceitação?

O epilogo dirigido ao Senhor D. Sebastião, com que conclue o poema, faz honra ao seu nobre coração, e ao seu patriotismo. É uma apostrophe didactica em versos harmoniosos, cheia do mais leal zelo, de amor da verdade e da justiça, e expressada com uma decente liberdade, propria do seu elevado character.

Um poema inspirado por um patriotismo, que abraza, escripto com tanta elegancia e simplicidade de dicção, cheio de tantos logares eminentes, ou pela invenção ou pela fertil variedade de descripções, ou pela sublimidade dos pensamentos, elevação dos sentimentos, e graça das expressões, dá sem dúvida ao seu author todos os direitos para ser posto entre os primeiros poetas epicos.

Mas creio sem jactancia, que se lhe poderia dar a primazia entre os modernos, em attenção a que elle é o unico, que inspira

aos leitores um sentimento elevado da natureza humana, um amor da virtude, e da gloria, proprio para os fazer imitar acções grandes e heroicas. Os outros deleitam-nos, como o Tasso; inspiram-nos admiração, e veneração religiosa, como Milton; mas não nos electrizam. Os *Lusiadas*, se fossem mais lidos no original, deviam produzir heroes. Bouchardon dizia, que depois de ler Homero julgava ter vinte pés de altura: mas com quanta mais razão um Portuguez julgará ter essa estatura depois de haver lido o seu Camões!

Concluirei com o dicto do celebre moralista La Bruyère: « Quando a lição de uma obra, diz elle, vos elevar o espirito, e vos inspirar sentimentos nobre e valerosos, não recorráis a outras regras para formar juizo d'ella; assentai que é boa e feita de extrema mão. » Tasso honrou-se a si, e acreditou o seu discernimento, quando confessou que tinha receio de Camões como rival. O tributo de louvor, que com generosidade pagou a Luiz de Camões, honra este, e é a melhor refutação das injustiças, com que alguns criticos, mesmo seus compatriotas, o maltractaram. Este grande poeta, melhor avaliador d'outro grande poeta, dedicou-lhe o seguinte soneto.

Vasco, le cui felici, ardite antenne
Incontro al Sol che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colà ritorno
Ove egli par che di cadere accenne;

Non più di te per aspero mar sostenne
Quel, che fece al Ciclope oltraggio, e scorno?
Nè chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno,
Nè dié più bel soggetto a colte penne.

Ed or quella del colto e buan Luigi,
Tant' oltre stende il glorioso volo
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge:

Ond' a quelli a cui s' alza il nostro polo,
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi,
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

Demorei-me, e dei com mais particularidade noticia da epopea de Luiz de Camões, por ser esta composição a que mais o distingue na Europa, as outras suas poesias sendo menos conhecidas fóra do nosso paiz, porque sómente nestes ultimos tempos é que alguns criticos estrangeiros deram breve conta d'ellas na historia da litteratura de Portugal. E com tudo se a nossa lingua fosse tão conhecida como a Italiana, estou bem certo que o nome de Camões seria tão illustrado pelas suas rimas, como o de Petrarca.

O fertil e flexivel ingenho de Camões empregou-se em todos os generos de poesia conhecidos e usados no seu tempo; e como em cada um foi excellente, e em alguns fixou o estylo proprio d'elles em Portugal, pôde dizer-se que para ter idéa da poesia portugueza no XVI. seculo, basta conhecer as obras de Luiz de Camões. A sua preminencia sobre todos os poetas d'aquella epocha me parece incontestavel, mesmo nas poesias lyricas; o que deve causar tanto maior admiração, considerando, que estas suas composições ou foram os primeiros ensaios da sua mocidade, ou foram produções espontaneas da effusão dos seus sentimentos, e das circumstancias, em que se achava, sem que depois as limasse.

Sabemos por Diogo do Couto, que Luiz de Camões tinha principiado a fazer uma collecção d'ellas (debaixo do titulo de *Parnasso*), a qual, tendo-lhe sido furtada em Moçambique, não foi possivel tornar a achar-se. Assim não foi elle quem escolheu ou corrigiu as poesias que hoje se conhecem impressas debaixo do nome de *RIMAS*, e que foram publicadas, pela primeira vez, dessorseis annos depois da sua morte, por Fernando Rodrigues Lobo Surrupita. Este editor confessa que as ajunctára, tirando-as de diversos livros de mão, aonde andavam espedaçadas, mal copiadas, e mesmo com erros; e por isso pede desculpa dos defeitos, que nellas se acharem, allegando, que elle Surrupita não ousára alterar cousa alguma dos manuscritos, que lhe tinham sido confiados.

Manoel de Faria, segundo editor da mesma collecção, a augmentou, ajunctando-lhe muitas poesias, que pôde descobrir, assim como tambem as *Eclogas*, que conforme a sua opinião, Diogo Bernardes tinha usurpado a Camões; demais elle diz as corrigira, servindo-se das melhores copias, que lhe fóra possivel achar. Mas quem pôde saber as obras que do nosso poeta se perderam? Quem ousará afirmar, que todas as que se acham nestas collecções são d'elle, ou que elle as julgasse dignas do prelo? Por ventura não é mui provavel que estes dous editores dessem como pertencentes a Camões algumas poesias de outros auctores? Talvez induzidos a isso, ou por uma tradição vaga, ou pelas acharem junctas com outras do mesmo poeta; ou em fim enganados pela persuasão de que possuíam aquelle tacto particular para conhecer e distinguir os estylos dos differentes escriptores. Este tacto ainda que pos-

sivel e seguro até certo ponto quando se tracta de um auctor preeminente, não deixa com tudo de ser sujeito a erro, e particularmente em obras aonde se empregam diversos tons. Persuado-me, que algumas das composições publicadas debaixo do nome do grande Camões não são d'elle, vista a sua inferioridade a respeito das outras: ou se com effeito o são, entram sem dúvida no numero d'aquellas que lhe foram arrancadas pela importunidade dos seus compatriotas, que abusavam da sua facilidade e complacencia, servindo-se do seu ingenho e da sua penna.

A mais ampla collecção contém 301 sonetos; (mas de certo para mim, os 37 ajuntados na edição de 1720 não são d'elle, e ainda dos 264 duvido de muitos); 16 canções: 12 odes; 3 sextinas; 21 elegias; 15 eclogas (comprehendidas as do plagiato de Bernardes); e de algumas estancias, redondilhas, e outros versos pequenos. Ajunctam-se ás Rimas as trez comedias, de Seleuco, dos Amphitryões, e de Filodemo: não fallo de algumas outras obras, que lhe foram attribuidas inconsideradamente.

Nestas collecções não houve outro cuidado senão o de separar as poesias, e classificar-as sómente pelos titulos, *sonetos, canções*, etc., sem que em cada uma d'estas divisões, ellas fossem ordenadas segundo o tempo, em que podia julgar-se, que Camões as compozera. Esta falta de ordem, que é desagradavel, tem sido continuada por todos os que publicaram edições completas das suas obras, Causa estranheza, que Manoel de Faria, o qual se vangloria de tão zeloso e apaixonado de Camões, não remedeasse este defeito, e que seguindo a mesma classificação, apenas nos desse em notas o que pôde averiguar sobre o tempo e motivo de algumas composições, e sobre as pessoas, que ellas tinham por objecto, deixando por satisfazer muitos outros conhecimentos, que desejamos ter; pois é certo, que em algumas poesias de Camões se notam allusões a cousas do seu tempo, que se perderam, e que por isso ignoramos.

Para poder bem avaliar o merecimento de Luiz de Camões nestas obras, filhas do seu fecundo e natural ingenho, é necessario ter na lembrança, que elle foi um dos primeiros, depois de Sá e Miranda, que adoptou a introdução do estylo Italiano; mas pelo seu gosto, formado sobre os exemplares Gregos e Latinos, pela sua veia poetica, e

harmoniosa versificação, collocou-se logo em uma ordem superior a todos os poetas d'esta escola.

Petrarca tinha sido entre os Italianos o que mais havia contribuido pelos seus trabalhos litterarios, e composições lyricas, a dar á lingua Italiana as graças da poesia antiga (cujos MS. elle foi um dos mais zelosos a colligir) e a lhe ajuntar outras, proprias da sua lingua e do tempo. Com as poesias lyricas d'este auctor, que constituem a sua fama, é que podemos comparar as de Camões; e, fazendo-o assim, estou persuadido, que as pessoas imparciaes não acharão estas inferiores ás d'aquelle poeta. Parece-me incontestavel, que as do nosso Portuguez manifestam um estro igual ao do seu predecessor, e offerecem a mesma harmonia na versificação, e elegancia de linguagem, a mesma viveza de imagens, e delicadeza de sentimentos, e de mais tem sobre as de Petrarca a grande vantagem de serem menos carregadas de conceitos, e subtilezas escuras, e de apresentarem muito maior valentia nos pensamentos. Ambos offereceram o exemplo da paixão mais nobre e mais pura, amando com extremo, constancia e fineza, damas, a que não podiam unir-se; ambos em fim experimentaram a infelicidade de sobreviver-lhes. Elles se acharam por consequência nas mesmas situações para cantar, e chorar depois o objecto dos seus amores. Entretanto o genero, e circumstancias particulares da vida de cada um foram virtualmente proprias de produzir uma influencia differente, a mais desvantajosa nas poesias de Camões, e a mais favoravel nas de Petrarca.

Este viveu feliz, rico, estimado e procurado dos grandes; residindo nas côrtes, ou em uma boa casa de campo, no paiz o mais bello e civilizado; e cultivando as letras socegadamente nos intervallos dos seus negocios. Camões pelo contrario foi pobre, perseguido, desterrado, e passou a melhor parte da vida, longe da patria, por inhospitos climas, podendo apenas dar ao estudo momentos subtrahidos á tumultuosa occupação das armas, e amargurados pelo desgosto de se ver mal recompensado, e mesmo maltractado pelos seus ingratos compatriotas.

Advirta-se mais, que Petrarca teve o tempo de corrigir, de aperfeiçoar, e de publicar elle mesmo as suas poesias, o que não aconteceu a Camões. Quanto não devemos pois exaltar o ingenho do nosso poeta, quando a pezar de tantas desvantagens observamos

que elle não é inferior, antes superior em partes ao primeiro poeta da Italia neste genero!

As poesias de Camões conhecidas debaixo do titulo de RIMAS, são, como dissemos, muitas e variadas. Nas melhores d'ellas reconhece-se a maneira d'este grande Poeta, que apurou o gosto e estylo nacional, approximando-o da correccão mais elegante dos Italianos, e d'a dos antigos modelos.

Todos sabem, que os sonetos foram inventados por Pedro de Vignes em Sicília; assim como as canções pelos Proençaes, e que depois de adoptada esta forma e metro pelos Italianos, foi Petrarca quem os levou á maior perfeição, e ficou servindo de modelo aos seus successores.

Estes dous generos de poesia foram os que os modernos substituiram á ode dos antigos, e de que elles se serviram principalmente para cantar os seus amores. Foi sobre tudo o sentimento da harmonia, que dirigiu os Proençaes na construcção das strophas, e no encadeamento dos consoantes. Esta versificação difficil pela attenção forçada e constante, que exige do poeta a harmonia dos sons, e bem assim o constrangimento, que elle experimenta de encerrar as inspirações, e os pensamentos dentro de limites estreitos, foi provavelmente a origem das agudezas, que se substituiram ao sentimento, e a das subtilidades e conceitos, em que se transformaram os pensamentos. As opiniões mysticas, e os costumes do seculo não contribuíram menos para augmentar estes defeitos: e assim devemos tanto mais estimar aquelles poetas, que souberam melhor preservar-se do contagio, e evital-os.

A imaginação do nosso Camões foi fertilissima em sonetos: e supposto que nesta ampla collecção, feita com pouco discernimento depois da sua morte, se encontram alguns inferiores, que ou lhe não pertencem, ou lhe foram arrancados extemporaneamente por amigos importunos, é notavel e digna de admiração a quantidade dos excellentes e perfeitos, que não consentem superioridade, além dos muitos bons, que alli se acham reunidos. A maior parte d'elles são amorosos, cheios de graça, delicadeza, ou de uma viva paixão; outros exprimem uma profunda melancholia. Em geral, nenhum poeta soube melhor conhecer e desempenhar o character d'este pequeno poema: nenhum principalmente teve mais do que elle o dom de imprimir a sua sensibilidade nos versos,

que sahiram do seu coração, e que ainda hoje movem profundamente em nós uma terna sympathia.

As suas canções são conformes ás de Petrarca, e de Bembo; e verdadeiramente admiraveis pela elegancia da lingoagem, e harmonia dos versos. Ninguem conheceu e imitou melhor do que Luiz de Camões a poesia de Petrarca; mas atrevo-me a dizer, que lhe é superior na força dos pensamentos, e na descripção viva das scenas da natureza, que elle pinta, como quem as vira e soubera sentir; o que a imaginação e arte não podem alcançar. Entre as canções citarei trez, que me parecem muito superiores ás trez muito estimadas de Petrarca, (chamadas irmãs) sobre os olhos de Laura. A decima,

Juncto de um secco, duro e esteril monte, etc.

composta quando o auctor cruzava defronte do cabo Guardafú, é um modelo da mais harmoniosa poesia, e de uma profunda paixão de amor. O coração sente-se por extremo enternecido, quando se considera este grande homem longe da sua patria, e da sua amada, militando em climas tão distantes, e exhalando as suas penas e saudades nos mais bellos e ternos versos. A undecima,

Vinde cá meu tão certo secretario, etc.

egualmente composta na Asia, e em que o Poeta recorda as tristes vicissitudes da sua vida e sorte, moverá por certo a sympathisar com elle os corações mais duros. O homem sensível, e capaz de avaliar Camões não saberá resistir ao sentimento, que lhe causarão os seus queixumes:

A gente amiga já contraria via
No perigo primeiro; e no segundo
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava,

Estala o coração de dor vendo o extremo de infelicidade, a que um homem tão eminente se achava reduzido por

Injustiças d'aquelles, que o confuso
Regimento, do mundo antigo abuso,
Faz sobre os outros homens poderosos.

A canção VI. foi feita nas Molucas, e alli pôde notar-se egualmente a viveza das descripções, e a dos sentimentos.

Depois das canções seguem-se as odes, as quaes ou são eroticas, ou mythologicas,

afóra duas, dirigidas a dous grandes. Nellas não direi, que mostra Camões a impetuosidade de Pindaro, ou a valentia, que se admira em algumas odes de Horacio; mas as graças felices, que fazem o merecimento de outras no poeta latino, se encontram tambem nas do nosso poeta. O espirito da poesia romantica dos trovadores é nestas modificado com um gosto mais classico e puro. A sua primeira ode é um modelo d'este genero; o seu principio é verdadeiramente conforme ás regras poeticas da ode; e o fim é no gosto romantico, lindissimo. A ode IX. é uma imitação d'a de Horacio—*Diffugere nives*—, e não se deve julgar indigna de um dos primeiros poetas. Todas ellas apresentam logares de uma grande belleza, quer pela melodia da poesia, quer pela viveza dos sentimentos: por brevidade deixo de cital-os.

As odes succedem na ordem, que pôz o editor nas rimas de Camões, quatro sextinas, invenção metrica dos Proençaes, e uma das mais difficeis pela disposição dos consoantes. Nestas se vê o talento flexivel do nosso Poeta, o qual quiz provar, que não havia genero de poesia, em que se não avantajasse. Ellas tem a harmonia musical, propria para captivar os nossos sentidos, e produzir em nós a mais agradável impressão. Toda a pessoa capaz de sentir os encantos da poesia terá observado, que a estructura do verso, que é de certo modo a parte mechanica d'ella, tem uma correlação mysteriosa com as sensações, e emoções da nossa alma, e com tudo o que falla á nossa imaginação, e coração;

Les vers sont en effet la musique de l'ame.

As penas de amor, a vida aventureira em longinquas regiões, e os crueis trabalhos de Luiz de Camões, deviam inspirar-lhe a poesia elegiaca, e o desejo de imitar nella a Propercio, Tibullo, e Ovidio. Porém se as suas elegias forem comparadas ás d'estes trez poetas, não se acharão conformes ás regras que elles nos deixaram; porque o nosso emprega algumas vezes um estylo e tom, que conviria antes á epistola. Mas em diversos logares o tom, o estylo, e os sentimentos são perfeitamente elegiacos, e Camões excita em nós um interesse o mais vivo, não só pela paixão, e melancholia, que as suas elegias respiram, mas tambem pela contemplação de tudo o que soffria este homem sempre infeliz.

Encontram-se depois umas poesias versi-

ficadas como a outava rima. Estas são propriamente epistolas, e fazem conhecer os principios, e caracter moral d'este excellente varão, e por tanto são as mais notaveis. Julgo, que a primeira de todas foi escripta em Africa, e dirigida ao seu amigo D. Antonio de Noronha, em que fazendo-lhe ver os concertos do mundo, mostra quanto a sua nobre alma estava magoada pela immoralidade, que nelle reinava. Em tão juvenildade quão digno é de louvor o justo sentimento de virtude, com que censura os vicios da Côte e do seculo, e quão amavel é a sensibilidade, com que expõe ao seu amigo os desejos de viver com elle retirado, cultivando as lettras, e na companhia d'aquella, a quem entregára o seu coração!

As segundas estancias dirigidas a D. Constantino de Bragança, quando este governava a India, são uma imitação da epistola de Horacio a Augusto;

Cum tot sustineas et tanta negotia solus:

imitação, em que rivalisa com aquelle auctor tão perfeito, e lhe leva a vantagem na nobreza e dignidade, com que louva este principe, a pezar da sua condição ser infeliz, o que não experimentava Horacio. Declara-lhe, que o louva por amor da verdade,

E não de premio algum vil esperança.

Nesta epistola com justiça e elegancia faz o elogio do Condestavel, e toca levemente no governo d'aquelle Francisco Barreto, que tão injustamente o maltractára, e acaba com sabias e moraes reflexões sobre a conducta dos Principes, e a ingratição dos povos para com aquelles, que os beneficiaram e lhe fizeram grandes serviços.

Depois das estancias seguem-se as eclogas, em numero de oito, na edição de Surripita, ás quaes Manoel de Faria ajunctou sete, que andavam impressas nas obras de Diogo Bernardes. As primeiras merecem particular attenção pelo seu merecimento poetico. Nellas, como nas outras composições se sente o calor da paixão, e dos sentimentos, que as dictavam e animavam. É necessario saber e considerar, que Camões se transforma em um dos pastores interlocutores, e representa com este disfarce varios incidentes da sua vida, e de outras pessoas então conhecidas. O seu gosto formado sobre os antigos o fez imitar varios logares das Bu-

colicas de Virgilio; mas em outros seguiu o do seculo, e tomou de Sannazaro e dos Italianos as eclogas piscatorias, o genero de versificação, e o estylo. Se não tem sempre a ingenuidade e simplicidade de Sá e Miranda, mostra com tudo mais elevação.

Na primeira, feita á morte do seu amigo D. Antonio de Noronha, vê-se o seu profundo sentimento e dor por esta perda, e brilhar o amor da sua patria, que em toda a occasião procura engrandecer, e o nobre sentimento de valor e independencia nacional; o que não se acha deslocado nesta peça, visto que D. Antonio tinha sido morto com as armas na mão; e que nesta ecloga passa a lamentar a morte do principe D. João, herdeiro do reino, que morreu nesse anno, e que era uma perda sensível, pois deixava só um filho na infancia. O estylo, os pensamentos, e sentimentos são de uma grande belleza: e é digno de notar-se o tom elegiaco dos cantos funebres de Frondelio e Aonia, e a sua differença de versificação.

A ultima, á morte de D. Catharina de Atayde, é do maior interesse. A tristeza e melancolia dos sentimentos nos move a participar das penas, que devia sentir Camões por tão cruel golpe. O mysterio, que elle punha nos seus amores, faz, que ignoremos, quaes eram as esperanças, que fundava na sua amante; esperanças de que a morte d'ella o privou. Em fim é impossivel deixar de chorar ainda hoje com elle tão grande e pungente mágoa:

E vós ó vida minha, pois curar-me
Já não podeis, deixai-me junctamente,
Por que lembranças taes possam deixar-me!

Luiz de Camões não se esqueceu do estylo e generos da poesia nacional, pois nos deixou de um e dos outros os melhores modelos.

As redondilhas, que escreveu depois do seu naufragio, são uma linda paraphrase do Psalmo CXXXIII, *Super flumina Babylonis*, etc. É impossivel fazer melhor naquello genero. Afóra essas, compoz nos outros da nossa antiga poesia, cantigas, motes, glosas, voltas, e alguns pequenos versos; e d'estas peças ha diversas, que pela singeleza dos pensamentos, doçura e graça do estylo, devem desarmar toda a critica. Taes são as voltas á cantiga: *Na fonte está Leonor*: os versos a uma dama, que jurava pelos seus olhos, e outras, que por brevidade não cito.

Entre estes versos encontra-se a chamada satyra debaixo do titulo, *Disparates da India*, e alli se verá a verdade do que disse acima a este respeito.

Lamento, que só podessem descobrir-se duas cartas d'este grande homem, que são as unicas impressas na collecção, e das quaes dou extractos. A segunda, em prosa e verso, pouco se entende, por referir-se a cousas e successos então conhecidos, e que hoje ignoramos; mas ainda assim Camões lhe imprimiu o seu caracter.

Os editores das suas obras conservaram-nos trez peças de theatro, que provavelmente Camões escreveu na sua mocidade, ensaiando-se neste genero de composição, como se nenhum quizesse deixar sem nelle mostrar a flexibilidade, e variedade do seu ingenho.

Não sendo porém esta a sua vocação, seguiu a fôrma de versificação, disposição, e enredo, que Gil Vicente tinha adoptado para o theatro, então bem grosseiro, e bem distante do dos Gregos e Latinos, verdadeiros modelos d'esta especie de composição: contudo Gil Vicente nesse tempo era muito estimado, e os seus autos e dramas eram representados no Paço, e faziam as delicias da Córte. Antonio Ferreira ainda não tinha composto a sua tragedia d'Ignez de Castro, que depois da Sophonisbe é a segunda peça moderna feita á imitação das tragedias dos antigos. Camões cedeu ao tempo, e seguiu a Gil Vicente, mas com mais gosto do que elle, e com o seu ingenho aperfeioou nestes seus ensaios juvenis a maneira, a linguagem, e as situações d'aquelle auctor. A sua primeira peça, intitulada *Seleuco*, é propriamente uma farça: a composição é muito trivial, mas o dialogo tem naturalidade, e algum sal, e as redondilhas não deixam de ter sua elegancia. A comedia dos *Amphytriones* é melhor, pois é uma imitação de Plauto, mas segundo o gosto e estylo do tempo. Este ensaio poderia ter sido um principio de melhoramento do nosso theatro, e deveria ter feito epocha, se Camões e outros, abandonando aquelle estylo e formas, a que estava costumada a Nação, seguissem este caminho. A terceira peça, *Filodemo*, é uma novella em forma de drama, e um aggregado de scenas comicas, e sérias, em prosa e em verso, accommodadas á aventura que constitue o sujeito do drama. Em algumas scenas, o dialogo é natural e engraçado; e algumas das situações são comicas.

Estes ensaios não são comparaveis ás ou-

tras obras de Camões; mas era impossivel deixal-os no esquecimento, querendo dar uma idéa do seu variado ingenho.

Para melhor julgar da sua vastidão, e do vigor das suas faculdades intellectuaes, seria necessario fazer conhecer o estado da Litteratura em Portugal antes de apparecer Luiz de Camões. Bernardim Ribeiro, Sá e Miranda, e João de Barros tinham principiado a enriquecer, e formar a lingua portugueza, e dar-lhe um caracter, e physionomia propria: Sá e Miranda tinha introduzido o estylo italiano na nossa poesia, tinha começado a dar-lhe harmonia e rhytmo, e imitado com felicidade em alguns logares os lyricos Latinos: mas basta pegar naquelles auctores, e passar d'elles a Camões, para ver quanto elle adiantou mais, e enriqueceu a lingua, e quanto na poesia foi superior, sem admittir comparação, a todos os seus predecessores e a todos os seus successores até os nossos dias. Se se considera, depois d'isto, quantos conhecimentos, e quanto ingenho devia ter Camões para crear a sua lingua, dar-lhe as locuções, e forma de versificação propria a um poema epico, tirar este de successos recentes, e muito grandes, ornando-os e realçando-os com ficções as mais ingenhosas, e num genero de composição, superior a todos, pôr-se egual aos grandes modelos da antiguidade, e ser o primeiro entre as modernos que ousou tental-o; e que até nas poesias lyricas occupa um logar eminente, então, e só então se poderá bem avaliar Luiz de Camões.

He was a man, take him for all in all,
I shall not look upon his like again.

(SHAKESP.)

Á POESIA INTITULADA

O ALBUM, O CORAÇÃO, E A ROSA.

Vale a pena ou não vale a pena?

A tua escolha, Donzella,
Pódes crer; *não vale a pena!*...
Que te rouba a paz amena,
A paz do teu coração:
Acredita, que essa rosa
No teu peito melindrosa
Exposte-se-a ao furacão!!.

Tu não sabes quem eu sou,
Nem mesmo quero dizer-te!!...
Mas um conselho escrever-te
Aqui... não priva ninguém!...
Sincero de franca amiga
O meu conselho se liga
Ao que o teu Album contém!...

Se queres no mundo alegre
Contar dias de prazer
« Ó faze melhor escolha...
No livro do teu viver!... »

Dar a rosa ao trovador...
Olha tu..., *não vale a pena!*...
Nem te embales d'illusões
Se a vida queres serena!...

Toma pois o meu conselho
Casta Donzella formosa;
Medita bem nas palavras
Album... coração... e rosa!...

UM INSTANTE DE CAPRICHIO.

A vida, mulher, é nada
Sem ter falla o coração!
Foi-me cratéra abrazada,
Que na terra o meu condão
Foi soffrer, soffrer sozinho,
Sem achar neste caminho
Um braço, um peito d'irmã;
Sem jámais achar no mundo
Salvação, amor, nem crença;
Só a dor em recompensa
Tendo á minha crença vã,
Da vida vendo no fundo
Noite eterna sem manhã.

Assim d'abyssmo em abyssmo
Corri, sem ter nunca um fim:
D'amor pedi o baptismo,
Pedi-o, mulher, por ti;
E contrito e arrependido
Aos teus pés, mulher cahi!
A largos tragos bebido
Alli amor foi por mim;
Senti os braços d'um anjo
Cingir-me... erguer-me d'alli!

Fictei em face o archanjo;
 Raiaram novas estrellas;
 Novo Deus olhou p'ra mim!
 Mulher, anjo, ou luz dos astros,
 Scintilla nesses teus olhos,
 Alma e luz, crença e amor;
 E por ti renasce a vida
 Que senti murcha e pendida
 No meu peito sem calor.

Vem, mulher, sejamos ricos,
 Ricos d'eternos carinhos;
 Cinge-me a c'roa d'espinhos,
 Quero cingil-a por ti!
 Mas has-de reinar sozinha
 Neste solio, que eu te dei,
 A outro a vida num bejo
 Pódes dar, porém eu quero
 Na tua alma ser eu rei.
 Não recalques o delirio
 D'este amor, que de ti vem,
 Porque se offerta o martyrio
 Dá-nos a vida tambem.

Que a vida está n'um abraço,
 Dos que ligam duas almas
 Numa só; está na paixão
 Que eternidades aspira,
 Na paixão em que delira
 Crença e alma e coração;
 Que a vida está nos affectos
 Que d'um peito noutro peito
 Nova força e brilho dão;
 No voar de dous espiritos
 Pelos anjos enlaçados,
 Nesses beijos abrazados
 Que do céu trazem condão;
 Que a vida está no tormento,
 E na dor, no soffrimento
 Que de ti, mulher, provém;
 Nesse delirio constante,
 Nesse aspirar incessante
 De fundir no amor d'amante
 O amor de filha e de mãe!

Vi-te, mulher, fiquei louco,
 Dei-te a vida, foi tão pouco,
 Que tremi do teu desdem!
 Mas depois num abraço eterno
 Me déste na vida o céu!
 Nuns olhos languidos negros
 Vi brilhar do pranto o véu!
 Mas nuns lindos olhos magos,
 Nuns ternos, brandos afagos,
 Quem póde dizer — eu li? —
 E quem póde na existencia
 Nunca sentir abrazar-se

Em falsa chama? E na vida
 Póde dizer — não menti? —
 Eu não posso: Mas taes sonhos?...
 Morreram? Creio... não sei!

Mas anjo, mulher ou fada,
 Quem á minha alma abrazada
 Póde dar o amor eterno,
 Louco amor, com que sonhei?
 Sou louco... e vago perdido,
 Mas se és o anjo descido
 Á terra p'ra me salvar,
 Ai! mulher, posso dizer-te,
 Dizer-te que sei amar:
 Mas treme do amor do poeta,
 Que é fogo que não tem méta,
 Nem fim, nem guia, nem lei!
 Que vae perdido em amores,
 Em mil espinhos, mil dores
 Sentindo o peito a rasgar!
 E traição féra e ridente,
 Num septicismo indifferente
 Quer a sua alma gelar;
 O poeta reáge, e na lucta
 Vem a terra dissoluta,
 Num anhelar dos sentidos
 Gozo protervo apontar!

D'esta voragem pendente
 A mão d'um anjo m'ergeu,
 Mas nunca mais vi a terra,
 Que do abysmo fui ao céu!
 Ai! mulher, seria um crime
 Adorar meigas estrellas
 Sem ter visto a luz do sol?
 Seria crime não ver,
 E deslumbrar-me ante o brilho
 Do anjo que Deus á terra
 Me envia eterno pharol?

Foi tudo sonho e delirio
 Que o despertar em martyrio
 Negro e fundo converteu:
 Que soffre e morre o poeta
 Sem ter na patria dos homens,
 Nem luz, nem guia do céu!
 E soffre e morre, e em pouco
 Nos prantos do pobre louco,
 Soffre e morre o coração:
 E soffre e morre sozinho;
 Nem ao menos no caminho
 Um anjo lhe aponta a vida
 Nem sequer a perdição.

Do somno não despertei
 Que ha sonhos que são sonhados,
 Sem serem acalentados
 A dormir... e a descansar!
 Ha sonhos de somno eterno
 De que desperta o inferno
 Dizendo — não foi sonhar!
 Olhei p'ra mim, e sorri-me,
 Que duas almas num crime
 Quizeram morrer alli;
 Porque tu, mulher, juraste
 A teus pés também jurei;
 E tu mentiste e eu menti,
 Que tu, mulher, nunca amaste,
 E eu, mulher, nunca amei.

Janeiro de 1855.

F. S. Franco Junior.

PAGINAS DE VIDA INTIMA.

Continuado da pag. 112.

Ha uma grandeza solida, que os homens, por mais depravados e corruptos, que sejam, são forçados a contemplar com respeito e a admirar sem lisonja. É a que procede não d'uma falsa idéa d'orgulho ou de vaidade, mas dos mais nobres sentimentos do coração.

Baixos respeitos, interesses sordidos e mesquinhos podem por um tempo abafar a voz da justiça, mas chega em fim o dia das reparações solemnes, em que a admiração victoriosa da inveja vem inclinar-se perante o cidadão de todas as republicas, o sabio universal, que a Providencia arrancou, por assim dizer, dos seus thesouros, para enriquecer o mundo.

Feliz então o pregoeiro d'essa gloria, por, que seu nome não ficará esquecido, nem ignorado dos vindouros.

Não são os testemunhos de duas nações estranhas, por ventura as mais civilizadas do mundo, nem os elogios ou antes a veneração dos reis da Europa para com seus talentos e virtudes; nem os factos particulares encerrados no interior da sua vida domestica, que todos attestam á porfia seu zêlo pela justiça, seu desinteresse e magnanimidade.

Os juizos dos homens podem ser accusados de prevenção ou má fé; a dúvida tem lavrado por tal arte nos espiritos, que hoje

quasi, que já não é permitido *crer sem ver* ou *apalpar* como S. Thomé. Não me refiro nem a uns nem a outros; fallo somente dos factos públicos, d'esses factos, que a incredulidade não pôde escurecer, que a calumnia não sabe embaciar.

O ensino público, a instrucção e educação da mocidade, o apostolado pela propagação da fé christã, gastaram a vida d'esse homem de bem, cuja mocidade não teve prazeres, e cuja velhice não tem descanso.

Mas porque se achava elle então em terra estranha n'aquelle anno de 1836? Que successos extraordinarios haviam perturbado sua vida a ponto de o obrigarem a arrancar-se dos braços dos amigos, e d'essa Lusã Athenas, aonde tantos loiros e triumphos havia colhido?

A um tão raro e elevado ingenho fôra mister, que razões de summa ponderação o incitassem a abandonar o posto, que a patria lhe havia confiado; razões, que nós não pretendemos avaliar, hoje, que vivemos longe do theatro dos acontecimentos, e que não somos influenciados pelo calor de todas essas peripecias terriveis, que ensaguntaram os annos, que durou a guerra de successão, e que marcaram uma pagina negra na nossa historia.

É certo, que ao pobre frade despojado de tudo quanto a piedade christã lhe havia doado; da cella aonde dormia; e do templo aonde orava, só restavam dous caminhos — ou o desterro ou a ignominia na propria terra, em que nascera.

Não serei porém eu quem affiance aqui, que o frade de S. Agostinho dos Reformados estava collocado nesta tão triste, como cruel situação; porque se o camartelo da politica lançou por terra os templos e os mosteiros, se o punhal do assassino feriu em muitas terras do reino o peito inerme dos ministros do Evangelho, se na ilha Terceira houve quem cortasse as orelhas a um frade e as viesse depois expor ás vistas dos prêsos do Castello de S. João Baptista, se finalmente na Beira o sangue correu a jorros do punhal e da clavina dos salteadores da serra, terras houve de Portugal, em que taes crimes se não vieram ajuntar a outros, de que rezam as chronicas de sangue d'aquelles tempos. Assim é para nós duvidoso, se a perseguição, que em outras partes levantava o collo altivo e zombava de todas as leis divinas e humanas viria ou não estalar sobre a cabeça do nosso sabio compatriota.

Mas não podia um tão preclaro talento e acrisolado patriotismo murchar aos raios do sol do exilio, antes era de esperar, que abrasado n'um mais vivo fogo do amor da patria, lhe consagrasse todo o seu cabedal de forças e intelligencia.

Não é n'umas paginas escriptas quasi ao correr da penna, que eu poderia avaliar seus trabalhos tanto scientificos como litterarios.

Baste-me só dizer, que elles o tornaram digno do reconhecimento do paiz e que engrangearam a seu auctor bem merecidos loiros.

Ahi o fui pois encontrar, morando numa agua fortada, elle e outro compatriota nosso o D.^o *Barbosa*. Este fazia lembrar o celebre *Diogenes*, que a antiguidade nos representa estranho a todas as commodidades da vida; era elle quem nos preparava o almoço e nos fazia o jantar; tudo com um certo ar de philosophia estoica, que nos fazia rir, sem comtudo lhe faltar-mos ao respeito, que lhe deviamos. Annos depois soube, que tinha voltado para Portugal, e que fôra reger uma cadeira de Physica e Chimica na Universidade. Parece com tudo que sobrevivendo-lhe uma molestia aguda, e querendo applicar-se um remedio violento, fora victima da sua originalidade.

Desde que o vi correndo afadigado pela pobre agua furtada e esforçando-se por nos prestar todos os serviços, que a sua bondade lhe suggeria; quantas vidas, prêsas á minha, se não partiram?

Vida humana! Que és tu se não um sonho de todos os dias, uma dor de todos os instantes? Pobre viajante perdido nos teus desertos o homem esquece-se, que a pedra, que além vê escondida entre o musgo e a herva, é a pedra funeraria sobre a qual o destino escreveu esta palavra fatidica — aniquilação,—que um seculo repete a outro seculo,—palavra nunca interrompida, e que é o funebre mote das gerações, que descem ao sepulcro.

Ah! E de que valem então as saudades e os prantos se o sonho da existencia é tão rapido, se os instantes são tão curtos!

Dorme em paz, meu velho amigo, lá nessas catacumbas, que Coimbra encerra em seus muros, que um dia, quando eu for visitar essa cidade das letras, heide perguntar a cada pedra, que encontrar, em que logar repousam tuas cinzas, para lhes offerter o unico tributo, que o amigo e o christão pôde pagar ao amigo finado — uma lagrima de saudade e uma oração a Deus pela tua alma!

No dia seguinte ao da nossa chegada fomos visitar os principaes edificios de Paris.

Sabeis que Paris é uma cidade artistica e monumental; e que é tão difficil descrevel-a, como natural o admiralla.

Vêde, como através das suas columnas d'elegante estrutura moderna, dos seus arcos de triumpho, das suas pontes tão graciosamente suspensas nos ares, se descobrem os andrajos seculares da velha Lutetia dos Gaulezes.

Será por ventura esta a cidade, que recebeu em seus muros, Attila, o flgello de Deus?

Que monumento é aquelle cujas formas negras se destacam no meio das gallas e primores da architectura moderna? É *Notre Dame*, a velha cathedral, que tantas vezes ouviu os canticos de triumpho celebrados em honra da França? Não! É a Igreja de Sancta Geneveva a Padroeira de Paris; hoje cemiterio dos heroes.

Entremos nas catacumbas. Dormem alli o derradeiro somno os homens, que engrandeceram a patria. Gloria aos seus nomes!

O som de nossos passos feria as abobadas com um echo sombrio e lugubre. Aquellas paredes nuas, aquellas columnas brancas, inspiram o terror.

Parámos muito tempo diante dos tumulos de *João Jacques Rousseau* e de *Voltaire*.

A mão, que escreveu o livro dos direitos do homem, está hoje desfeita e reduzida a pó. *Voltaire*, o famoso sceptico do seculo dezoito, pôde agora dizer no seio da Eternidade se ha um Deus, que premêa o justo, e castiga o impio.

(Continúa).

Alexandre Meyrelles.

COLLEGIOS DE EDUCAÇÃO.

Continuado de pag. 140.

Reconhecida pois a necessidade d'intervir na gerencia dos collegios uma auctoridade policial, seria muito para desejar, que a esta se marcassem certos prazos do anno, dentro nos quaes exercessem suas attribuições. Bastaria, que cada collegio fosse visitado trez vezes, pelo menos, no espaço d'um anno, e outras tantas informado o Conselho Superior do seu bom ou mau andamento. Os

exames seriam um meio poderoso para se conhecer do adiantamento e progressos dos alumnos; e não sendo uma méra formalidade, tem além d'isso outras vantagens, de todos sabidas, e a que muito convém attender. Para não ir mais longe, notaremos só, que a emulação nobre é sempre precursora d'acções heroicas. De collegios estrangeiros, e mesmo nacionaes, sabemos nós terem sempre reservado uma epocha do anno, para coroa-rem os esforços d'aquelles de seus alumnos, que mais deligenciaram por adquirir uma solida reputação. Como chefes, os directores dos collegios seriam obrigados a prestar todos os esclarecimentos e explicações, que pela auctoridade lhes fossem exigidas, para o melhor desempenho da sua missão. Assim teriam os paes de familia quem lhes garantisse, sem ser a opinião pública, que muitas vezes se illude, o bom aproveitamento de seus filhos; assim não corriam á revelia os interesses sagrados da sociedade; assim não veriamos finalmente abafar á nascença todos quantos sentimentos nobres brotam no coração do homem, e desmoronar pela base o edificio religioso, politico, e social. Nem se diga, que o Estado attaca a liberdade d'ensino, quando pelos meios, que temos indicado, torna effectiva a responsabilidade dos directores dos collegios.

Se a moralidade e a instrucção são, por assim dizer, no homem, o verdadeiro motor, de todas as suas acções; se é auxiliado por ambas, que na sociedade se aspira a um completo triumpho, o resultado que cada uma d'ellas isolada póde alcançar, tem de ser forçosamente vicioso e até prejudicial; é por isso que, se por um lado, como já dissemos, é para desejar se receba nos collegios uma conveniente educação litteraria, a moralidade nos costumes é, por outro lado, digna da maior attenção, e ás auctoridades policiaes incumbe o rigoroso dever de velar pelo progresso d'uma e outra ao mesmo tempo.

Na reunião collectiva dos diversos ramos d'instrucção está, segundo nos parece, a primeira e principal vantagem da instituição dos collegios. Nelles teem os alumnos a certeza de encontrar mestres para todas as disciplinas, e se estes forem escrupulosamente escolhidos pelos directores, preferindo-se os que, pelo seu methodo e systema d'ensino, pelas suas qualidades moraes, e sobre tudo, pelo seu exemplo, melhor possam desempenhar o seu importante cargo, não faltarão homens illustrados, cidadãos probos e inde-

pendentes ao serviço da sua patria. Não é porém desgraçadamente o que sempre se tem practicado. O descredito d'uma grande parte dos collegios particulares provém da má escolha de professores, muitas vezes completamente inhabeis, mas preferidos por uma falsa economia de dinheiro. Professores não munidos de diplomas legais, cujas habilitações não são bastantemente liquidas, como poderão exercer dignamente o sacerdocio do ensino? Neste ponto é ainda falho o decreto de 20 de Setembro, que já tivemos occasião d'analysar.

M. A. Guerra

MANUSCRITO

Vindo de Sancta Helena.

Continuado de pag. 159.

Fui empregado no exercito dos Alpes. Este exercito não fazia cousa alguma d'as, que deve fazer um exercito. Elle nem sabia o, que era a disciplina nem a guerra. Eu estava com effeito em bem má eschola. É verdade, que não tinhamos inimigos para combater; estavamos unicamente encarregados de impedir, que os Piemontezes passassem os Alpes, e não havia coisa tão facil.

Em nossos acantonamentos tudo era anarchia; o soldado não respeitava o official, o official não respeitava o general, e tanto uns como outros eram todas as manhãs demittidos pelos representantes do povo. Só a estes ultimos annexava o exercito a idéa do poder, a idéa mais forte, que influe sobre o espirito humano. Eu vi desde então todo o perigo da influencia civil sobre os militares, e sôbe depois evital-o.

Não eram os talentos, mas só a loquacidade, a que dava credito no exercito: tudo alli dependia d'este favor popular, que se alcança por meio de vociferações. Eu nunca fraternisei com os sentimentos da multidão, que é preciso adoptar para ter a eloquencia das ruas. Por isso nunca possui o talento de commover o povo, nem eu figurava no exercito. Assim muito mais tempo me ficava para poder reflectir.

Eu estudava a guerra não sobre o papel, mas sobre o terreno.

A primeira vez, que me vi exposto ao

fogo, foi em um pequeno combate de atiradores do lado do monte *Genèvre*. As balas cahiram mui raras e por isso feriram pouca gente. Eu não tive susto, nem havia de que; puz-me a examinar a acção. Pareceu-me evidente, que de ambas as partes não havia intenção de que todos esses tiros tivessem algum resultado; atirava-se unicamente por descargo de consciencia; e porque é esse o uso da guerra. Mas essa nullidade de objecto me desagradou, zangou-me a resistencia, reconheci o nosso terreno, peguei na espingarda de um ferido, e obriguei o bom homem, que nos commandava como capitão, a que sustentasse o seu fogo em quanto eu, com uma duzia de homens ia cortar a retirada aos Piemontezes.

Tinha-me parecido mui facil occupar uma altura, que dominava a sua posição, atravessando por entre um arvoredado de alamos, em que se apoiava a nossa esquerda. O nosso capitão animou-se, seus soldados ganharam terreno, o inimigo recuou, e quando eu o vi perder a sua firmeza, descobri então a minha gente.

O nosso fogo incommodou-lhe a retirada, matamos-lhe alguns soldados, e fizemos vinte prisioneiros. O resto escapou.

Tenho relatado o meu primeiro feito militar não por lhe deyer a minha patente de capitão, mas porque elle me iniciou no segredo da guerra. Vi, que era mais facil, do que geralmente se crê, bater um inimigo, e que toda esta grande arte consiste não em andar como ás apalpadellas no acto da acção, mas em tentar sempre movimentos decisivos, porque só assim é, que se enthusiasma o soldado.

Como sahi bem da minha primeira tentativa, considere-me logo como homem de grande experiencia. Desde então comecei a sentir muita inclinação por um emprego, que tão felizmente preenchia a medida dos meus desejos.

Não pensei senão nisto, e dei-me todo a resolver os problemas, que pôde offerecer um campo de batalha. Bem quizera então estudar tambem a guerra pelos livros, mas eu não os tinha. Entrei a recordar-me do pouco, que tinha lido nas historias, e comparava tudo isso com o quadro que tinha diante dos olhos. Fiz por este modo uma theoria de guerra, que o tempo desinvolveu e nunca desmentiu.

A minha vida foi insignificante até ao cerco de Toulon. Nessa epocha era eu já

chefe de batalhão, e como tal já pude tambem ter alguma influencia nos successos d'este cerco.

Nunca houve exercito tão mal commandado como então estava o nosso. Ninguem sabia quem eram os verdadeiros commandantes. Os generaes não se atreviam a sê-lo pelo medo, que tinham dos representantes do povo, e estes pelo medo que igualmente tinham da *Juncta de Publica Segurança*. Os commissarios roubavam, os officiaes bebiavam, e os soldados morriam de fome; mas mostravam-se indifferentes, e tinham coragem. A mesma desordem lhes inspirava mais intrepidez do que disciplina. Assim fiquei desde então convencido, que os exercitos mechanicos não servem de coisa nenhuma; elles nol-o tem provado depois.

No campo tudo se fazia por meio de propostas e d'acclamações. Eu não podia accommodar-me com isto, porém não o podia impedir, e por conseguinte marchava ao meu fim sem nada me importar.

Eu talvez fosse o unico no exercito, que tivesse um fim determinado, mas todo o meu gosto era de o accelerar.

Por isso occupei-me todo em examinar as posições do inimigo e as nossas. Comparei seus meios moraes e os nossos; e vi, que os tinhamos todos e elles não tinham nenhum. A sua expedição era uma miseravel lembrança de que se podia mui bem prevêr a futura catastrophe; e ninguém se pôde já mais considerar como forte se d'ante-mão pôde prever o sua derrota.

Indaguei quaes eram os melhores pontos d'ataque, calculei o alcance das nossas baterias, e indiquei as posições em que se deviam formar. Os officiaes experimentados acharam-as perigosas, porém nunca se ganharam batalhas só por meio de experiencia. Obstinei-me no meu plano, e mostrei-o a *Barras*; este tinha sido da marinha, e taes individuos, ainda, que nada saibam da guerra, tem intrepidez. *Barras* o approvou, por que elle queria a coisa acabada; e além d'isso a Convenção não lhe pedia contas nem de braços nem de pernas, porém do bom resultado da guerra.

Os meus artilheiros eram intrepididos, e não tinham experiencia, a melhor qualidade, que pôde ter um soldado. Nossos ataques tiveram bom effeito, o inimigo intimidou-se, e já não ousava tentar cousa alguma contra nós. Atirava-nos tólamente algumas balas, que cahiam aonde podiam e

para nada serviam. O fogo, que eu dirigia, fazia melhor effeito.

Eu tinha em tudo isto muito zelo, por que esperava ser adiantado, e além d'isso gostava, que tudo fosse bem feito só pelo prazer, que d'isso resulta. Passava todo o meu tempo nas baterias, e dormia sobre as nossas fortificações: nada é bem feito senão o que nós propriamente fazemos. Os prisioneiros diziam-nos, que tudo já se dava ao diabo dentro da praça, e em fim ella foi evacuada por um modo horroroso.

Nós tínhamos bem merecido da patria, e eu fui nomeado General de brigada. Depois fui empregado, denunciado, dimittido, e maltractado pelas intrigas e facções. Eu via com horror a anarchia, que então havia chegado ao ultimo ponto, e nunca me pude accommodar com ella. Esse governo d'assassinos era-me insupportavel, porque não só era absurdo, mas até se devorava a si mesmo. Era uma revolução perpetua, na qual nem os proprios chefes sabiam manter-se de um modo permanente.

General, mas sem emprego, fui para Paris, porque só alli se obtinham as graças. Liguei-me com *Barras*, porque só a elle conhecia. *Robespierre* tinha morrido, e *Barras* representava uma figura; era preciso ligar-me a alguém e a alguma cousa.

A questão com as secções estava-se preparando; ainda que eu não punha nisso grande interesse, porque então occupava-me mais com a guerra do que com a politica. Nem mesmo eu tinha idéa de poder figurar neste negocio, porém *Barras* me propôz de commandar debaixo das suas ordens a força armada contra os insurgentes. Eu preferia então ver-me antes, como general, á frente das tropas, do que bandear-me com as secções, com quem eu nada tinha que fazer.

Nós não tínhamos para defender a *Salla do Manejo* senão um punhado de homens e duas peças de quatro. Uma columna de sectionarios veiu por sua desgraça atacar-nos; eu fiz dar fogo ás minhas peças; os Sectionarios fugiram; persegui-os e foram-se accolher ás obras de S. Roque. Com difficuldade se pôde arrastar uma só peça.

Achei-me por tanto ocioso nas ruas de Paris. Não tinha relações algumas, nem o habito de frequentar sociedades, e não fa senão á de *Barras*, aonde era mui bem recebido. Foi lá que vi pela primeira vez minha mulher, que tamanha influencia teve na minha vida, e de quem sempre me lembra-

rei com ternura. Eu não era insensível aos attractivos das mulheres, mas até então não me tinham corrompido; e por caracter, até eu era timido com ellas.

Mad.^{me} de *Beauharnais* foi a primeira que me animou, dizendo-me cousas mui lisongeiras, em louvor dos meus talentos militares, um dia, em que eu me achei sentado juncto d'ella. Este seu elogio embriagou-me, fallava-lhe continuamente, e a procurava em toda a parte: já morria d'amores por ella, toda a nossa sociedade o percebia, e eu estava ainda bem longe de me atrever a revelar-lh'o.

Mas estes meus sentimentos eram publicos, e *Barras* me fallou á cerca d'elles: eu não lh'os podia negar. « Nesse caso, me disse elle, é preciso cazar com Mad.^{me} de *Beauharnais*. Vós tendes já uma grande patente, e talentos com que a façais brilhante, mas viveis separado do mundo, sem fortuna e sem relações. É preciso casar-vos; isto dá estabilidade. Mad.^{me} de *Beauharnais* é agradável, e espirituosa, mas é viuva. Este estado já hoje nada vale, porque agora as mulheres já não fazem figura; e é necessario por conseguinte que se casem para poderem ter consistencia. Vós tendes caracter, e de certo tereis grande adiantamento. Mad. de *Beauharnais* é uma mulher que vos convém; quereis vós que eu me incumba d'esta negociação? »

Eu esperei pela resposta com muita ansiedade. Ella foi favoravel, e Mad.^{me} de *Beauharnais* me deu a sua mão: Se na minha vida tem havido momentos de felicidade, é a ella que eu os devo.

A minha figura no mundo mudou depois do meu casamento. Com o Directorio se havia restabelecido uma nova ordem social, em que eu havia tomado um lugar mui elevado. Eu já podia ser racionavelmente ambicioso; já podia aspirar a tudo.

No que toca á ambição, eu não tinha outra senão a d'obter um commando em chefe; porque um homem não é, nada se não é precedido de uma reputação militar. Eu estava persuadido de que a teria, porque me sentia com instincto para a guerra; mas não me julgava ainda com direitos bem fundados para fazer uma petição d'esta natureza; era preciso adquiril-os, e nesse tempo não era isso cousa mui difficil.

O exercito de Italia não era então nada, porque não tinha destino. Eu imaginei pô-lo em movimento para atacar com elle a Aus-

tria no ponto em que esta se julgava mais segura; isto é na Italia.

O Directorio estava em paz com a Russia e a Hespanha; porém a Austria, assoldada por Inglaterra, fortificava o seu estado militar, e fazia-nos frente sobre o Rheno. Era evidente que deviamos fazer uma diversão pela Italia para atemorizar a Austria, dar uma boa lição aos pequenos principes d'Italia, que se haviam ligado contra nós; e em fim dar um caracter decidido á guerra, que até alli o não tinha.

Este plano era tão simples, e convinha tanto ao Directorio que precisava fazer alguma cousa que o pudesse acreditar, que eu me apressei em o apresentar, receoso de que algum me prevenisse. O meu plano não teve, com effeito, contradicção, e eu fui nomeado general em chefe do exercito d'Italia. Parti, por conseguinte, para o ir comandar. Elle tinha recebido alguns reforços do exercito de Hespanha, e compunha-se então de cincoenta mil homens, que eu achei desprovidos de tudo, á excepção da boa vontade. Eu ia ver o que elle era capaz de fazer. Logo passados poucos dias, depois que cheguei, ordenei um movimento geral sobre toda a linha, que se estendia desde Nice até Savone. Era isto nos principios d'Abril do anno de 1796.

(Continúa.)

DISSERTAÇÃO PHYSIOLOGICA.

Continuado de pag. 180.

A impotencia destas theorias para explicar os phenomenos da hematose ainda mais saliente se torna pela grande differença, que se observa não só entre o chylo, a lympha, e o sangue venoso; mas tambem entre o sangue arterial, e o liquido de donde elle provém: em primeiro logar o chylo contém mais globulos do que a lympha, é mais carregado de substancias organicas, principalmente de fibrina, que segundo *Tiechmann* e *Gmelin* continha a de um cavallo 0,0037 em quanto que a da lympha não passava de 0,0013; tambem apresenta mais albumina, e materia extractiva, cujo sóro segundo *Scherer Journ. t. 5. p. 700* num cavallo continha 0,050 em quanto que o da lympha não excedia 0,037; tambem elle se coa-

gula com mais rapidez, e encerra no estado de liberdade, e de suspensão muitas vezes gordura, que senão acha na lympha senão em estado de combinação.

O chylo e a lympha differem do sangue pelo seu menor peso especifico segundo *Brande, Macareo, e Marcet*, pelo menor numero de seus globulos, e em fim pela menos elevada proporção de suas partes solidas, principalmente de albumina, não havendo mais do que 0,08 a 0,10 nos primeiros, e chegando no segundo a 0,21 até 0,26; segundo *Reuss, e Emmert*, o sóro do chylo deixa a evaporação 0,05 de residuo secco, e o do sangue 0,22: o chylo contém muitas vezes mais gordura, e sempre mais osmazoma que o sangue, e este mais fibrina que o chylo, o que se colhe das experiencias de *Ernesto Bourdach*, e segundo este auctor 142 grammas de chylo de um cão não completamente coagulado, dissolvido em agua, e nella agitado por muitas horas, até formar um liquido fracamente lactescente, em que se percebiam flocos brancos, sendo tudo filtrado através de papel *Joseph*, e pesado o residuo, chegou elle a pouco mais de 22 gr.: 240 gr. de sangue do mesmo animal, morto pela secção da arteria crural, foram battidos com uma varinha até não depôr mais fibrina; recolheu-se esta, seccou-se, e deu em pezo 17 gr. e meio; por consequencia continha o sangue 0,0739 de fibrina, e o chylo 0,540: 159 gr. de chylo de um cão, e recebidos num vidro de relógio, e expostos ao calor, deram 18 gr. de residuo secco; e 175 de sangue pela maior parte arterial, e do mesmo animal deixaram em residuo secco 55 gr. tractados pela mesma maneira: quebraram-se em pedaços ambos os residuos, e se metteram em vasos fechados com alcohol forte; no fim de algum tempo filtrou-se o contido nos dous vasos, e evaporando-se lentamente o alcohol em vidros de relógio: durante a evaporação não appareceram gottas de gordura sobre o alcohol com que tinha sido tractado o sangue, em quanto que as apresentou o do chylo: o residuo secco obtido foi de 3 gr. e meio para o chylo, e de dous e meio sómente para o sangue; tornaram a ser dissolvidos em agua estes residuos, e a tintura de nóz de galha instillada no licor, precipitou flocos brancos, que eram por consequencia de osmazoma, cuja quantidade era no chylo de 0,0220, e no sangue 0,0111; a causa da differença entre o sangue por uma parte, e por outra entre o

chylo, e a lympha debaixo do ponto de vista de sua quantidade provém principalmente da diversa proporção entre os materiaes introduzidos, o que se prova evidentemente pelas analyses elementares, as quaes, termo medio, para o sangue arterial e venoso, segundo *Michaelis*, dão a proporção seguinte: carbone 52,015, azote 16,760, hydrogeneo 7,650, oxygenio 23,575; e segundo *Macareo*, e *Marcet*, a proporção dos elementos, que constituem os principios immediatos do chylo de um cão, nutrido com alimento animal é a seguinte: carbone 55,2, oxigeneo 25,9, hydrogeneo 6,6, azote 11,0; por consequencia o chylo tem mais carbone, e oxygenio, e menos azote, e hydrogeneo que o sangue.

Em quanto ao diametro dos globulos do chylo, e da lympha, comparado com o do sangue não se acham accordes os physiologistas; pois que *Muller* julga-os eguaes aos do sangue; *Wagner* mais grossos nos mamiferos em geral, e *Nasse* no homem em particular; *Cruikshank*, *Krimer*, *Prevost*, e *Dumas*, e *Mayer* asseveram, que elles são mais pequenos que os do sangue nos mamiferos em geral, *Krause* no homem em particular, *Arnold* no homem e cães, *Muller* e *Valentin* nas rãs, *Wagner* nos reptis, peixes, e passaros; mas segundo *Blainville*, e *Schultz* sua grossura varia muito, geralmente fallando; todavia *Vogel* pretende, que os globulos do chylo, e da lympha têm 0,0025 até 0,0033 de linha de diametro, e os do sangue 0,0033.

O chylo e a lympha não são tão fortemente alcalinos como o sangue, segundo *Muller*; a fibrina do chylo não tem segundo *Vauquelin* a textura fibrosa, a solidez, e elasticidade, que pertencem a do sangue, e affirma bem como *Marcet*, que em pouco tempo passa ao estado liquido; tambem *Vauquelin* a distingue do sangue por se dissolver mais rapida, e completamente na potassa caustica sem deixar residuo; *Brande*, *Prevost*, e *Loroyer* accrescentam, que ella se dissolve igualmente nos carbonatos alcalinos, e volvendo uma pouca d'amonnia; os acidos precipitam albumina de sua dissolução; *Prout* e *Brand* só a julgam soluvel no acido acetico mediante a ebullicão, que sómente dissolve uma mui pequena quantidade, que se deposita pelo arrefecimento em flocos brancos; á vista d'estes caracteres *Vauquelin* não duvida consideral-a como albumina, que começa a tornar-se fibrina; e *Brande* quer antes, que ella se

pareça com a materia cascosa do que com a fibrina do sangue.

A albumina do chylo tambem parece não se achar ainda perfeita; ella é precipitada pelo alcohol; tractada pela potassa caustica não dá segundo *Vauquelin* se não um liquido lactescente, e não transparente, como o que se obtem da albumina do sangue; *Prout* assegura, que uma ao pé da outra facilmente se distinguem por suas qualidades physicas, e pela maneira, com que se comportam com os reactivos, sem que se possa indicar caracter algum chymico, que torne sensivel esta differença.

O chylo contém ordinariamente gordura livre, em quanto, que o sangue sómente a apresenta no estado anormal, que segundo *Scultz* é cristallina extrahida do sangue, e oleosa obtida do chylo; emfim *Emmert* diz, que o ferro não se acha combinado por uma maneira tão intima no chylo como no sangue, que se póde obter pelo acido nitrico, e precipital-o depois pela tintura de noz de galha.

Veamos agora, qual seja a differença, que se dá entre o sangue arterial, producto da hematose, e o liquido de donde elle provém.

Negaram esta differença *Harvey*, e os primeiros defensores da circulação; porque achavam a transformação do liquido incompativel com a rapidez do movimento, que o conduz da extremidade das arterias para o comêço das veias; por isso attribuiam elles a diversidade de côr a uma mudança de densidade, causada por circumstancias mechanicas: no decimo oitavo seculo muitos physiologistas, e *Carmmati* por exemplo, reduziram toda a differença entre os dous sangues a uma nuança diversa de coração, e negaram, que ella consistisse tambem no grau de calor, pesos epecifico, e coagulabilidade; e mesmo *J. Davy* não admitte entre o sangue venoso, e arterial mais que uma simples differença de côr, e inda esta puramente accidental; segundo este auctor o sangue corre das arterias com mais rapidez, e parece mais vermelho, porque o seu cruor se acha mais dividido, e porque se lhe mistura o chylo e o ar atmospherico, e pelo contrario correndo com mais lentidão o sangue venoso, póde o cruor precipitar-se em consequencia do seu peso epecifico por fórma, que a condensação das particulas coarantes torna sua côr mais carregada, auxiliando este effeito a stase do sangue nas

veias determinada pela ligadura, que se applica antes de practicar a sangria.

Outros pelo contrario tem julgado tão consideravel a differença entre os dous sangues, que tem chegado a negar a identidade das duas correntes, e a passagem directa do sangue do systema aortico para o das veias cavas; mas admittindo elles a passagem das arterias para as veias pulmonares, e por consequencia a conversão do sangue venoso em arterial, mais inconsequentes se tornam do que os que negavam toda a differença entre os dous liquidos, e que repelliam a transformação no pulmão, como a do resto do corpo; nós porém vamos ver, que é mister admittir ao mesmo tempo a differença, e identidade das duas correntes, ou em outros termos uma metamorphose de sangue.

Em primeiro lugar é mais denso o venoso que o arterial, e tem maior peso especifico; a proporção é de 1414:1404 segundo *Hammerschmidt*, de 1054:1050 termo medio nas ovelhas, bois, bezeros, e cães segundo *J. Davy*; de 1056:1053 no homem segundo *Scudamore*; todavia querem outros, que seja mais leve, e em relação ao arterial seria de 1000:1428 segundo *Boissier*; de 1000:1019 até 1036 segundo *Hamberger*, e em todo o caso ha differença entre ambos, e mesmo entre seu soro, que segundo *Davy* o do venoso é para o do arterial como 1026:1025, termo medio.

A temperatura do sangue venoso, que *J. Davy* obteve pela introdução do thermometro na carotida e jugular de animaes diferentes, é de um a dous graus inferior á do arterial, de trez a quatro do thermometro *F.* segundo *Schwenk*, de um e meio a trez no homem segundo *Krimer*, e sómente um gr. segundo *Scudamore*; e em resposta á duvida se esta differença proviria da situação superficial das veias, e da menor espessura de suas paredes, o que daria logar a que o ar o arrefecesse, *J. Davy* verificou, que a temperatura supra indicada tinha logar tanto no direito, como no coração esquerdo; a mesma capacidade para o calorico a achou um pouco menor no sangue venoso.

Debaixo do ponto de vista electrico *Belingere* pensa, que o venoso apresenta o estado negativo, e positivo o arterial em regra geral; segundo *Thackrah* cahe em putrefacção mais rapidamente, que o arterial; e pelo contrario mais tarde segundo *Kanig*, e *Krimer*: tem menos tendencia a se decompôr, e se coagula mais lentamente; seu

coagulo abandona mais tarde o soro, fica molle mais longo tempo segundo *Autenrieth*; a differença no homem é de dous minutos segundo *Blundell*; o sangue venoso dá menos coagulo, e mais soro, que o arterial segundo *Mayer*, *Blainville*, *Denis*, e outros: a proporção do coagulo para o soro no sangue venoso de um gato é de 1163:8837; e no arterial é de 1184:8816; n'uma ovelha era de 861:9131 para o primeiro, e de 935:9065 para o segundo.

O sangue venoso contém menos fibrina; a relação entre elle e o arterial nos cavallos é de 78:134 segundo *Mayer*; na ovelha é de 861:935 segundo *Prevost*, e *Dumas*; no cão segundo *Denis* é de 24:25; nas cabras é de 366:429 segundo *Berthold*; nos gatos é de 474:521; nos carneiros é de 475:566: *Emmert* diz, que a fibrina venosa é mais molle, e *Mayer* sustenta, que é mais atenuada, e intimamente unida ao cruor, em quanto que a arterial é reunida em mais grossos fasciculos, e separada em totalidade do cruor.

Ha menos globulos, ou cruor no sangue venoso, que no arterial segundo *Prevost*, *Dumas*, *Wedemeyer*, *Pallas*, e *Denis*; tem mais albumina o primeiro do que o segundo, (5,86:5,70) e uma proporção de osmazoma com saes (1,20:1,10) segundo *Denis*, e *Blainville*; todavia tem sustentado o contrario, e achado a proporção entre o venoso, e arterial em relação a albumina, e saes de 879:905 n'um gato, e de 775:772 n'uma ovelha, e por consequencia em ambos os casos differenças entre elles.

O sangue venoso é mais rico em agua, e mais pobre em partes solidas segundo *Autenrieth*, *Denis*, e *Pallas*, que achou, que a proporção destas para a agua no sangue venoso de um homem era de 2,550:17,400; e no sangue extrahido mediante as ventosas scarificadas era de 3,000 a 17,400, e no das sanguesugas de 3,100:17,350; n'outro homem era a proporção no venoso de 2,550:18,800; e no arterial dos capillares de 2,650:18,500.

Por outro lado *Abilgaard* obteve em residuo secco do sangue venoso 100,23, e 0,18 do arterial; *Lassaigne* achou 84,03 d'agua no sangue venoso, e 89,8 no arterial; segundo *Chevreur* a fibrina do venoso tem menos agua e a retém com mais força; por que 100 partes desta substancia reduziram-se a 25,70 por dessiccação ao ar, e a 21,5 no recipiente da machina pneumatica;

em quanto, que 100 partes de fibrina do arterial se reduziram no primeiro caso a 21,10, e no segundo a 19,55.

Atéqui pelo que toca aos principios immediatos, que constituem estes dous liquidos; porque em quanto aos mediatos ou elementares, que compõe aquelles não são menores as differenças, o que se vê muito bem pela fórmula com que *Michaelis* fixou sua proporção:

	Carbone	Azote	Hydrogeneo	Oxygeneo
Albumina venosa	52,652	15,502	7,359	24,484
" arterial	53,009	15,562	6,963	24,436
Cruor venoso "	53,231	17,392	7,711	21,666
" arterial	51,382	17,253	8,354	23,011
Fibrina venosa	50,440	17,267	8,228	24,065
" arterial	51,374	17,587	7,254	23,785

Do que se conclue, que o sangue venoso contém mais carbone, e hydrogeneo em geral, e menos azote, e oxygeneo.

Epilogo.

Ficando provado, que a obra da hematose tem lugar exclusivamente na capillaridade pulmonar, e não porque é atravessada pelo liquido, que alli lhe conduz a arteria pulmonar, mas sim porque naquelle ponto tem lugar o conflicto d'esse liquido com o ar atmospherico, do que resulta, como vimos, perdas, e acquisições de substancias gazozas para um, e outro; não sendo menos certo por outro lado, como deixamos tambem provado, que não só o chylo, e lympha, e sangue venoso, que constitue o liquido, de que ha de provir o sangue arterial, são essencialmente differentes em natureza, isto é, em quanto á qualidade e quantidade dos principios immediatos, que fazem sua parte anatomica, e em quanto ás proporções de seus principios mediatos, que os constituem; mas tambem, que a mesma differença se encontra nos principios immediatos, que formam o sangue venoso e arterial, e nas proporções dos mediatos, formam estes, correspondendo a todas estas differenças, como consequencia necessaria, propriedades physicas e chymicas diversas; é claro, que os principios immediatos, que constituam o liquido antes da hematose, e os mediatos ou elementares, que os formavam não passaram para o producto da hematose na mesma quantidade, qualidade, e proporções; logo houve mudança de natureza; o liquido, que foi, adquiriu pela hematose dotes, propriedades, e natureza differente; de trez, que formavam

aquelle, appareceu depois desta função, um unico; e por consequencia as acções mechanicas ou cymicas, que a penas poderiam intender com a fórmula, não podem formular a explicação de phenomenos, em que tão variadas combinações fizeram o principal papel.

Theoria chymica.

Harvey, e Hales, e Haller reconheceram, que a respiração desembaraçava o sangue dos materiaes nocivos, que elle continha; todavia já desde *Democrate* se admittia, que o ar lhe fornecia tambem algum principio necessario á vida, e que era designado pelo nome de *espirito vital*, ou de *pneuma*: no decimo septimo seculo descobrindo *Vanhelment* diversos gazes, deu esta descoberta bases para o conhecimento chymico da atmospherica; e durante a segunda ametade deste seculo se começou na Inglaterra a fazer alguma idéa das mudanças de composição, que acompanham a respiração; com effeito *Bathurst* foi o primeiro, que ensinou a conhecer o oxygeneo atmospherico com o nome de *ar nitroso*, e depois *Mayow* mostrou, que este ar, a que elle dava o nome de *sal-vital, igneu, fermentativo, espirito nitro-aereo*, é o principio, que occasiona a combustão durante a respiração, e passa para o sangue para obrar como *espirito vital*, e se unir ás partes sulfuradas do sangue para d'ellas depurar este liquido, e lhe fornecer moleculas, de que carecia para se mover, e que consequentemente a esta combinação o sangue venoso se arterialisava, opinião, que mais assentada ficou, depois que *Lower* demonstrou, que a côr vermelha do sangue dependia desta acção exercida pelo ar; mas as idéas mechanicas, que reinavam então nos dominios physiologicos, foram causa de que cem annos se passassem primeiro, que fosse admittida tal descoberta; pois só no começo do decimo oitavo seculo é que a descoberta de *Lower* foi confirmada por *Cigna: Scheele, e Priestley*, provaram, que a respiração similhante á combustão dos corpos, e á conversão dos metaes em oxydos, dependia d'uma absorpção do ar dephlogisticado; mas foi o grande, e desafortunado *Lavoisier* quem mais desenvolveu e consolidou esta doutrina, ligando-a a um systema de chimica tão vasta como seu genio!

Manoel Maria Barbosa.

(Continúa).

Preço da subscrição

Por 1 anno	1:200 reis
Por 6 meses	600 "
Anual	100 "

Toda se assigna remettendo directamete a imprensão de assignatura
do Redactor principal da Revista Academica, Alexandre Bercowski, rua do
Largo de S. Pedro n. 24, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser enviada
de novo.

Subscrição-se para a Revista Academica—em Lisboa, na loja de Sr. Lúcio, Rua
Augusta n. 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja de Sr. Henri; em S. Miguel, em
casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albuquerque e Valle; no Terceiro, em casa do Sr. José
Bensabat, no Largo, em casa do Sr. Roberto Alves Coutinho.



Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.



Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 11—OUTUBRO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.	Pag.
	Discurso da Congregação Catholica de Witham 202
	Resposta do Reverendo Doutor J. da Silva Tavares. <i>ib.</i>
	Testamento politico. 204
J. A. Sanches da Gama	No album, á Ex. ^{ma} Senhora D. Maria Candida D. B. N. (<i>poesia</i>). . . 208
João de Deus B. N.	A oração, (<i>poesia</i>). 210
	Manuscripto 211
Manoel Maria Barbas	Dissertação physiologica 217

Coimbra

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 64

REVISTA ACADEMICA

VOL. I

1911

NUMERO I

Publicada por el Consejo de la Academia de Ciencias y Letras de la Universidad de Chile, en virtud de la resolución de fecha 15 de Julio de 1911, que declara la creación de la Revista Académica, y de la de fecha 15 de Agosto de 1911, que declara la creación de la Comisión de Redacción de la misma.

1911

Impreso en Chile



Nas grandes epochas de regeneração social, quando os espiritos desfalecem e se agitam nas trevas, se um d'esses homens que vestem o cilicio da penitencia e trazem ao peito a cruz do Crucificado, levantando-se do meio das multidões, proclamar, que a liberdade e a egualdade são leis divinas e sagradas, que a instituições impias é mister que succedam instituições sanctas; se esse homem, digo, acolheu sobre o seu seio os pobres, os infelizes, os opprimidos e todos os que supportam com dor o peso e trabalho da vida, haverá ainda alguém que duvide da sua abnegação e da sua fé?

Taes eram as reflexões, que me assaltaram o espirito, lendo com profunda e religiosa attenção a despedida que o Reverendo Doutor *Sacra Familia* dirige aos seus parochianos de Witham.

Aquelle ancião veneravel, que longe da patria recebe em terra estranha as saudações de todo um povo, aquella cruz levantada na terra classica do Protestantismo, aquella templo edificado á custa de tantas vigílias e fadigas, o sentimento e tristeza do bom pastor ao deixar as suas ovelhas; eu não sei que haja uma scena nem mais suave, nem mais pathetica, nem mais digna d'admiração. Confesso com ingenuidade, daria todos os thesouros do mundo para beijar naquelle momento o habito do pobre frade de S. Agostinho, meu respeitavel mestre e amigo.

Não! O Christianismo ainda não está proximo a tornar-se um cadaver, quando da bôcca do Apostolo sahem d'essas palavras eloquentes e sabias, que regeneram os povos. Não vêdes essa sociedade sem fé, sem esperanza, sem caridade erguer-se em pé á sua voz, animada de força, d'intelligencia e de vida? É que o fogo purificador do Evangelho brilha sobre as suas cinzas. Em breve das sementes lançadas por elle no solo hão de brotar plantas robustas, que reduzirão a pó os palidos arbustos do Protestantismo.

Certamente, a epocha da transformação não está longe.

No tempo em que Jesus prophetisava, Jerusalem estava prenhe d'habitantes, e de riquezas; Herodes reinava; e os publicanos recebiam os impostos; os mercadores vendiam no templo, e os phariseus traficavam com as lagrimas do povo. Mas o Propheta, lendo no fundo dos corações, só via nesses homens sepulchros esbranqueados; e quando

lhe mostravam as altas muralhas do templo, e os palacios de Jerusalem, gemia sobre ella e sobre os seus filhos.

O Protestantismo é como o vestido de seda da prostituta, que principia a envelhecer. E o proletario, que nas ruas de Londres expira de fome e de nudez, póde hoje perguntar ao soberbo ministro da religião protestante:—porque serei eu marcado com o stygma do meu nascimento? que direito têm os grandes da terra para esmagar debaixo do pezo das suas rodas e das suas machinas o cadaver de milhões de proletarios? Quando meus paes professavam a religião de Christo, a propriedade existia á sombra d'essa religião, e era legitima; despida hoje d'esse abrigo, a propriedade não é mais que um factó, e em frente da egualdade proclamada é um roubo, uma expoliação. Que dizem todos os livros, todos os codigos, todas as constituições d'este seculo? Abolido o prejuizo das raças, abolida a nobreza, abolidos os privilegios hereditarios.

Mas o padre protestante lhe responderia:

—Trabalha, terás um quinhão na herança da terra.

—Trabalha! Mas, como queres que eu trabalhe, lhe diria o proletario, se todos nós, ricos e pobres, grandes e pequenos, somos livres e eguaes perante Deus e perante a lei? Antigamente meus paes obedeciam ao rei, e o rei se intitulava o filho primogenito da Egreja; obedeciam aos nobres, e os nobres obedeciam ao rei e á Egreja; obedeciam aos padres, e os padres eram os representantes de JESUS CHRISTO; mas, hoje, se quereis que vos obedecemos, assentai a sociedade sobre as suas antigas bases, proclamai outra vez a religião do Crucificado, vesti o burel e o cinto de coiro dos Apostolos, ou soffrei as reclamações d'aquelles sobre quem pesa a desigualdade.

Diziamos pois: o protestantismo está quasi morto, porque se passam cousas extraordinarias nas entranhas da sociedade protestante; os povos vêem todos os dias augmentar-se o numero dos infermos, dos coxos, dos cegos e dos paralyticos; e as miserias pullulam por toda a parte. A Biblia representa-nos os Hebreus dansando em roda do bezerro de ouro, em quanto Moysés no cimo do Sinai, ajoelhado no meio de raios e trovões, recebia as taboas da lei.

Uma sociedade protestante é como a sociedade judia: dansa em roda do bezerro d'ouro.

Lançai pois os olhos para o povo inglez; lêde a despedida do nosso veneravel compatriota *Sacra Familia*, e se o vosso coração ainda bater pelos nomes de patria, de religião e d'humanidade, confessareis comigo a gloria do Apostolo Portuguez, que foi levar ás regiões do norte a bandeira do Evangelho.

Alexandre Meyrelles.

Discurso da Congregação Catholica de Witham ao Reverendo Padre José da Silva Tavares, ou Sacra Familia, Doutor em Theologia,

Por occasião d'elle estar para se retirar da Missão em em 2 de Novembro de 1851.

Reverendo e Charo Senhor.

Tendo sabido com a mais profunda magoa, que estaes para nos deixar com tanta brevidade, nós os abaixo assignados membros da Congregação de Witham, aproveitamos com ardor esta oportunidade para vos offerecermos os protestos do nosso entrañavel amor e reconhecimento. Dezejamos anciosamente agradecer-vos os muitos eminentes serviços, que haveis prestado á religião desde que por mercê de Deus, vos achaeis entre nós. Entre os mais assignalados d'estes serviços, permanecerão indelevelmente gravados na nossa memoria os vossos infatigaveis esforços para a erecção da nossa igreja. Nunca poderemos esquecer o vosso desinteresse e zelo nesta gloriosa obra.

Todas as vezes que approuver a Deus, que alli nos possamos reunir, dirigir-lhe-hemos uma supplica a favor do nosso querido Pastor, sem cujos poderosos esforços ella nunca teria sido edificada.

Reverendo Senhor, nós não sabemos como possamos fazer menção particular de vossas accões, por isso que todas hão sido boas.

Afoitamente dizemos: *haveis combatido uma boa peleja!* Achastes-nos sem uma igreja, deixais-nos na feliz posse d'uma igreja, glorioso monumento do vosso piedoso zelo.

O vosso ministerio tem sido abençoado pela conversão de muitas almas ao unico aprisco do Pastor. Tendes aqui vivido gozando da affeição de todos os vossos visinhos, assim Protestantes como Catholicos. Nós

outros, vosso hoje magoado rebanho, haviamos confiadamente esperado, que houvesseis de ficar no meio de nós ainda por um grande numero d'annos.

Deus, em sua infinita sabedoria, viu que era melhor, que vos apartasseis de nós; não podemos murmurar contra a divina vontade. Obedecendo pois á sublime maxima da resignação, que vós nos haveis ensinado, diremos do fundo de nossos corações: *Seja feita, ó Senhor, a vossa sancta vontade!*

Ide, pois, Reverendo e charo Senhor, e estae certo, que os Catholicos da Congregação de Witham vos amam, vos amam muito e muito, e que os nossos innocentes hão de sempre orar por vós. Se for da sacrosancta vontade de Deus, que nunca mais nos tornemos a ver sobre a terra, possamos todos encontrar-nos no ceu.

Pedimos vossas piedosas orações para este venturoso fim!

Agora rogamos queiraes acceitar esta allocução e esta *lembrança*, se bem que de pouca valia, como um penhor de nossa perpetua gratidão.

Muitas coisas teriamos ainda que dizer; mas palavras não poderão exprimir os sentimentos de que estamos repassados!...

Deus vos cubra de bençãos!

A Virgem Sanctissima rogue por vós!... E a paz seja comvosco até ao fim! *Isabel Talbot, Luiza Talbot, R. Bretnall, Jethro Alger, etc. etc.*

Resposta do Reverendo Doutor J. da S. Tavares ao discurso dos seus Parochianos,

Que lhe foi apresentado por occasião da sua partida de Witham. em 2 de Novembro de 1851.

Meus charos irmãos, e queridós filhos em JESUS CHRISTO: esta benigna, inesperada e immerecida manifestação dos vossos sentimentos para comigo, tomou-me de subito. Com effeito, que fiz eu, que se não tivesse podido fazer melhor?

Quando vós me attribuis, em termos tão energicos, o merecimento de haver erigido a vossa bella igreja, não posso deixar de reconhecer, que outros ha, que tem muito superior direito aos vossos louvores, que o direito, que eu a elles possa ter. Em primeiro logar ha aquelle pio e generoso amigo, que em 28 d'Abril de 1850, proferiu entre nós aquellas animadoras palavras: *Em-*

prehendamos edificar um local consagrado ao culto público nesta villa para gloria do Omnipotente Deus, e em beneficio da salvação das almas — e meus amigos, não preciso recordar-vos a maneira, por que elle trabalhou, para se conseguir este fim, nem tão pouco a sua larga generosidade, os seus incansaveis esforços, as suas desinteressadas fadigas.

Nem podeis esquecer, meus charos amigos, as benemeritas senhoras, a quem, abaixo de Deus, esta Missão deve a sua existencia; e que tem sido, e continuam a ser o seu amparo e esteio. A liberalidade e os esforços d'estas senhoras tem sido muito maiores que os meus.

Além d'estas pessoas, ha muitas outras a quem sois igualmente obrigados; duas em particular, bem conhecidas de todos vós, que têm de um modo especial trabalhado em promover o bom resultado d'esta empresa.

Sem as fadigas e estremos esforços de todas estas pessoas, não teriamos visto surgir nesta villa um edificio, que ao mesmo tempo que ha de concorrer, segundo espero, para promover a honra e gloria de Deus, serve ao mesmo tempo de aformosear este sitio.

Em quanto ás conversões, a que haveis alludido, permitti-me que vos traga á lembrança uma observação, que amiudadas vezes vos hei feito; a saber, que uma verdadeira conversão é obra do Todo Poderoso *unicamente*. O homem póde convencer — converter não póde. Uma verdadeira conversão, meus charos irmãos, e queridos filhos em JESUS CHRISTO, verifica-se quando o coração fica verdadeiramente commovido, e isto, não hei mister de vol-o dizer, é obra de Deus *só!* O homem póde convencer o intendmento; mas para se produzir uma conversão real exige-se o auxilio da mão de Deus, o qual pela sua graça, opéra sobre o coração. Devem por consequencia ser sempre suspeitas as conversões, quando são meramente o resultado da convicção intellectual. Por tanto se aquelles que se submetteram á verdadeira Igreja de Deus nesta Congregação, durante o tempo em que fui seu Pastor, continuarem a ser Catholicos firmes e devotos, deveis attribuil-o a Deus, e não a mim.

Desejaria, meus charos amigos, ter feito para a gloria de Deus mais do que fiz; que tivesse havido menos omissões no que eu

devera ter feito; e mesmo que no desempenho das minhas obrigações para comvosco, eu tivesse mostrado realmente maior abnegação propria. Porém eu me recommendo, meus charos, ás vossas orações, que peço hajaes de dirigir em meu favor ao Todo Poderoso, a fim de que, pelos infinitos merecimentos de seu Filho, nosso unico Mediador e Redemptor, elle se digne usar de misericordia para comigo.

Vós vêdes por tanto, meus charos amigos, quão pouco merecedor eu sou dos louvores, que com tanta benignidade vos dignastes dar a meus esforços.

Ha todavia uma cousa, que eu nunca deixarei de fazer: vem a ser, trabalhar com todas as minhas forças para que o Sancto Nome de Deus seja sempre sanctificado, as suas verdades propagadas, e o numero de seus fieis servos augmentado. Estes sentimentos não de acompanhar-me (como espero) até á sepultura, onde quer que ella, pela sua sancta vontade, me seja destinada.

No meio de todas as provas e vicissitudes, que assignalaram a minha carreira, tive sempre esta consolação, que tudo quanto me aconteceu foi ordenado pelo Senhor, e por consequencia para o melhor. Ao sahir de um paiz, para outro paiz, de um lugar, para outro lugar, sempre me puz nas suas mãos. Nenhuma mudança se verificou em mim, que fosse terminada pelos meus proprios desejos e sollicitações; e d'este meu procedimento colhi como lição d'experiençia (se bem que a nossa Sancta Religião nos ensina a mesma verdade), que as mudanças, que nos vem da Providencia, são boas, e sempre para o melhor; e esta consideração é a que agora me consola.

Se esta minha sahida tivesse sido obra vossa, ou minha, teria podido entrar em duvida sobre se ella seria, ou não, agradável a Deus; mas havendo-se isso effectuado por um modo totalmente differente, estou plenamente convencido, de que é vontade do Senhor, que eu vos deixe, e que esta minha partida ha de ser proficua a vós e a mim.

Cumpre-me porém confessar, que não é sem o mais vivo pezar, que me despeço de vós, queridas ovelhas do meu rebanho, e que me aparto da vossa formosa igreja; porém ao pensar debaixo da protecção de que sagrados objectos nós a havemos collocado, suffoco meus proprios sentimentos, e abro o coração á esperanza e conforto, at-

tendendo á brilhante prespectiva, que um tão piedoso estabelecimento nos apresenta.

Debaixo da protecção da Sacra-Familia, JESUS, MARIA, e JOSÉ, é que eu, meus amados irmãos, me colloquei no meu paiz, quando professei na ordem religiosa de S. Agostinho, e ella que até ao presente me tem guardado e protegido, tenho a mais firme esperança, que vos ha de guardar e proteger.

Possam vossas orações, meus charos filhos em JESU CHRISTO, achar favor juncto d'ella.

Derrame ella suas bençãos sobre a minha amada, e minha querida Congregação de Witham. . . . Digne-se ella fazer de sorte, que todos os membros do meu charo rebanho ganhem aquella immarcessivel corôa, para alcançar a qual nós todos pelejamos, vindo assim a reunir-nos por toda a eternidade no ceu. Amen. Oraí por mim, que eu sempre orarei por vós.

TESTAMENTO POLITICO

De D. Luiz da Cunha, nosso Embaixador em França, onde morreu, e thio do Secretario d'Estado do mesmo nome, que falleceu no anno de 1775.

Continuado de pag. 153.

El-rei de Prussia, reconhecendo a exorbitancia dos advogados, ordenou no novo plano, que fez, para a boa, e breve administração da justiça civil, que não fossem pagos senão depois de dadas as sentenças, e avaliando-se o seu trabalho. Mas no meu entender este remedio não evitará os inconvenientes, que elle quiz prevenir; porque sempre fica nas mãos das partes ir dando ao seu advogado o que lhe parecer, até final sentença; e tambem me parece bem difficil a avaliação do seu trabalho, por ser necessario haver respeito á importancia da causa, á qualidade dos contendedores, e á reputação dos mesmos advogados, aos papeis, que fizeram, e poderiam estender, como quizessem; além de que uma parte, que está de posse de certa fazenda, que se lhe quer revindicar, sempre pagará muito mais ao seu letrado, á proporção dos annos, que, á força de trapaças, a for conservando na mesma posse.

O dicto principe ainda fez mais; porque decretou, que nenhum processo durasse mais d'um anno; e assim se começou a execu-

tar em Pomerania, que quer dizer terra litigiosa, ou dos litigios, a que aquelles povos, assim como os nossos ministros, estão sempre dispostos; e assim dentro do dicto anno se julgaram mil e oito centos processos; e com tão boa amostra do panno, mandou practicar o codigo, apartando-se em muitas coisas do Direito Civil, que diz ser a causa de tantas chicanas.

Não creio, que nos seria necessario servirmo-nos de similhante exemplo para abreviar os pleitos, mas sómente de mandar executar a lei; porque examinando a forma de julgar os processos em França, Inglaterra, e Hollanda, achei que a nossa é a mais justa, e menos sujeita a dilações; porque, para todo o procedimento deu a Ordenação termo limitado; a saber, a acceitação das partes para darem o seu libello, para virem com a sua contrariedade: réplica, tréplica, e para produzirem as suas testemunhas, e documentos; visto que todos os processos se reduzem a provar, ou não provar as acções, que se intentam, para pôr o juizo inferior em estado de pronunciar sua sentença. E como os letrados, para prolongarem, usam das excepções, que a mesma Ordenação lhes permite, sejam peremptorias, dilatorias, declinatorias, e ainda das suspeições, dissera que, quando nem umas, nem outras procedessem, tendo só por objecto ganhar tempo, a parte perdesse o processo, e o letrado fosse condemnado a não poder mais advogar. E quanto aos aggravos de petição, que os desembargadores occupam uma parte do tempo em os julgarem, sendo pela maior parte sobre o ordinario processo, e umas em trapaças para dilatarem a causa principal, tambem dissera, que neste caso os advogados não fossem só condemnados em 4\$000 réis para as despesas da Relação, que todavia a parte as paga; mas que a multa fosse maior e a sua prisão effectiva de mais, ou menos dias, conforme a velhacaria o merecer.

Lembra-me porém, que reprochando eu a um dos melhores letrados de defender uma causa, em que o seu cliente não tinha a menor sombra de justiça; elle me respondeu, que em consciencia o não podia enganar, por lhe ter succedido vencer muitas demandas egualmente injustas; porque os juizos dos homens eram differentes; e assim não despresava algum fundamento por mais absurdo, que fosse, porque muitas vezes o juiz o abraça sem fazer caso dos

mais solidos argumentos a seu favor. Porém este mal, que se não póde evitar, ao menos não será tão grande, nem tão commum praticando-se os expedientes, que proponho, quero dizer, reduzindo-se a certo numero os advogados; porque os que ficarem de fora não perturbarão a Sociedade da Republica.

Bem considero, que muitos advogados excluidos ficariam sem ter de que viver, ao que se poderia acudir, arbitrando-se para cada grande cidade, e grande villa, á proporção dos seus povos, os letrados, que fossem necessarios, para alli se sustentarem: quanto mais que o mal particular deve ceder ao bem commum; sobre tudo deviam ser apenados á perda dos processos os que contra a dicta disposição se servissem sobmão d'outró letrado, que não fosse dos approvados pelo Desembargo do Paço, aos quaes se deveria prohibir terem os que chamamos embandeirados, que não servem mais que de assignar os papeis que elles fazem, para se livrarem da prisão, e das multas em que a Relação os condemna.

Não sómente os letrados são os que com as suas trapaças dilatam as sentenças, mas tambem os mesmos juizes, que por preguiça demoram nas mãos os feitos, que lhes foram distribuidos, não havendo algum, por grande e embaraçado que seja, que se não possa despachar em um mez; antes ha muitos, que bastariam 24 horas para se sentenciar, e para se evitar o grande prejuizo das partes, que vem de fóra solicitar a sua justiça, faltando assim ao governo das suas casas.

Tambem dissera, que o regedor da justiça, que debaixo do docel da Relação tem a honra de representar a pessoa do príncipe, devesse pronunciar suspensão dos ministros, que não dessem a expedição necessaria aos processos, que tinham em suas casas, a fim de os admoestar, e ainda de dar conta a Sua Majestade, de que faltavam á sua obrigação. Isto não só quanto aos desembargadores d'aggravos, mas tambem a respeito dos mais juizes, que como adjunctos despacham na relação os processos das suas incumbencias.

Mas passando a outra materia de não menos importancia. Acima deixo dicto que se V. A. como verdadeiro pae de familias quizesse dar uma volta aos seus dominios, observaria em primeiro lugar qual era a sua estreiteza á proporção do seu visinho, sobre o que discorri conforme me occorreu; que em segundo lugar acharia muitas porções de

terras usurpadas ao commum das cidades, villas, e logares, para mandar examinar estas usurpações pelos corregedores, e provedores das comarcas, juizes de fóra, a fim de as restituirem ás communidades, por lhe serem de grande uso. Acharia muitas terras incultas, por serem montanhas, ou puras charnecas, para mandar aos mesmos ministros fazer nellas um rigoroso exame, e julgarem se são capazes d'alguma producção (1); por ser rara a de que se não possa tirar alguma utilidade, e ser constante, que na geral cultura das terras consiste a de todo o reino, para obrigarem os proprietarios a mandal-as beneficiar, e produzissem, quando mais não fosse, os grossos matos, e arvores, que mais convenham ao terreno, e de que em Portugal ha tanta falta, para construcção dos edificios, e mais serviço domestico, de que em todas as partes se tem tanto cuidado; e no eleitorado d'Hannover ha uma lei que dispõe, que nenhum paisano possa casar, sem provar, que tem plantado vinte arvores; o que entre nós é tanto pelo contrario, que me lembro muito bem de que o Senhor

(1) Este exame é de certo bem necessario; mas tem os corregedores, provedores, e juizes de fóra os conhecimentos philosophicos necessarios para fazerem este rigoroso exame? Porque fatalidade se ha de julgar um desembargador habil para tudo, e o mathematico, e o philosopho habil para nada? Porque se não empregam nos diversos ramos do serviço público os homens segundo as suas respectivas profissões? Ou porque não se ordena, que todos os estudantes de leis, e canones sejam obrigados a ter um curso completo de philosophia, e os annos de mathematica necessarios para a intelligencia das diferentes partes da physica? Ha poucos annos, que um dos mais esclarecidos, e virtuosos reitores da Universidade de Coimbra propoz ao Governo, e obteve, que os theologos fossem obrigados a estudar os mesmos preparatorios de philosophia, e mathematica a que são obrigados os medicos. Infelizmente para as sciencias, áquelle zeloso, e sabio reitor succedeu outro, que, ou por simples espirito d'oposição, ou por assim o entender, propoz, e obteve do Governo, que aquella excellente, diremos mesmo necessaria providencia, fosse derogada; como se os conhecimentos philosophicos não sejam indispensaveis ao verdadeiro theologo! Como se os erros theologicos sejam indifferentes, ou de pouca monta para a sociedade! Nós desejaríamos por bem do estado que theologos, e juristas fossem todos obrigados a ter os mesmos preparatorios, que os medicos: as utilidades que d'uma tal medida resultariam ao serviço de S. A. R. e ao bem do Estado, são tantas, e tão manifestas, que julgamos desnecessario gastar um momento em as desinvolver, e mostrar.

Rei D. Pedro, querendo sustentar as fabricas de seda, ordenou, que todos os ministros, obrigados a dar residencia, nella mostrassem, que cada qual da sua jurisdicção tinha plantado uma amoreira no seu quintal, ou na terra, que trazia arrendada; o que se observou alguns annos; mas ha muitos, que se não practica, porque o paisano, que um dia plantava uma amoreira, no outro a arrancava, podendo tirar o proveito de lhe vender a folha. E querendo eu examinar o motivo d'este desconcerto, outro não me veiu á imaginação, senão que o lucro, que se procura aos povos, deveria preceder a força; porém hoje sou de differente opinião, que vendo que são tão rusticos, e preguiçosos, que é necessario forçal-os a procurar o seu mesmo proveito, de que se segue, que se os proprietarios, ou rendeiros das taes terras incultas, sem attenderem ao lucro futuro, por se pouparem ás despesas presentes, as não quizessem cultivar; seria justo, que se lhes tirassem, vendendo-se, ou aforando-se a quem se obrigasse a fructificar-as tanto, quanto lhe fosse possível: pouco importa que se faça uma certa injustiça a certo particular, quando d'ella resulta a utilidade commum, visto que — *Salus populi suprema lex est.* E que a salvação do povo consiste na cultura das terras, e para prova do referido, é necessario saber que os nossos reis tão liberaes nas doações, que se fizeram aos frades, principalmente Bentos, e Bernardos, o foram, porque suppunham, que as terras, que lhes davam, eram matos incapazes de produzir algum fructo; mas elles as cultivavam de maneira, que hoje são fertilissimas, e fazem a grande riqueza dos seus conventos. Isto mesmo succedeu em Flandres, onde os religiosos das dictas ordens têm grandes abbas, que os principes lhes concederam pela mesma razão, que acima aponto: e por isso não só todas as nações da Europa põem tanto cuidado na cultura das terras, mas ainda a Chinezã, porque o mesmo imperador, para mostrar aos seus vassallos o quanto ella importa, estabeleceu um dia solemne, em que elle, com os principaes da sua côrte, vai lavar, e semear o trigo pela sua mão, em certa porção de terra para isso destinada. Nesta cultura das terras entra a conservação e augmento das arvores, dos bosques, e dos matos, quando ellas não podem produzir outras coisas, como tambem dos pastos para a criação dos gados de todas as especies;

porque tudo concorre para abundancia do paiz.

Da mesma sorte disse, que V. A. acharia certas, e boas povoações quasi desertas, como por exemplo, na Beira Alta os grandes logares do Fundão, Covilhã, a cidade da Guarda, e a de Lamego; e em Traz dos Montes, a cidade de Bragança, e destruidas as suas manufacturas: e se V. A. perguntar a causa d'esta desolação, não sei se alguma pessoa se atreverá a dizel-o com a liberdade, que eu terei a honra de o fazer, e vem a ser, que a Inquisição, perdendo a uns pelo crime de judeismo, e fazendo fugir outros para fóra do reino com os seus cabaes, por temerem que lh'os confiscassem se fossem presos, foi preciso, que as taes manufacturas cahissem, porque os chamados christães novos as sustentavam, e os seus obreiros, que nellas trabalhavam, e eram em grande numero, se espalhassem, fossem viver em outras partes, e tomassem outros officios para ganharem o seu pão; porque ninguem se quer deixar morrer de fome. A segunda parte da causa, que não é irreparavel, como em seu logar direi, foi a permissão que S. Majestade deu aos Inglezes, e Hollandezes para metterem em Portugal os seus lanificios, principalmente os pannos, havendo 12 annos, que o dicto Senhor os havia prohibido, de que resultava, que as nossas manufacturas se iam aperfeiçoando de tal maneira, que eu mesmo vim á França, e passei á Inglaterra vestido de panno fabricado na Covilhã, ou Fundão. Para esta desgraça concorreram trez coisas: a 1.^a querer o Senhor Rei D. Pedro comprazer com a Rainha d'Inglaterra, com a qual acabava de fazer um tractado de perpetua aliança defensiva, e lhe pedia levantasse a Pragmatica; a 2.^a ser D. João Mathetu, embaixador, irmão d'um mercador de pannos, e assim trabalhava em causa propria, sem embargo de que sempre lhe foi contrario; a 3.^a, que pôz a foíce na raiz, foi que o dicto embaixador fez conceber a certos senhores, cujas fazendas, a maior parte d'ellas, consistem em vinhas, que estas teriam melhor consumo em Lisboa pela grande quantidade de vinhos, que sahiria para fóra, se por equivalente da tal permissão, Inglaterra se obrigasse a que os vinhos de Portugal pagassem a terça parte menos dos direitos, que os de França. E isto bastou para que o tractado se concluísse, e para que as nossas fabricas, como acima digo, se perdessem.

Não ha duvida, que a extracção do nosso vinho cresceu incomparavelmente, mas sujeito a que a podemos perder, todas as vezes que os Inglezes se conformarem ao pé da letra com o tractado; isto é, que os vinhos de França paguem somente de direitos a terça parte menos que os de Portugal, porque logo não terão a sahida, que tem agora; em quanto os dictos primeiros pagam não só a dicta terça parte menos, mas ametade; e nem por isso se deixa de tirar de Bordeaux uma excessiva quantidade, por serem melhores, e mais baratos. E com tudo esta grande exportação de vinhos (de Portugal) não é tão utilissima como se imagina; porque os particulares converteram em vinhas as terras de pão, tirando assim d'ellas maior lucro; mas em desconto a generalidade padece maior falta de trigo, cevada, e centeio; de sorte que, se o vinho sai para fóra de Portugal, é necessario que de fóra lhe venha a maior quantidade de grão.

Accresce, como tenho dicto, que V. A. acharia impracticaveis muitos caminhos, de que em parte provém a decadencia interior do reino, não se podendo, ou sendo mui difficiloso transportar as fazendas d'umas para outras provincias, o que porém se poderia remediar obrigando os moradores circumvisinhos, e por seus turnos trabalhassem a fazer commodas as dictas estradas; pois da frequencia da sua passagem sempre poderiam tirar alguma conveniencia.

Da Haya para Amsterdão, e d'Amsterdão para Haya, além do correio ordinario, partem todos os dias dois carros de posta cobertos, capazes de receber passageiros; e um grande barco para a fazenda que se quer transportar da mesma Haya para Delf; e de Delf para Haya parte um barco todas as meias horas, e de trez em trez horas outro para Rotterdam, e para Leyden, da mesma sorte que d'estas cidades, e outras partem para Haya, além dos barcos mercantes. Tal é a frequente correspondencia, e tal o commercio, que entre ellas circula. Para darmos alguma aos nossos dissera, que este negocio se tractasse com o correio mór, propondo-lhe, que devesse ter em cada logar notavel uma casa de pasto, onde se sustentasse um certo numero de bestas de carga, destinadas a fazerem o mesmo serviço dos carros, como tambem cavallos de posta, para que d'elles se possam aproveitar os mercadores, que necessitarem de ter mais promptos avisos; pois ninguem, creio eu, poderá persuadir-se,

que entre duas cidades de tão grande commercio, como são Lisboa, e Porto, não podem os negociantes ter resposta, senão em quinze dias: d'este estabelecimento o mesmo correio mór poderá tirar o seu proveito; e quando não lhe convenha, poderá S. Magestade tirar-lhe o officio, pagando-lhe a somma, que por elle deram os seus antepassados, pelo valor da moeda, que então corria; ou assignar-lhe no rendimento do mesmo correio uma conveniente pensão. Assim se praticou com os de Toray, porque as postas pertenciam aos secretarios d'estado dos negocios estrangeiros; pois que d'ellas tem tirado tantas vezes os seus interesses.

El-Rei de Castella o tirou ao conde de Ugnate, sem esta circumstancia. França, e Inglaterra se servem d'este grande fundo, que presentemente as provincias d'Hollanda cederam ao novo Statauder, e elle generosamente o applicou a favor do público.

Não quero dizer que o nosso correio produzirá tão grandes sommas; porque nem temos tantas correspondencias, nem tanto commercio: mas no caso de serem melhor regulados os portes das cartas, e mandando-se, que todas as que vem das conquistas vão ao correio, estou bem certo que S. Magestade poderá arrendar o dicto officio com muito consideravel vantagem da sua Real Fazenda, ajunctando-lhe as condições, que parecerem são mais necessarias, para que as correspondencias, assim domesticas, como estrangeiras, sejam regulares.

Como seja de grande consequencia, que se augmente o commercio interior do reino, são os intendentes das provincias de França obrigados a mandar á côrte um extracto do exacto estado d'agricultura, matos, aguas, pontes, commercio, calçadas, caminhos, estradas, bosques, manufacturas dos logares da sua jurisdicção; e este foi o freio que El-Rei Christianissimo quiz pôr aos governadores das mesmas provincias, que não usavam bem do poder, que nellas tinham. El-Rei de Prussia o imitou nesta parte: El-Rei Catholico tem o mesmo fim em ter intendentes; mas não sei se elles observam, e cumprem com igual zelo. De maneira, que as memorias se remetem aos ministros, que têm cuidado de darem as ordens necessarias para se reparar o que se achar defeituoso.

Eu creio, que não necessitamos de crear estes novos empregos, porque o bom governo não depende da sua multiplicidade, mas do zelo, com que servem os que subsistem,

como por exemplo os corregedores, e provedores das comarcas, e os juizes de fóra das villas, que naturalmente devem fazer o mesmo officio dos intendentes por ser tal a sua obrigação; *mas é necessario, que o Principe lhes faça gravemente sentir* o seu desagrado, quando a não comprirem. Eu quizera, que fosse um Senhor da côrte que lhe tirasse a residencia, e não um ministro de justiça, como elles são, por ser a limitação da regra — teu inimigo o official do teu officio.

Disse mais que V. A. acharia que a Igreja possuia pelo menos a terça parte do reino; mas não me atrevi a apontar a este grande mal algum remedio, que não seja mais violento, que o vomitivo, que a lei lhe applicou, dispondo no liv. 2. tit. 18 da Ordenação; a saber, que nenhuma igreja, ou mosteiro de qualquer ordem, ou religião, que seja, possa possuir alguns bens de raiz, que compbrem, ou lhes forem deixados, mais que um anno, e dia; antes os deverão vender; e assim se quiz praticar no reinado do Senhor Rei D. João IV; mas quando o Internuncio *Ravisa*, sahindo de Portugal com caixas destemperadas, o deixou excomungado, o Arcebispo de Lisboa D. *Rodrigo da Cunha*, tomou sobre si levantar a excommunhão, com tanto que o dicto Senhor não fizesse executar a sobredicta lei; ao que se conformou, porque as coisas estavam muito frescas para dar á côrte de Roma um pretexto para o não reconhecer. Tambem o Senhor Rei D. Pedro, por conselho dos seus ministros, e justas queixas dos seus vassallos, que não achavam em que empregar o seu dinheiro, quiz que a lei tivesse o seu devido effeito; de que resultou, que todas as ordens constituiram os jesuitas por seus procuradores, que souberam atabafar o regocio, e pôr-lhe em cima a pedra do esquecimento. Mas nem por isso deixa d'estar na mão do Soberano renoval-a; e quando o não queira fazer, por evitar o mal entendido escandalo dos ecclesiasticos, sempre conviria promulgar uma lei para d'aqui em diante nem frades, nem freiras, nem os seus conventos podessem herdar bens de raiz; antes fossem alienaveis os já adquiridos, sem embargo de que, conforme a opinião commum, extremamente prejudicial ao Estado, seja de que são inalienaveis os bens, que por qualquer titulo entram na Igreja; de que se segue, que pelo decurso do tempo virá a possuir não só a terça parte do Reino, mas mais d'ametade, porque os confesores

abrem as portas do ceu aos que na hora da morte deixam o que têm ás suas igrejas, ou Ordens, privando assim os seus successores do que naturalmente deviam herdar.

NO ALBUM

DA EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. MARIA CANDIDA D. B. NAZARETH.

*Dans les hauteurs du ciel et dans les coeurs des hommes
Les ténèbres partout se mêlent aux lueurs.*

(V. Hugo).

I.

Virgem, pediste-me um canto;
E a minha lyra sentida,
Já d'ha muito adormecida,
Ao teu mandado accordou:
Porque a harpa do poeta,
Em canção singella e pura,
Aos rogos da formosura
Sempre seus hymnos prestou.

Eu, que nos campos da vida
Ainda vejo algumas flores,
Um quadro d'acerbas dores
Não te venho apresentar.
E, ao tentar erguer-te um canto,
Sobre o teu livro, donzella,
Uma harmonia singella
É quanto posso deixar.

II.

Não diz por certo a verdade
Quem aos olhos da innocencia
Pinta o quadro da existencia
Cheio de males sem fim:
— Assim o penso... e no mundo
Já hebi do fel a taça,
E a negra mão da desgraça
Senti pesar sobre mim.

Muitas vezes, na procella,
Ao cansado navegante
Formosa estrella brilhante
O porto lhe mostra além.

Nesta vida, em que os prazeres
Andam a par dos tormentos,
Depois de crueis momentos
Bem felizes horas vêm.

Nem sempre o mar tormentoso
Encapella o dorso altivo;
Nem sempre o sol foge esquivo,
E o céu traça plumbea côr.
Após tufão violento
Tambem as auras bafejam...
E entre espinhos vecejam
Purpureas rosas d'amor.

É verdade que o poeta
As suas crenças mais q'ridas
Vê muitas vezes perdidas,
Sem uma ficar de pé....
— Mas após soffrer ingrato
Vem a mulher num sorriso,
Qual anjo do paraíso,
Dar-lhe vida, crença, e fé.

E por isso, se o poeta,
Em seu cantar d'amargura,
Diz que descrê da ventura,
Não traça um quadro fiel.
— Nem sempre sobre nós pesa
A ferrea mão da desgraça;
Nem sempre da vida a taça
É cheia de sangue e fel.

Se em nós não morreu a esp'rança,
Entre os espinhos da vida,
Ha sempre uma senda q'rida,
Que á ventura nos conduz:
Porque Deus... sería injusto,
Se á creatura mandasse,
Que sempre triste vergasse
Ao peso da sua cruz.

Não é de certo a existencia
De males abysmo fundo;
Que tambem sobre este mundo
Baixa a ventura do céu.
E se tu, virgem, desejas
D'esta vida as cruas dores
Tornar em viçosas flores....
Tem esp'rança como eu.

III.

Embora outros cantores
Achem encantos na mentira;
Nas cordas da minha lyra
Não posso dizel-a... não.

— E por isso aqui te deixo,
Nesta pagina da vida,
Sincera nota, sahida
Dos hymnos do coração.

Coimbra: 11 d'Abril de 1855.

J. A. Sanches da Gama.

Ha cantos tão suaves e hymnos tão melo-
diosos que, ao ouvil-os, sente-se um não sei
que de vago, que nos seduz e arrebatá para
esses dous grandes objectos, que tem inspi-
rado a musa dos grandes poetas—Deus e a
mulher: Deus, centro poderoso, em roda do
qual gravitam todos os seres, desde o verme
até á planta, desde a planta até ao homem;
—a mulher, reflexo da belleza divina, que põe
o homem em um estado de perpétua adoração,
em um devaneio delicioso, que se não explica,
porque não ha lingua d'homem para descre-
ver a magia d'aquelle olhar, que vos fascina
e enlouquece, a meiguice e ternura d'aquel-
la voz, que vos vibra no coração como o som
d'uma harpa eoliana, as molles ondula-
ções d'aquelle corpo flexivel, que se dobra
como o salgueiro á margen dos rios: ha
desses cantos d'uma simplicidade tão to-
cante, que revelam elles sós, em uma meia du-
zia d'estancias, todo o fulgor do genio, toda
a elevação do pensamento, toda a sublime
energia d'uma alma devorada d'esses dese-
jos vagos do infinito, e que anhela por que-
brar as prisões, que a ligam á terra para re-
montar ao principio supremo de todas as
cousas — a Deus.

A poesia, que abaixo transcrevemos, reve-
la-nos a apparição d'um novo talento poe-
tico, na pessoa do nosso antigo condiscipulo
e amigo o Sr. *João de Deus*.

Mas o que mais nos surprehendeu nesta
poezia, primeiro fructo da fertil imaginação
de seu auctor, é que julgavamos o Sr. *João
de Deus* uma d'essas intelligencias, superio-
res sim, mas a quem faltaria talvez em subido
grau o elemento principal, sem o qual o ho-
mem não póde elevar-se a toda a altura do seu
destino, o sentimento religioso. E porque
haviamos feito este juizo e não outro? É
porque não tinhamos ainda chegado ao fun-
do d'esta sociedade corrompida que nos cer-
ca, é porque julgavamos ainda os homens
mais pelas apparencias do que na realidade
elles são, é porque vendo, uns ajoelhados ao
pé dos altares, e batendo nos peitos, outros

ostentando um ar grave e solemne nas assembleias publicas, haviamos pensado que a virtude estava da parte d'estes, e não dos que debaixo d'uma apparencia de incredulidade e negligencia encobrem uma alma cheia de fé, e um espirito verdadeiramente superior.

É agora occasião de o dizermos bem alto, em quanto o não podermos fazer de um modo mais explicito e solemne, a geração nova, está eivada de corrupção, porque achou a corrupção em roda de si, desde o primeiro dia da sua existencia; no leite que lhe deram a beber, vinha já misturado o veneno subtil, que lhe foi lentamente minando as entranhas. Nós, mancebos, que nascemos, quando estalava de todas as partes este edificio politico e religioso, habituámo-nos a viver no meio de ruinas; e vendo que os outros, os velhos, se entretinham a desmoralizar o pela base, fomal-os imitando, e chegámos assim ao estado em que nos achamos, isto é, corrompidos até á medulla dos ossos, e tão velhos, que se alguns d'esses velhos guerreiros, que derribavam muralhas, e venciam batalhas, surgisse no meio de nós, para nos interrogar, desejaríamos antes que a terra se abrisse para nos engulir, do que supportar seu olhar de reprehensão e desprezo.

Mas, assim como entre os que pertencem á velha geração, há naturezas virgens, que resistem a todo o halito da corrupção, e que são como esses cedros, que se erguem sobranceiros no meio dos campos arruinados e desertos, assim tambem entre os que pertencem á geração nova, ha naturezas tambem, que se não dobram nem aos caprichos da fortuna, nem ás paixões dos homens, que se levantam, o rosto irado e o braço erguido para fustigar os que corrompem, e os que se deixam corromper, e que abrigam debaixo da sua bandeira todos os que sentem bate-lhe no peito o sentimento da justiça, e o amor da liberdade.

Vêde-os como elles falam de Deus, d'aquelle

Senhor, a cujo halito vacilla
O mundo, e o cedro cáe.

Como este brado de religiosa inspiração vai bem nos labios do mancebo d'este seculo, d'este seculo em que já não ha amor de Deus, porque só ha o amor do ouro?

Como é tocante, esta supplica, com que o Sr. João de Deus termina a sua oração.

Se o raio, que as nuvens sobre nós dispáram,
VeloZ rasgando os ares
Á voz Tua, Bom Deus, lá vai sumir-se
Nas entranhas dos Mares:

Se á flor, filha do sol, que á luz só vive,
A luz mandas, ó Deus;
E saudoso no Céu, na Gloria esperas,
Bom Pae, os filhos Teus:

Do Mundo, ó Creador!.. que o Mundo abraças
Em a Tua clemencia,
Ampára a Virgem delicada e fragil,
Protege a Innocencia!

E quando a honra se vende por dinheiro, e quando se mente á face de Deus e dos homens, e quando se violam todas as leis do pudor e todos os sentimentos do coração, e quando a mulher é discutida, julgada e vendida por algum pregoeiro infame, nesse bazar impuro a que chamão opinião publica, achaes que é muito, que de entre os filhos d'este seculo, appareçam alguns a reivindicar para a victima os direitos, que lhe pertencem, e para o algoz o castigo, que merece?

Mas para que é cançar-vos com a analyse d'esta poesia, quando ella ahi se mostra, sem galas e adornos, mas bella e rica da sua simplicidade?

Possa o seu auctor aceitar estas palavras tão sinceramente como aqui as deixamos escriptas, e não desfalecer no caminho, que principia a trilhar, que desde já lhe propheetizamos um destino brilhante, o destino das grandes almas, que não fazem consistir a gloria nas pequenas vaidades da terra, mas nas altas concepções do espirito, e na propagação das verdades christãs.

Alexandre Meyrelles.

A ORAÇÃO.

POESIA OFFERECIDA

EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. R. C. N.

Olha por Ella, Tu, dos Ceus que habitas,
Do Mundo ó Creador!
Ampára o Lirio delicado e fragil,
Ampára a tenra flor!

Do manto que te envolve e d'onde pendem
Sóes sem conto — dos Céus —
Ella á Terra baixou, Estrella Tua,
Anjo dos Anjos Teus.

Exhalaste-a do seio á terra ingrata
Num suspiro d'amor!!.
Ou na Terra a protege, ou sobre nuvens
Volva ao seio Teu, Senhor?

Não permittas que a dor seus labios murche,
Senhor, que és Deus, que és Pae!
Senhor, a cujo halito vacilla
O Mundo e o Cedro cai.

Nunca os olhos seus lagrimas turvem,
D'acerba anciedade!
Nunca, Senhor! Por Ti!! que em sóes te firmas
Dos Céus na immensidade.

Se o raio, que as nuvens sobre nós dispáram,
Veloz rasgando os ares,
A voz Tua, Bom Deus, lá vai sumir-se
Nas entranhas dos Mares:

Se á flor, filha do sol, que á luz só vive,
A luz mandas, ó Deus;
E saudoso no Céu, na Gloria esperas,
Bom Pae, os filhos Teus:

Do Mundo, ó Creador!... que o Mundo abraças
Em a Tua clemencia;
Ampára a Virgem delicada e fragil,
Protege a Innocencia!

Coimbra, 12 de Junho de 1855.

João de Deus R. N.

MANUSCRIPTO

Vindo de Sancta Helena.

Continuado de pag. 197.

Dentro de trez dias fomos senhores de todos os póstos Austro-Sardos. que defendiam as alturas da Liguria. O inimigo, attacado de repente, cuidou em reunir-se. No dia 10 d'Abril nós o encontrámos em Montenotte, e o batemos. No dia 14 o atacámos em Millesimo, e o batemos de novo, separando os Austriacos dos Piemontezes. Estes vieram tomar uma posição em Mondoví, ao passo que os Austriacos se retiravam para o Pó, a fim de cubrirem a Lombardia.

Eu bati os Piemontezes. Em trez dias tomei todas as posições do Piemonte, e já estávamos a nove legoas de Turim quando veio ter comigo um Ajudante de campo, que vinha pedir a paz.

Então, pela primeira vez, me considerei

não como simples general, mas como um homem destinado a influir na sorte dos povos, Vi o meu nome na historia. Esta paz mudava o meu plano, porque já se não limitava a fazer a guerra na Italia, porém a conquistá-la. Eu via que, alargando o terreno da revolução, ia dar uma base mais solida a seu edificio. Era este o melhor meio de segurar o seu bom successo.

A côrte do Piemonte havia-nos cedido todas as suas praças fortes, e com ellas tinha posto em nossas mãos todos os seus dominios. Assim estávamos senhores dos Alpes e dos Appeninos; tínhamos pontos seguros de apoio; e estávamos tranquilos á cêrca da nossa retirada.

Em uma tão bella posição eu fui attacar os Austriacos. Passei o Pó em Plaisance, e o Adda em Lodi. Tudo isto não se executou sem difficuldades, porém Beaulieu retirou-se, e eu entrei em Milão.

Os Austriacos fizeram esforços incriveis para recuperar a Italia. Eu fui obrigado a derrotar cinco vezes os seus exercitos para levar ao cabo a conquista.

Achando-me senhor da Italia, era preciso estabelecer nella o systema da revolução a fim de atrahir este paiz á França por meio de principios e interesses communs: isto é, era preciso destruir alli o antigo regíme para lhe substituir a egualdade, porque esta era a mola real da revolução. Eu tinha por tanto muito que fazer com o clero, com a nobreza, e com todos os que viviam á custa d'elles ambos. Eu previ todas estas resistencias, mas tomei a resolução de as vencer pela auctoridade das armas, e sem revoltar o povo.

Eu tinha feito grandes acções, mas era preciso tomar uma postura e uma linguagem analoga. A revolução havia destruido entre nós toda a especie de dignidade; eu não podia dar á França uma pompa real; dei-lhe o lustre das victorias, e a linguagem de senhor.

Eu queria ser o protector da Italia, e não o seu conquistador. E consegui isto, mantendo a disciplina do exercito, punindo severamente as revoltas, e particularmente, instituindo a republica Cisalpina. Com esta instituição satisfiz os dezejões manifestos dos Italianos, isto é, de serem independentes. Dei-lhes grandes esperanças, e só d'elles dependia vel-as realisadas unindo-se connosco. Foram outros tantos alliados, que eu dei á França.

Esta alliança durará muito tempo entre os dois povos, porque ella está fundada sobre serviços e interesses communs. Ambos estes povos têm as mesmas opiniões e os mesmos estimulos. Sem mim, conservariam ainda a sua antiga inimizade.

Descançado á cêrca da Italia, não receei aventurar-me a entrar no centro da Austria. Cheguei até á vista de Vienna, e assignei o tractado de Campo Formio; acto bem glorioso para a França.

O partido, que eu havia favorecido em 18 Fructidor, governava a republica. Eu o favoreci, porque era o meu, e porque era o unico capaz de fazer marchar a revolução. Além d'isso, quanto mais eu tinha entrado em os negocios mais me havia convencido de que era preciso acabar a revolução, porque ella era o fructo do seculo e das opiniões. Tudo quanto retardava a sua marcha não fazia senão prolongar-lhe a crise.

Tinhamos paz com todo o continente, e só estavamos em guerra com Inglaterra; mas como nos faltava o campo de batalha, esta guerra conservava-nos em inacção. Eu tinha a consciencia dos meus meios, e elles eram taes que me podiam mui bem dar a conhecer, porém não tinha em que os empregar. Eu sabia, comtudo, que era preciso excitar a attenção para poder ser visto, e que para isso era necessario tentar cousas extraordinarias; os homens gostam de todos os que sabem maravilhar. Foi em virtude d'esta opinião que eu imaginei a expedição do Egypto. Ella foi attribuida a profundas combinações da minha parte, e eu não tinha outras senão zangar-me de estar ocioso depois da paz, que havia concluido.

Esta expedição devia dar uma grande ideia do poder da França, era propria para fixar a attenção sobre o seu chefe, e devia surprehender a Europa pela sua ousadia. Taes motivos eram mais que sufficientes para eu a tentar; mas a esse tempo eu nem tinha a mais pequena ideia de desthronizar o Gram-Turco, nem de me fazer Bachá.

Preparei a partida com o mais profundo segredo, porque isto era necessario para o bom successo, e porque fazia ainda mais singular o character singular da expedição.

A esquadra deu á véla. Eu fui obrigado a destruir, no caminho, essa ordem de Malta, porque ella não era util senão para os Inglezes. Eu temia que algum velho fermento de gloria excitasse ainda esses cavalleiros

a defender-se, e assim me retardassem; porém, por fortuna minha, elles se entregaram ainda mais vergonhosamente do que eu imaginava.

A batalha de Aboukir destruiu a esquadra, e entregou o mar aos Inglezes. Desde logo me persuadi, que a expedição já não podia terminar senão por uma catastrophe; porque todo o exercito, que não se recruta, acaba sempre por capitular, um pouco mais cedo ou mais tarde.

Era preciso, no entanto, estar no Egypto, porque não havia modo de sahir. Decidi-me por tanto a mostrar boa cara neste mau jogo; e representei bem o meu papel. Eu tinha um bello exercito, e era preciso occupal-o; depois de haver concluido a conquista do Egypto, quiz que elle empregasse o seu tempo em alguma cousa. Assim, eu entreguei ás sciencias o mais bello campo de todos os que ellas já tinham explorado.

Os nossos soldados andavam como surprehendidos de se verem dentro da herança de Sesostris. Mas levaram isto muito a bem, e era uma cousa tão curiosa ver os Francezes no meio d'estas ruinas, como o modo, por que se entretinham com ellas.

Já não tendo que fazer no Egypto, veio-me a curiosidade de ir á Palestina, e de tentar a sua conquista. Esta expedição tinha um certo ar fabuloso, e isto mesmo me seduziu. Porém não fui bem informado dos obstaculos que encontraria, e não levei sufficientes tropas commigo.

Depois de haver atravessado o deserto, soube que se tinham junctado algumas forças em S. João d'Acre. Não as podia desprezar, e por isso me dirigi para lá.

A praça estava defendida por um engenheiro Francez, o que logo conheci pela sua resistencia; foi então necessario levantar o sitio, e a retirada foi penivel. Pela primeira vez tive que lutar com os elementos; porém não fomos vencidos.

Na minha volta ao Egypto recebi gazetas por via de Tunis. Por ellas conheci o estado deploravel da França, o aviltamento, a que havia chegado o Directorio, e os successos da coalisção.

Persuadi-me, que podia ainda, segunda vez, fazer alguns serviços ao meu paiz. Já não tinha motivo para me conservar no Egypto, porque a expedição estava acabada; quanto mais, para assignar uma capitulação, que mais cedo ou mais tarde era inevitavel, qualquer general era bom: por isso parti

sem mais intentos do que tornar-me a pôr á frente dos exercitos, e dar-lhes outra vez a victoria.

Assim que desembarquei em Frejus, a minha presença excitou o enthusiasmo do povo. A minha gloria militar animava todos aquelles, que tinham medo de ser batidos. Na minha passagem houve uma affluencia infinita de gente, e a minha viagem pareceu bem um triumpho: então me convenci de que chegando a Paris podia tudo na França.

A fraqueza do governo tinha posto a nação a dois dedos da sua ruina; não havia senão anarchia. Todo o mundo queria salvar a patria, e propunha planos para isso. Vinham-me fazer confidencias, e eu era o centro de todas as conspirações; mas não havia um só homem á frente de todos estes projectos, que fosse capaz de os executar. Todos contavam comigo, porque precisavam d'uma espada. Eu não contava com ninguem, e por isso pude á minha vontade escolher o plano, que melhor me convinha.

A fortuna ía collocar-me á frente do Estado, e eu ía ver-me senhor da revolução, por que não queria ser o seu chefe; essa figura não me convinha.

Eu era pois chamado para preparar a sorte futura da França, e talvez a do mundo. Mas antes d'isso era preciso fazer a guerra e a paz, e era preciso adormecer as paixões e fundar a minha auctoridade.

Era necessario pôr em movimento essa pesada maquina que se chama governo, e eu conhecia mui bem a força das suas resistencias; então eu haveria preferido o simples emprego da guerra; porque gostava da auctoridade do quartel general, e das commoções d'um campo de batalha. Em uma palavra, naquelle momento sentia-me com mais disposições para resuscitar o ascendente militar da França do que para governal-a.

Todavia, em meus destinos não podia haver escolha, porque facilmente via que o reinado do Directorio estava a acabar; que em seu lugar era preciso pôr uma auctoridade respeitavel que salvasse o Estado; e que na realidade não havia outra que impozesse mais respeito do que a gloria militar. O Directorio não podia por tanto ser substituido senão por mim ou pela anarchia. Esta escolha da França não era duvidosa; e a opinião pública esclarecia neste caso a minha.

Propuz que o Directorio fosse substituido por um Consulado; tanto eu nesse tem-

po ainda estava longe de conceber a idéa d'um poder soberano. Os republicanos propuzeram dois Consules; eu pedi trez, porque não queria ver-me igualado. O primeiro lugar me pertencia de direito nessa trindade; era tudo o que eu queria.

Os republicanos desconfiaram da minha proposição; entreviram um elemento de dictadura neste triumvirato. Então se ligaram contra mim. Nem a presença de *Sieyes* os socegava. Este havia encarregado de fazer uma Constituição, porém os Jacobinos temiam mais a minha espada do que se fiavam na penna do seu velho Abbade.

Todos os partidos se alistaram então debaixo de duas bandeiras; de uma parte estavam os republicanos, que se oppunham á minha elevação; da outra estava toda a França, que a pedia. Ella era portanto inevitavel nessa epocha, porque o maior numero é sempre quem vence. Os primeiros haviam estabelecido o seu Quartel General no Conselho dos 500, e alli fizeram uma bella defeza; e assim foi preciso ganhar a batalha de S. Cloud para acabar esta revolução.

Por um momento estive eu capacitado, que ella se fazia por aclamação geral.

A opinião publica acabava de dar-me o primeiro emprego do Estado; e a resistencia, que para isso tinha havido, não me inquietava, porque ella era produzida por individuos desacreditados no público. Os realistas não tinham apparecido, porque a rapidez dos successos não lhes havia dado tempo. A totalidade da nação tinha confiança em mim, porque sabia, que a revolução não podia ter melhor garantia do que a minha. Eu não podia ter força senão pondo-me á frente dos interesses, que ella havia creado; pois que se a fizesse retrogradar achar-me-ia necessariamente dentro dos dominios dos *Bourbons*.

Era preciso, que tudo fosse novo em a natureza do meu poder, a fim de que todas as ambições achassem nelle meios d'alimentar-se.

Mas havia nisto um grande defeito; em a natureza deste poder não havia coisa alguma certa.

Eu não era, pela constituição, senão o primeiro magistrado da Republica, mas o simbolo da minha auctoridade era uma espada; e havia por consequencia incompatibilidade entre os meus direitos Constitucionaes e o ascendente, que eu tinha por effeito do meu character e das minhas acções.

O público sentia como eu esta difficulda-
de; por isso as cousas não podiam durar
assim, e cada um em consequencia ia to-
mando as suas medidas.

Eu achava á roda de mim muito maior
numero de cortesãos do que precisava; ti-
nha chusmas d'elles. Por esta forma, ne-
nhum cuidado me davam os progressos da
minha auctoridade, porém ao mesmò tempo
muito cuidado me dava a situação material
da França.

Nós tinhamo-nos deixado vencer; os Aus-
triacos tinham reconquistado a Italia, e ha-
viam destruido a minha obra. Não tinhamos
exercito para tomar outra vez a offensiva, e
nem havia um real nos cofres publicos, nem
meio de os encher. A conscripção só se
executava á vontade dos *Maires*. Sieyes nos
havia dado uma Constituição perguiçosa e
palavriada, que embaraçava todas as opera-
ções. Tudo quanto constitue a força de um
Estado estava aniquilado; existia só tudo
quanto constitue a sua fraqueza.

Forçado pela minha posição julguei, que
devia pedir a paz: eu o podia então fazer
de boa fé, porque era uma fortuna para
mim. Um pouco mais tarde não me daria
senão ignominia.

Mr. Pitt a recusou, e nunca homem al-
gum d'Estado commetteu maior falta, por
que este momento era o unico em que os
alliados a poderiam ter concluido com segu-
rança; a França, pedindo a paz, reconhecia-
se então vencida, e os povos que se podem
restabelecer de todos os revêzes nunca se
restabelecem do consentimento, que dão ao
seu opprobrio.

Mr. Pitt a recusou; e assim salvou-me
d'uma grande falta, que commetti, e esten-
deu o imperio da revolução por toda a Eu-
ropa, — imperio, que nem a minha queda
poude destruir. Elle a teria unicamente li-
mitado á França se a tivesse deixado entre-
gue a si mesma. Fui por tanto obrigado a
fazer a guerra. *Massena* defendia-se em Ge-
nova, porém os exercitos da Republica não
ousavam mais nem passar o Rheno nem os
Alpes. Era preciso pois tornár a entrar na
Italia e na Allemanha para dictar segunda
vez a paz á Austria. Tal era o meu plano;
mas eu não tinha nem soldados, nem arti-
lheria, nem espingardas.

Chamei os Conscriptos, mandei fazer ar-
mas, e excitei o sentimento da honra nacio-
nal, que nunca morre nos Francezes. Ajun-
ctei um exercito, a metade do qual nem esta-

va ainda fardado. A Europa ria-se dos meus
soldados, porém pagou bem caro esse mo-
mento d'alegria. Não se podia, comtudo,
emprehender abertamente uma campanha
com tal exercito. Era preciso, ao menos,
maravilhar o inimigo, e aproveitar do seu
sobresalto. O General *Suchet* estava-o atra-
hindo para os desfiladeiros de Nise, e *Mas-
sena* prolongava de dia em dia a defeza de
Genova. Eu parto, avanço-me para os Al-
pes, e a minha presença, e a grandeza da
empreza reanimaram os soldados. Elles não
tinham sapatos, mas pareciam marchar to-
dos como se fossem uma vanguarda.

Em nenhum tempo da minha vida experi-
mentei sentimento algum igual ao que
senti ao atravessar os desfiladeiros dos Al-
pes. Os echos repetiam os gritos do exerci-
to e me annunciavam uma victoria incerta,
mas provavel. Eu ia tornar a ver essa Ita-
lia, theatro de meus primeiros feitos. Mi-
nhas peças d'artilheria cavalgavam lenta-
mente os rochedos. Os meus primeiros gra-
nadeiros chegaram em fim ao cume do S.
Bernardo. Elles lançaram ao ar seus cha-
peus enfeitados de penachos encarnados, dan-
do gritos d'alegria. Os Alpes estavam passa-
dos e nos despenhámos por elles como uma
torrente. O general *L'Asne* commandava
a vanguarda. Elle foi rapidamente tomar
Ivrée, Verceil, e Pavia, e se apossou da pas-
sagem do Pó. Todo o exercito o passou sem
obstaculos. Nesse tempo todos nós eramos
moços, soldados e generaes; e todos quera-
mos fazer a nossa fortuna. Não faziamos
caso das fadigas, e muito menos dos peri-
gos; eramos indifferentes a tudo, á excepção
da gloria, que se não alcança senão sobre
os campos de batalha.

Com a noticia da minha chegada, os Aus-
triacos entraram a manobrar em Alexan-
dria. Accumulados dentro d'esta praça no
momento em que me apresentei defronte
de seus muros, as suas columnas foram des-
sinvolver-se a deante de la Bormida. Man-
dei-os atacar, mas a sua artilheria era supe-
rior á minha, e desorganizou os nossos jo-
vens batalhões, que perderam terreno. A li-
nha só estava conservada por dois batalhões
da guarda e pelo 45; mas eu estava á espe-
ra dos corpos, que marchavam em pelotões.
A divisão de *Desaix* chega em fim, e toda a
linha se restabelece. *Desaix* forma a sua
columna de ataque, e entra a aldêa de Ma-
rengo, em que se apoiava o centro do ini-
migo. Este grande general foi morto no

momento em que decedia uma victoria immortal.

O inimigo, correu logo a buscar abrigo debaixo dos muros d'Alexandria; suas pontes eram muito estreitas para lhes dar passagem, e houve uma confusão enorme: aprisionámos massas d'artilheria, e batalhões inteiros. Accumulados além do Tanaro, sem communicações, sem retirada, e ameaçados na recta-guarda por *Massena* e por *Suchet*, tendo ao mesmo tempo em frente um exercito victorioso, os Austriacos receberam a lei que lhes impuzemos. *Melas* implorou uma capitulação, que foi inaudita nos fastos da guerra. A Italia inteira me foi restituída, e o exercito vencido veiu depôr as suas armas aos pés dos nossos conscriptos.

Este dia foi o mais bello da minha vida, porque foi um dos mais bellos da gloria da França. Tudo tinha mudado para ella, e ia gozar d'uma paz, que havia conquistado. Ella ia dormir o somno tranquillo do leão. Ia ser ditosa, porque era grande.

Todas as facções se mostravam quietas: tamanha gloria as reprimia. A *Vendée* se pacificava, até os Jacobinos eram obrigados a agradecer-me a minha victoria, porque ella tambem era a seu favor. Eu já não tinha rivaes.

O perigo commum, e o enthusiasmo público reconciliaram momentaneamente os partidos. A segurança tornou a desunil-os. Aonde não ha um centro de poder incontestavel, encontram-se sempre homens, que procuram apossar-se d'elle. É o que exactamente ia succedendo ao meu. Minha auctoridade não era mais do que uma magistratura temporaria, e por isso não era inatacavel. Homens vaidosos, e que se consideravam com talento; abriram uma campanha contra mim e para sua praça d'armas escolheram o *Tribunado*. Alli foi, que me principiarão a atacar debaixo do nome do *Poder executivo*.

Se eu tivesse cedido ás suas declamações, tinha dado cabo da fortuna do estado: este contava demasiados inimigos, e não podia nem diminuir suas forças, nem perder o tempo em palavras. Acabavamos de passar por uma bem cruel experiencia, mas assim mesmo ella não tinha sido bastante para tapar a bocca a essa especie d'homens, que preferem os interesses da sua vaidade aos interesses da patria. Entretiveram-se, para ganhar popularidade, em recusar os tributos, em desacreditar o governo, e em impe-

dir sua marcha, assim como o recrutamento das tropas.

Por este andar, nós estaríamos dentro de quinze dias á mercê do inimigo, porque ainda não tinhamos forças bastantes para nos medirmos com elle. O meu poder era ainda muito novo para ser invulneravel; e o Consulado ia acabar como acabou o Directorio, se eu não tivesse acabado com esta opposição por um golpe d'Estado. Despedi os fribunos facciosos, e a esta operação se chamou — *eliminar*: a palavra fez fortuna.

Este pequeno acontecimento, de que até agora se não tem feito caso, mudou a Constituição de França, porque por elle acabei com a Republica: ella deixou de existir desde o momento em que a sua representação nacional deixou de ser sagrada. Mas esta mudança era de absoluta necessidade, á vista da situação em que estava a França para comsigo e para com a Europa. A revolução tinha terriveis inimigos tanto internos como externos, e assim era forçada a adoptar uma forma dictatorial, como adoptam todas as republicas em tempo de perigo. As auctoridades, que servem de contrapeso, não são boas, senão em tempo de paz. Era preciso, pelo contrario, reforçar a que se me tinha dado, todas as vezes que ella corria algum risco, a fim de prevenir as recahidas.

Talvez eu tivesse feito melhor em pedir francamente esta dictadura, uma vez que me accusavam de aspirar a ella. Cada um teria então fallado, a seu modo, d'isso que se chamava a minha ambição; e isto haveria sido muito mais vantajoso, porque os monstros parecem mais feios ao longe que ao perto. A dictadura teria a vantagem de não dar desconfianças para o futuro, de deixar as opiniões no estado em que estavam, e de intimidar o inimigo, mostrando-lhe a resolução da França.

Mas eu vi que esta auctoridade vinha por si mesma depositar-se em minhas mãos; e neste caso não precisava de a receber officialmente: senão a exercia de direito, exercia-a de facto, e era quanto bastava para passar a crise, e salvar a França e a revolução.

Toda a minha tarefa se reduzia pois a terminar esta revolução, dando-lhe um character legal, a fim de que podesse ser reconhecida e legitimada pelo direito público da Europa. Todas as revoluções têm passado pelos mesmos combates, e á nossa devia suc-

ceder o mesmo; porém a final também devia como as outras receber a sua carta de posse. Comtudo, antes de a propôr, vi que era preciso ter mão nos seus principios, consolidar a legislação, e destruir-lhe os excessos. Julguei que tinha forças para tudo, e não me enganei.

O principio da revolução era a extincção das castas, isto é, a egualdade; e eu a respeitei. A legislação devia regular-lhe os principios, e eu fiz leis proprias para isso. Haviam excessos na existencia das facções; não lhes dei importancia, e ellas desapareceram: na abolição do culto; e eu o restabeleci: na existencia dos emigrados; e eu lhes dei uma patria: na desordem geral da administração; e eu a regulei: na ruina das finanças; e eu as restaurei: na falta d'uma auctoridade para socegar a França; e eu lhe dei esta auctoridade, tomando o governo do Estado.

Poucos homens têm feito tantas cousas como eu então fiz, e em tão pouco tempo. A historia dirá ainda um dia o que era a França, quando eu principiei a governal-a, e o que foi depois, quando deu leis á Europa. Nunca tive necessidade de me servir d'um poder arbitrario para concluir estes immensos trabalhos. É verdade que não se me teria negado o exercicio d'elle, porém eu nunca o quiz, porque sempre detestei tudo o que é verdadeiramente arbitrario. Sempre estimei a ordem e as leis, e por isso fiz muitas; eu as fiz severas e claras, porém justas; *porque uma lei, que não conhece excepções, é sempre justa.* Fiz com que fossem observadas rigorosamente, *é o dever do throno,* porém sempre as respeitei: todas essas leis me hão de sobreviver, e é a recompensa que tirei dos meus trabalhos.

Tudo parecia ir marchando á medida dos meus desejos. O Estado se renovava e a ordem se restabelecia. Em tudo isto eu me occupava com empenho, porém via que ao systema ainda faltava alguma cousa importante — era a estabilidade.

Por maiores desejos que eu tivesse de fazer estavel o principio da revolução, via claramente que era impossivel conseguil-o sem primeiro ter vencido grandes resistencias; porque havia uma antipathia necessaria entre o antigo e o novo regime.

Ambos elles formavam duas massas, cujos interesses eram absolutamente contrarios. Todos os governos, que ainda subsistiam em virtude do antigo direito público, viam-se em perigo com os principios da revolução;

e esta não tinha garantia senão tractando com o inimigo, ou, esmagando-o, quando elle não quizesse tractar.

Esta lucta é que devia a final decidir da renovação da ordem social na Europa. Eu estava á frente da grande facção que queria aniquilar o systema, por que se governava o mundo depois da quêda do imperio Romano; e como tal, estava exposto aos odios de todos os que tinham interesse na conservação d'esta ferrugem gothica. Um homem, de character menos firme que o meu, poderia mui bem pôr-se á capa, e deixar ao tempo uma parte da decisão deste projecto.

Mas assim que eu entrei bem no fuudo do coração d'estas duas facções; desde que vi que ellas ambas dividiam o mundo, como no tempo da Reforma; conheci que era impossivel poder haver pacto entre ellas, porque seus interesses eram diametralmente oppostos. Persuadi-me, que quanto mais se abreviasse esta crise muito melhor seria para os povos. Mas para isto era necessario que tivessemos da nossa parte ametade da Europa, e mais um, porque sem esta circumstancia não podia pender para o nosso lado.

Com tudo, eu não podia dispôr deste pêso senão em virtude da lei do mais forte, unica lei que corre entre os povos. Assim era absolutamente preciso que eu fosse o mais forte, porque eu não estava sómente incumbido de governar a França, mas de lhe submeter todo o mundo, sem o que o mundo a teria esmagado. Não pude, por consequencia, escolher entre os partidos que devia tomar, por que todos elles foram sempre forçados pelos acontecimentos: o perigo era sempre imminente, e o 31 de Março bem provou quanto elle era para temer, e se era possivel fazer com que vivessem em paz os velhos e novos regimes.

Eu podia mui facilmente prever que em quanto houvesse egualdade de forças entre estes dois systemas, haveria também sempre entre elles guerra aberta ou occulta. Qualquer paz que assignassem não seria senão uma tregua para descansar. Era preciso pois que a França, como capital da revolução, estivesse sempre em estado de resistir á tempestade. Era preciso que no governo houvesse unidade para que elle fosse forte; que a nação estivesse unida, para que todos os seus meios tendessem ao mesmo fim; e que o povo tivesse confiança para consentir nos sacrificios necessarios para completar a conquista.

Ora tudo era precario no systema do consulado, porque nada estava no seu lugar competente. Existia uma republica de nome, uma soberania de facto; uma representação nacional fraca; um poder executivo forte; auctoridades submissas, e um exercito preponderante.

Nada marcha como deve em todo o systema politico em que as palavras estão em contradicção com as cousas. O governo desacredita-se, quando se põe no habito de mentir eternamente. Cai no desprezo que inspira tudo o que é falso, porque tudo o que é falso é fraco. Além d'isto já hoje se não podem mostrar expertezas em politica; os povos já sabem demais, e as gazetas bastam para os ensinar. Não ha senão um unico segredo para governar o mundo; é ser forte: na força verdadeira não ha erro, nem illusões; é a verdade tal e qual.

Eu sentia a fraqueza da minha posição, isto é, o ridiculo do meu consulado. Era logo necessario estabelecer alguma cousa solida, que servisse de ponto d'apoio á revolução. Fui nomeado Consul vitalicio; mas era uma dignidade temporaria, insufficiente em si mesma, porque marcava uma data para o futuro, e não ha nada que destrua tanto a confiança como a previsão d'uma mudança. Mas, ao menos, esta dignidade era menos má para a occasião, em que foi estabelecida.

No intervallo, que me deu a tregua de Amiens, emprehendi uma expedição imprudente, de que me accusaram, e com razão: ella não valia cousa alguma em si mesma. Tinha pertendido recobrar S. Domingos, e tinha bons motivos para assim o fazer. Os alliados aborreciam grandemente a França, e não convinha que ella estivesse em inacção durante a paz. Era preciso que fosse sempre temivel; dar pasto á curiosidade dos ociosos, e ter sempre o exercito em movimento para que elle senão pozesse a dormir. Em fim, eu tambem queria experimentar a marinha.

Quanto ao mais, a expedição foi muito mal executada. Aonde eu não estive sempre, as cousas foram mal. Porém nesta parte tudo vinha a ser o mesmo; porque era facil de ver, que o ministerio Inglez romperia a tregua, e se nós tivéssemos conquistado S. Domingos, teria sido sómente para elle.

A minha segurança fa-se todos os dias augmentando, quando o acontecimento de 3 Nivôse me fez ver, que eu estava collocado sobre um volcão. Esta conspiração foi

imprevista, e é a unica que a policia não transtornou d'ante mão.

Ella não tinha confidentes, e por isso teve o seu effeito.

Eu escapei por um milagre. O interesse, que então se mostrou por mim, recompensou-me amplamente. O momento da conspiração foi muito mal escolhido, porque nessa epocha ainda a França não estava madura para os Bourbons.

Abriu-se devassa sobre os culpados, e confesso com verdade, que só então accusei alguns *Brutos* ignobeis. Quando se tractava de crimes sempre todo o mundo estava disposto a attribuir-lh'os. Fiquei com tudo assombrado quando por meio das devassas se chegou a provar, que era só aos *Realistas* que alguns individuos da rua S. Nicaise deviam a obrigação de ter ido pelos ares.

(Continúa).

DISSERTAÇÃO PHYSIOLOGICA.

Continuado de pag. 200.

Como *Lavoisier* demonstrou, que o acido carbonico, e a agua resultam de uma combinação entre o oxygeneo do ar atmosphérico, e carbone por exemplo, e hydrogeneo d'outra parte; como tambem a observação lhe tinha demonstrado, que, durante a respiração, o ar atmosphérico perde gaz oxygeneo e se carrega do gaz acido carbonico e de vapor aquoso, era natural, que elle considerasse a respiração como um acto de combustão; por isso disse elle com *Sequin* (*Hist. d'Acad. des Sc. 1790. p. 606*) que não era provado, mas que se devia suppôr, que a combustão, operada nos pulmões produzia acido carbonico pela combinação do oxygeneo do ar com o carbone dos liquidos segregado nas ramificações bronchicas; esta hypothese foi pois admittida como um facto experimental por muitos physiologistas, e chimicos, como *Prout* entre outros (*Schweigger. Jour. t. 28. p. 255*) mas como *Lavoisier*, e *La Place* observassem por seus calculos, que a respiração subtrahia da atmosphera mais oxygeneo do que era necessario para produzir o acido carbonico expirado, e se despegava mais calor no organismo do que aquelle, que se compadecia com a produção do acido carbonico, pensaram harmonisar

estes factos improvisando a combinação d'esse excedente do oxigeneo com o hydrogeneo do sangue venoso, e a formação da agua, que explicava ao mesmo tempo o augmento de temperatura; e por consequencia as substancias expiradas não eram secreções, mas sim combinações entre o oxigeneo do ar atmospherico, e o carbone, e hydrogeneo do sangue, e uma verdadeira combustão; vê-se pois, que esta hypothese não era senão a traducção fiel do pensamento de *Mayow*, em o qual não ha mais, que substituir o seu *sal vital, igneo, fermentativo, e espirito nitroaereo* pelo oxigeneo; e as *partes sulfurosas* do sangue venoso pelo *carbone*, e *hydrogeneo*, que os chymicos querem desde *Lavoisier*, que elle perca.

O pensamento de que a respiração não era outra cousa mais do que uma combustão não era tão sem fundamento, que se não fundasse em razões muito plausiveis, que assentavam na analogia, ou identidade de condições, que se verificavam todas em ambas as operações; porque sendo um facto irrecusavel, que não ha respiração possivel sem o contacto do ar atmospherico, que nenhum a entretém sem que tenha oxigeneo, de que ella o despoja, e que o ceda com facilidade; que para se continuar precisa, que elle seja renovado sem o que ella cessa promptamente, e tambem pára, e se interrompe, antes que seja esgotado todo o oxigeneo do ar, em que ella se faz em consequencia da acido carbonico, que fornece a expiração; e que finalmente ella se continua mais longo tempo se tem logar em oxigeneo puro; não sendo menos exacto, que nem uma só d'estas condições deixa de reclamar a combustão por fórma, que dadas todas aquellas, mediante as quaes se faz a respiração, tem logar a combustão, e pára, e se interrompe pela falta de qualquer d'ellas; não havendo finalmente alguma duvida de que para tudo ser commum a ambas estas operações, o ar, que tem servido a uma d'ellas não é proprio para a outra; os gases, que extinguem, e não alimentam uma, não se tornam compatíveis com a outra; e que o acido carbonico, a agua, e o calor, produzido pela respiração, são productos tambem da combustão; á vista de todas estas coincidencias, disseram os chymicos desde *Lavoisier* até *M. Thenard*, e *Berzelius*, a hematose é devida á combustão pelo oxigeneo do ar, e das partes carbonaccas do sangue venoso, provavelmente de sua materia corante; todavia

a pesar d'este paralelo de analogia, on identidade, que aos chimicos, e phisiologistas tem parecido existir em ambas as operações, e sobre que affectam não ensaiar alguma especie de dúvida, nós vamos provar, que este modo de encarar a respiração ou a obra da hematose, não soffre um exame rigoroso, e se torna insustentavel, porque se acha em contradicção com os factos, que a sciencia possui, e com experiencias directas.

Dous methodos podemos nós ensaiar para combater uma theoria; ou admittindo seus principios, e deduzindo d'elles todas as lacunas, inexactidões, e todos os absurdos, a que dão logar; ou combattendo directamente suas bases, provando sua falsidade, e a distancia a que ella fica do fim, a que se propôz: depois de seguirmos o primeiro, remataremos com o segundo.

Em primeiro logar deve seguir-se como corollario muito natural dos principios d'esta theoria, que o gaz acido carbonico, e vapor aquoso, que apresenta demais o ar expirado são productos, que tiveram logar no acto da respiração ou combustão, e todavia nada ha mais absurdo, e que máis incompativel se torne com todos os principios da chimica; por quanto não pôde conceber-se como em uma temperatura tão pouco elevada como a da respiração, principalmente nos animaes de sangue frio, possa o oxigeneo da atmosphera determinar em um liquido uma combustão sufficientemente energica de modo, que possa produzir em tão pouco tempo uma quantidade d'agua tal, como a que sai dos pulmões, durante a expiração; isto decorrerá como corollario mui natural se examinarmos qual é a quantidade d'agua em vapor, que expira o homem em um dado tempo.

Lavoisier em suas experiencias, ainda mui imperfeitas, fixou esta quantidade d'agua em 337 grãos; mais tarde avaliou-a em 11180, e por fim em 13704 gr. de França — 11952 de Prussia — 24,9 de onça; *Menzies* expirando em uma bexiga recolheu 6 onças em 24 horas; por experiencias analogas obteve *Cruishank* 180 gr. inglezes por hora, ou 2973 em 24 horas — 3164 gr. da Prussia — 6,59 de onça; *Abernethy* expirou em uma hora 3 oitavas de agua em um vidro, o que somma em 24 horas 4320 gr. inglezes — 4594 de Prussia — 9,57 de onça; mas como expirando numa bexiga, ou em um vidro, o ar que contém este reservatorio não tarda a saturar-se de vapor aquoso, cuja maior tensão impede, que continue a levantar-se do